

pulmão mais vapor aquoso, *Leguin* para evitar este inconveniente metteu-se em um sacco de taffeté encerado, collado exactamente em de redor da bocca por forma que não podesse perder-se transpiração cutanea, e a pulmonar se depositasse toda na athmosphera, cujo pezo veiu a conhecer pela diminuição do pezo do seu corpo na balança, e achou, que sua quantidade media era de 7 gr. por minuto, o que dá 1080 em 24 horas — 8791 gr. do Prussia — 18,31 de onça.

Hales já tinha chegado antes a um resultado analogo, expirando em um vaso fechado, que continha cinza de pau secco para absorver a agua exhalada; 50 expirações obtiveram-lhe por este modo 17 gr. d'agua; e admittindo 20 respirações por minuto dá em 24 horas 9792 gr. inglezes — 10413 de Prussia — 21,69 de onça; *Dalton* em 24 horas expirou 20 onças e meia por forma, que em 24 horas póde avaliar-se a media da exhalção pulmonar em 18 a 20 onças; cumpre advertir além d'isso, que como a evaporação deve de ser tanto maior quanto mais extensa for a superficie, que os pulmões offereçam ao ar, e quanto a respiração for mais profunda, e rapida, ainda esta proporção póde subir por forma, que seja possivel, que o homem que *Bichat* fez expirar em um vaso rodeado de gelo, e de sal marino exhalasse até 2 onças d'agua no espaço d'uma hora: ora poderá deixar de se considerar como o maior absurdo, que na temperatura, em que se faz a respiração se queime tanto gaz oxygeneo, e hydrogeneo, que produza vapor aquoso, que em 24 horas chegue a 20, ou 48 onças? Não só é impossivel que tal aconteça, e que tão grande quantidade d'agua se produza pela combustão dos gazes, de que ella é composta: mas não envolve menor absurdo, e impossibilidade que uma só gotta se produza no acto da respiração encaradas as cousas pelo lado chimico; porque a união do hydrogeneo com o oxygeneo não póde ter lugar senão pela faisca electrica, ou em uma temperatura visinha do calor rubro; e a temperatura do parenchyma pulmonar apenas chega a 33° segundo *Davy*; isto é tanto assim que fazendo *Despretz* as investigações as mais exactas sobre o grau de calor, que se desinvolve durante a combustão do carbone, e hydrogeneo, bem como sobre a do acido carbonico e agua expirados, o resultado de mais de 200 experiencias foi, que se o acido carbonico, e a agua são produzidos por

combustão durante a respiração, não póde provir daqui mais que 0,7 a 0,9 de calor real, e por consequencia ainda vem a faltar 0,1 a 0,3 para a temperatura, que apresenta em excesso o sangue arterial em relação ao venoso; investigações analogas provaram a *Dulong*, que a formação do acido carbonico na respiração d'animaes carnivoros não produz mais do que 0,49 a 0,57 de calor e 0,65 a 0,75 nos herbivoros; e posto que se lhe ajunte a formação d'agua, não produz a respiração mais do que 0,69 a 0,80 de calor animal: ora se mesmo quando fosse certo, que no acto da respiração tivesse logar uma combustão, era produzida uma tão insignificante temperatura, aonde a temperatura necessaria para a combinação do oxygeneo, e hydrogeneo? Era um circulo vicioso; a temperatura necessaria para ter logar a união do oxygeneo, e hydrogeneo, e que devia de existir no acto da respiração, era aquella mesma, que os chimicos faziam provir da mesma respiração! De sorte, que no instante, em que esta se fazia, já existia o calor, que elles davam produzido depois da combustão ou respiração; além d'isso quando fazemos a experienciã da combinação d'estes dois gazes no ludiometro d'agua, ou de mercurio, no momento, em que elles se combinam é tal o despego de calorico e luz, é tão alta a temperatura, que então se desinvolve, que a agua formada se gazefica, e sua condensação subita determina um abalo mui sensivel; e por ventura observa-se algum d'estes phenomenos na respiração? E se tivessem logar não se queimaria o pulmão, ou não se desorganisaria completamente?

Por consequencia a theoria chimica deixa excentrico, e por explicar o apparecimento do vapor aquoso nos productos da respiração; mas não é mais affortunada quando se esforça por explicar a presença do gaz acido carbonico nos productos.

Com quanto as experiencias feitas sobre a expiração no homem devam variar muito segundo se expira lenta ou rapidamente o producto da respiração, por isso que se carregã mais ou menos de acido carbonico segundo sua demora nos pulmões, e segundo que provém da trachea e seus ramos, e não de sua profundidade; todavia ainda assim mesmo as experiencias nos mostram bem qual seja a quantidade d'acido carbonico, que se expira num tempo dado.

Humphry Davy habituando-se a respirar

tão livremente no seu aparelho como no ar livre, achou em mais de 20 experiencias, que sua expiração natural dava 12, 75 de pollegada cubica d'ar contendo 1,2 de polleg. cubica de gaz acido carbonico: ora como se achava já na mesma quantidade d'ar inspirado $0,0078 = 0,1$ de polleg. cub. d'este gaz, os orgãos respiratorios tinham ajunctado 1,1 de polleg. cub., o que com o habito, que *Davy* tinha de respirar 26 a 27 vezes por minuto, daria pouco mais, ou menos no mesmo tempo 29 pollegadas cubicas; fazendo maiores esforços ainda expirou 139 polleg. cub. d'ar, contendo 6 de gaz acido carbonico, cinco das quaes provinham dos orgãos respiratorios, por isso que o ar inspirado já levava uma; finalmente quando elle tinha expirado durante um meio minuto pelo nariz, e expirado 14 a 15 vezes pela bocca em o seu recipiente, nelle achava 171 pollegadas cubicas d'ar, contendo 14 d'acido carbonico por forma, que se elevava a uma pollegada por cada respiração, e a 28 por minuto.

Nysten achou, que um homem robusto expirava em um minuto 16,264 de polleg. cub., um homem fraco 13,330, e uma mulher 12,678; segundo *Alen*, e *Pepys* um homem expirou em 11 minutos, e em 38 fortes respirações 3460 polleg. cub. d'ar atmosferico, e expirou 3437 polleg. cub. d'ar, contendo 292,145 de polleg. cub. d'acido carbonico, elevando-se por consequencia a 26,558 de polleg. cub. por minuto; e segundo elles esta experiencia dá a proporção normal; porque o seu resultado concorda com o das experiencias de *Davy* pouco mais, ou menos; o mesmo homem expirou uma outra vez mais rapidamente em 24 minutos, e meio 789,66 de polleg. cub. d'acido carbonico = 32 por minuto; um outro expirou em 5 minutos e meio 3311 polleg. cub. d'ar com 281,45 d'acido carbonico, cuja quantidade era igual a 51 por minuto; e depois d'uma inspiração natural, expirou-se com muito esforço em uma só vez 204 polleg. cub. d'ar, contendo 19,38 d'acido carbonico.

Finalmente a quantidade d'acido carbonico expirada no espaço de 24 horas tem sido avaliada por *Lavoisier*, e *Seguin* primeiramente em duas libras, cinco onças, e quatro oitavas; depois em 14930 polleg. cub. contendo 2820 graus francezes de carbone; por *Bostock* segundo *Davy* em 31680 polleg. cub.; por *Alen*, e *Pepys* em

39534 polleg. cub. contendo 5363 gr. inglezes de carbone, etc. etc.: de todas estas experiencias podemos nós concluir, que a media da quantidade d'acido carbonico exhalado em cada respiração é 1,4 de polleg. cub. prussiana, o que dá por minuto, sendo 20 as respirações, 28 pollegadas cubicas, por hora 1680, e por 24 horas 40320 polleg. cub., contendo 6483 gr. de carbone: ora com quanto *Rumford* nos diga, que o carvão póde formar gaz acido carbonico em uma temperatura muito mais baixa do que a necessaria para dar uma combustão visivel; todavia este phenomeno não tem logar senão com uma lentidão extrema, e por um modo insensivel; logo não póde admittir-se, que em uma temperatura tão baixa, como a da respiração, e em tão pouco tempo, e em um liquido se produza pela combustão tão grande quantidade d'acido carbonico, como vimos, que se produz em cada respiração, e em cada minuto nas experiencias precedentes; nem quantidade alguma d'este acido por pequena que seja; porque o acto da respiração é instantaneo, e por sua temperatura é muito mais inferior do que aquella, em que sua formação póde ter logar; por consequencia pela theoria chimica é impossivel explicar a presença do gaz acido carbonico na expiração; mas vimos que o mesmo accoecia em quanto á agua em vapor, logo falha ella na explicação dos phenomenos principaes da respiração.

(Continúa).

MAXIMAS MORAES.

Não há corpo fraco, onde o coração é forte.

A virtude sempre teve contradicções; e o illustre nome nunca se alcançou sem trabalhos.

Heitor Pinto.

ADVERTENCIA.

Para melhor intelligencia da poesia, impressa a paginas 208 d'este numero, remetemos os nossos leitores ao numero 3 da *Harpa do Mondego*, aonde vem publicada uma outra composição poetica do Sr. *T. A. Ribeiro* escripta no mesmo Album, com que esta tem toda a ligação.

1701
1702
1703

1701
1702
1703

1701
1702
1703

1701
1702
1703

Preço da assignatura.

Por 1 anno	1:200 réis
Por 6 mezes.	600 »
Avulso	160 »

Pode-se assignar remettendo directamente a importancia da assignatura ao Redactor principal da REVISTA ACADEMICA, Alexandre Meyrelles, rua do Corpo de Deos n.º 34, em Coimbra. Toda a correspondencia deve ser franca de porte.

Subscreve-se para a REVISTA ACADEMICA—em Lisboa, na loja do Sr. Lavado, *Rua Augusta* n.º 8; no Porto, Braga e Guimarães, na loja do Sr. Moré; em S. Miguel, em casa do Sr. Manoel Cardoso d'Albergaria e Valle; na Terceira, em casa do Sr. José Bensabat; no Fayal, em casa do Sr. Rodrigo Alves Guerra.

REVISTA ACADEMICA

JORNAL MENSAL.

N.º 12—NOVEMBRO DE 1854.

INDICE DOS ARTIGOS

Srs.		Pag.
J. A. Santos e Silva . . .	Correspondencia.....	221
Alexandre Meyrelles . . .	Correspondencia.....	230
T. A. Ribeiro	Saudades a Coimbra (<i>poesia</i>).....	231
Ernesto Marecos	Despedida aos meus amigos (<i>poesia</i>).....	234
Manoel Alves Guerra . . .	Reflexões sobre o theatro allemão.....	235
Manoel Maria Barbas . . .	Dissertação physiologica.....	236
	Manuscripto.....	239

Coimbra

IMPRESSA DA UNIVERSIDADE
1855.

Sala 10
Gab. 7
Est. 7
Tab. 14
N.º 14

6A

REVISTA ACADEMICA

JOURNAL MENSUEL

N.º 12 - NOVEMBRE DE 1924

INDICE DES MATIERES

Dr. J. Santos Silva . . .	1
Alexandre Herculano . . .	15
T. A. Ribeiro . . .	31
Ernesto Almeida . . .	47
Manoel Alves Guerra . . .	63
Manoel Maria Barbosa . . .	79

Comitiba

EDITORA DA COMITIBA
1924

Ao meu amigo Alexandre Meyrelles.

I.

Dignastes-vos, meu amigo, responder á minha carta: quizestes sobre ella fazer algumas reflexões. Um traço da vossa penna revela sempre o vosso character. Uma phrase vossa é sempre uma epopéa, que, sem vós quererdes, deixa perceber aos outros todo o cortejo das eximias qualidades moraes, que ornam o vosso espirito.

Sois sempre o cavalleiro da idade media, educado em pleno seculo XIX. Sois o homem crente, firme, leal, que vestis a vossa armadura, ajustaes ás mãos os vossos guantes, enristaes a lança, e ides por esse mundo em buscá d'aventuras, prestes a sacrificar a vida pela honra de donosa donzella offendida, ou em prol do fraco, atrozmente ludibriado pela brutal prepotencia d'outro homem. Mas em vez da sêde de sangue, que caracterisava esses heroes d'antigas eras, vós tendes a docilidade, a brandura, a suave e exquisita sensibilidade dos novos apóstolos da regeneração social.

Agradeço-vos, meu joven amigo, as palavras d'uncção, com que quizestes fortificar o meu espirito. Vistes-me juncto d'um despeñhadeiro; imaginastes-me tombado no abysmo tremendo do scepticismo, e quizestes ser o anjo da minha guarda, velando pela pureza das minhas crenças. Fostes revolver o passado. Puzestes face a face com a nossa sociedade dous vultos historicos do seculo XVIII. Compulsastes os fastos eternamente gloriosos de 1789, e forte com a vossa consciencia, fizestes uma appellação solemne a todos os homens, que ainda se não deixaram inquinár pela sordida voracidade do egoismo.

Agradecendo-vos cordealmente a justiça, que me fizestes, não posso deixar de declinar a honra de me alistardes no numero d'aquelles coripheus, que devem de tomar a iniciativa na grande obra da regeneração social. A iniciativa que me pertence, é a de combater, *ainda uma vez*, nas rasas fileiras populares, quando a honra e o dever de novo me chamarem. O pantheon, que me pertence, é a valla obscura do soldado plebeu, que nem a modesta cruz de madeira tem sobre o seu jazigo.

Creio em uma nova revolução social, meu caro amigo; e creio tanto mais na hora proxima da sua apparição, quanto mais se vai adiantando a quadra da dissolução.

VOL. II.

O progresso é eterno como Deus, de quem dimana. Transformam-se as sociedades; abatem-se monumentos seculares; expiram crenças, selladas pelo lento volver dos tempos; mas a humanidade caminha sempre. Os grandes cataclysmos sociaes, que as intelligencias timidias e meticulosas transformam sempre em nenias de declamações sentimentaes, são explosões naturaes, que servem para mostrar a harmonia e unidade, que prendem no mesmo plano providencial as leis da natureza physica e da ordem moral.

Quando um principio robustece na consciencia dos povos; quando uma idéa, formulada em necessidade social, se arraiga nas geraes convicções; — tende a patentear-se exteriormente, a ir buscar a luz, o ar, o calor, e todas as condições da sua existencia, e da vida para que fôra destinada; tende naturalmente a traduzir-se em facto permanente, a materialisar-se, a transformar-se em instituição, a regular a vida exterior da humanidade, a cumprir finalmente a sua missão.

Querer oppôr um obstaculo á tendencia natural, com que a providencia sellou o nascimento e desinvolvimento d'um principio, é dizer á semente lançada na terra, que não germine; é dizer á arvore que não cresça; é cortar a passagem ás torrentes do rio, que trsborda de seu leito; é pretender nesciamente contrariar a natureza.

Cada epocha canonisa uma idéa. Cada sociedade, que vai desmoronar-se, gera primeiro um precursor, que retempere nas aguas do Jordão, sempre perenne, o divino arauto, a quem coube a solemne missão de sellar com um novo verbo o livro variado da historia da humanidade.

Tudo no mundo é transitorio. As transformações são o grande principio, são a lei eterna da natureza physica e moral.

Na ordem physica a materia é indestructivel — não morre; porque a materia com as suas propriedades, porque a materia com as suas forças, e com as leis que lhe regem o movimento, é a propria natureza. Os elementos organicos, as moleculas, os atomos; as combinações binarias e ternarias; todo esse viver intimo da materia, que a natureza tem revelado ao genio incançavel da sciencia, desarranjam-se, desequilibram-se, e transtornam-se hoje, voltam ao seio commum donde sahiram, e nessa rapida e momentanea passagem, já vão pactuando novas combinações, para gerarem amanhã um novo ser.

NOVEMBRO — 1854

NUM. 12.

Na ordem moral a humanidade nunca morre. O que se desarranja, o que se transtorna, o que se desequilibra, são as individualidades moraes, são as instituições, são as idéas, são os principios, são todos os elementos da vida social, que entram tambem em novas combinações, para produzirem á manhã uma nova ordem de séres.

II.

Ha na historia da humanidade, entre outros, trez grandes factos, que revelam o poder magnetico, e a influencia prodigiosa, que um principio, que uma idéa exerce no espirito convicto dos seus adeptos. Fallo de JESUS CHRISTO, do seculo XV e XVI, da revolução franceza de 1789.

Si quis vult post me venire, abneget semetipsum et tollat crucem suam, et sequatur me (S. MATTHEUS c. 26). Se ha ahi alguém que queira seguir-me, tenha uma verdadeira abnegação de si mesmo, tome a sua cruz, e acompanhe-me.

Eis ahi as palavras, que o unigido do Senhor proclamou aos povos da terra, quando soou a hora solemne, que o supremo Creador do mundo marcára na sua mente sempiterna, para purificar, com a cruz e com o martyrio do filho unigenito, a humanidade, que se houvera inquinado no crime e na idolatria, nòs erros e na immoralidade. Nestas sanctas e sublimes palavras, que Christo dirigiu a todos aquelles, que a majestade de sua augusta pessoa attrahia em torno de si, não se vêem promessas mundanas d'ouro e de riquezas, nem gozos materiaes, nem nenhum d'esses luxuosos prazeres, que tanto sorri á sensualidade dos homens. É a perseguição, são os rudes trabalhos, é a espinhosa missão do apostolado, são os tormentos, é o ferro e o fogo dos inimigos de JESUS CHRISTO, é o martyrio, é a cruz, que em singelas e intelligiveis palavras se offerecem para coroa immarcescível de todos, que quizerem seguir o grande doutor das gentes.

Eis ahi consubstanciada a longa e sanguinosa historia dos filhos dilectos de JESUS CHRISTO. Abri as paginas do martyrologio christão; soletrae algumas linhas da vida de cada um d'esses soldados, que a Igreja todos os dias honra em seus canticos festivos: haveis d'encontrar em cada pagina um martyrio, em cada linha uma affrontosa condemnação.

Mas d'esses rastos de sangue que vos fa-

zem arripiar as carnes, e eriçar os cabellos, vereis sobresahir, como cedro secular no meio d'humilde relva, a coragem evangelica, a resignação apostolica, a heroicidade sobrenatural, as convicções inabalaveis, a consciencia do justo, que se fina no leito da morte, a paz no meio do tormento, o riso innocente no meio das grosseiras invectivas, a firmeza no meio das contrariedades tempestuosas da vida, a majestosa dignidade no meio das torpes alliciações, finalmente o sopro da Divindade bafejando docemente essas almas privilegiadas, que a mão de Deus fadou no céu, para que fossem pregociras na terra dos mysterios insondaveis da sua infinita omnipotencia.

Aquelle que a um aceno da sua vontade creára o céu e a terra; separára a luz das trevas; illuminára os globos celestes, com essas luzes immorredouras, que são outros tantos testemunhos da sua infinita omnipotencia; aquelle que se dignára apparecer em toda a majestade da sua augusta pessoa ao seu servo escolhido, e revelar-lhe no monte Sinai a lei das doze Taboas, com que lhe aprouve que fosse regido Israel até á vinda do Messias promettido; aquelle que liberalisára o dom dos milagres a muitos dos seus eleitos, alavanca poderosa com que derrocaram pela base o paganismo e a idolatria, a blasphemia e a heresia; não devera ter escolhido homens d'outra tempera, que auxiliassem, em uma dolorosa propaganda, o grande Tribuno da Palestina.

III.

Quando o verbo de Deus desceu á terra; quando JESUS CHRISTO appareceu entre os homens, uma grande parte do universo obedecia ao poder colossal do imperio romano. As provincias as mais affastadas do centro do imperio eram governadas por magistrados romanos, ou por principes da nação vencida, que a republica deixava reinar, mas com uma auctoridade subordinada á sua, e sob a rigorosa necessidade d'esses principes reconhecerem, que a sua corôa e toda a sua majestade não provinham senão da liberdade de seus vencedores.

Todas as partes d'aquelle grande todo, todas aquellas provincias e nações, tanto orientaes, como septentrionaes, jaziam mergulhadas na mais horrorosa superstição. A idéa do ser supremo não estava, é verdade, inteiramente extincta no espirito dos homens;

porque do meio do monstruoso quadro da idolatria, sobressahiam, aqui e acolá, sombras indecisas, vestígios semi-delidos d'uma crença na existencia d'um poder regulador, que dirigia lá de cima o viver das sociedades. Cada povo reconhecia uma multidão de potencias superiores, a que davam o nome de *deuses*, mas sempre subordinados a um poder mais perfeito, que era como o summo juiz e inspector, de quem todas as ordens emanavam. Todas estas divindades improvisadas, todos estes ridiculos objectos da grosseira veneração dos povos da antiguidade eram, ou heroes affamados pelos seus feitos guerreiros e sanguinarios, ou reis e generaes fundadores d'imperios, ou mulheres e homens celebres por acções extraordinarias e uteis descubertas.

O mundo physico fornecêra tambem a algumas nações uma outra especie de divindades. O sol, a lua, as estrellas, que sobressahiam, em todo o seu fulgor e brilhantismo, aos outros objectos naturaes, attrahiram o respeito e a admiração da parte do gentilismo, tão ignorante quanto supersticioso. A tendencia para objectos grosseiros e materiaes tornou-se de tal modo predominante em alguns povos, que se chegou a adorar montanhas e ribeiras, arvores e plantas, os ventos, a terra, e o mar. Houve mesmo quem erigisse altares aos vicios e ás virtudes, á saude e ás molestias.

A superficie do globo cubrira-se quasi toda d'altares. Por toda a parte a materia endeusada governava como soberana os destinos da humanidade. Os ritos e as cerimoniaes, a religião e os mysterios — tudo era absurdo e ridiculo, cruel e obsceno. Aqui se offereciam animaes; acolá eram victimas humanas as destinadas a socegar a cholera dos altos dignatarios do olympo. Em uma parte glorificava-se ferosamente toda a casta de lascivia opposta á natureza; proclamava-se com descaro a excessiva liberdade do divorcio, a necessidade de engeitar os filhos, e de promover os abortos. Em outras partes consagravam-se publicamente casas á devassidão, e festejavam-se certas divindades, que eram as protectoras natas das scenas voluptuosas e dos escandalos repugnantes. Finalmente a escravidão do homem pelo homem, e a degradação da mulher, eram arvoradas em principios de direito e de moral.

D'este muito resumido quadro, que eu acabo de vos traçar; d'este viver materialisado pela corrupção, em que se revolvía ver-

gonhosamente a humanidade, salta como cousa de primeira instituição, a necessidade imperiosa d'um tribuno divino, que instruisse os homens nos verdadeiros principios da religião e da virtude, e trouxesse o seu espirito desvairado á comprehensão dos faéis theoremas do direito e da moral.

Trez annos passara o Christo no meio das mais afflictivas provações, annunciando aos homens a vontade de seu augusto pae: sua vida foi sempre um exercicio continuo de pureza e de virtude. Nunca a mais leve sombra offuscou o brilho d'aquella celeste majestade. Todos os seus actos estiveram sempre sobranceiros aos ataques da calumnia, e ás insinuações da perfidia. Com o magico poder da sua palavra sujeitou a si povos e reis, sabios e ignorantes.

Depois da morte do divino mestre a Egreja continuou a ser alvo das sanguinarias perseguições de todos os adoradores fanaticos, que o interesse ou a cegueira não poderam desligar dos velhos absurdos.

É impossivel traçar em um pequeno quadro as infamias e os horrores dos Neros, dos Domicianos dos Marco-Antoninos, dos Severos, e de milhares de verdugos, que ensanguentaram a terra com o sangue dos corajosos adeptos da doutrina do Evangelho.

Transportae-vos aos começos do seculo IV da Egreja christã, quando o imperio romano foi partilhado entre os quatro imperadores, Diocleciano, Maximiano Herculeo, Constancio Chloro, e Maximino Galero. Bonançoso começara o governo d'estes quatro homens. A egreja como que gosava d'uma feliz tranquillidade. A perseguição como que se tinha cançado de descarregar golpes despidosos, e como que tinha embotado o fio da sua espada. Mas esta paz era toda apparente. Era o relampago brilhando nas trevas, para transportar logo a traz de si as descargas de materia electrica, que inflamam os ares, e extinguem, rapidas e fulminantes, todo o vicio da natureza. Era a luz, que brilha um momento com mais vigor, quando está proxima d'apagar-se.

Diocleciano, homem supersticioso e grosseiro, deixara-se finalmente ganhar pelas insinuações dos sacerdotes pagãos, e pelas súplicas de sua mãe. Em um edicto do anno 303, e em outros, que após este se seguiram, teve elle a louca pretensão d'extinguir para sempre o christianismo, como se a vontade de Deus podesse, nem um momento, ser contrariada pelos maiores poderes da terra.

Todas as especies de tormentos foram inventadas para compellir os proselitos do christianismo a rasgarem as bandeiras, sob cujas pregas uma vez se tinham abrigado. Houve, é verdade, timidos, mercenarios, e traidores; mas a grande maioria dos varões distinctos pela sua piedade e sabedoria preferiu antes o martyrio, que torcer a consciencia perante a ignominia, e a infamia. Quem não succumbia no meio das praças, em pleno dia, aos golpes tremendos dos canibae do paganismo, lá ia homisiar-se nos subterraneos das montanhas, e embrenhar-se nas vastas solidões do deserto, entoando hymnos ao supremo regulador do universo, e adorando o seu poder na immensidade dos espaços, objectos exclusivos, que se offereciam á contemplação dos seus sentidos.

Accontecia muitas vezes, que estes eremitas fossem surprehendidos nas suas grutas, e obrigados a largar a vida contemplativa e mystica, cujas horas dispendiam em ascetica devoção. Levados perante o tribunal, que lhes ía rasgar as carnes, e decepar as cabeças, era então que a resignação evangelica se mostrava em toda a sua altura e majestade no espirito impassivel d'estes heroicos soldados do martyrio. Ás ameaças e aos tormentos respondiam com a lei de JESUS CHRISTO, com o riso nos labios, e com a serenidade do espirito. Ás insinuações, ás promessas, aos affagos, respondiam com o desprezo, e com a dignidade propria das almas privilegiadas, que nunca se deixaram polluir com as immundicies da terra.

Que lhes importavam a elles, nobres estoicos, macerados pela rigida austeridade do asceticismo, os improperios e baldões, que as turbas, sempre avidas d'um escandalo, costumam arrojear sobre as victimas officiaes do despotismo da auctoridade, cuja sorte lhes devera antes despertar a compaixão?! Que importavam os pentes de ferro, as fogueiras, o patibulo, áquelles homens, retemperados no baptismo do sacco, do cilicio, do jejum, e de todas as privações physicas??

É que naquelles homens havia a fé, a firmeza, e a lealdade, virtudes indispensaveis, como vós muito bem dizeis, meu caro redactor, para se poder trajar as insignias de verdadeiro crente. É que o *credo* d'aquelles homens, mote grandioso, e rasgadamente regenerador, se infiltrara no seu espirito, identificara-se com elles, fazia a parte essencial da sua vida, era o seu movimento.

IV.

Nihil sub sole novum, dizia Salomão. É talvez na ordem moral, que a historia, em cada uma das suas paginas, nos esteja todos os dias mostrando a verdade d'esta asserção sentenciosa. Fallo de muitas das idéas, que fizeram parte do programma revolucionario, religioso, politico, e social do seculo XVI.

Já no começo do seculo V, Pelagio, monge da Gram-Bretanha, desenrolára o estandarte do livre arbitrio, e da inutilidade da graça. No seu livro — *de divitiis* — o celebre apostolo do asceticismo proscreeva d'um modo peremptorio as riquezas e o juramento. Tomando ao pé da lettra certas passagens do evangelho, e proclamandó o principio soberanamente ascetico e irrealisavel da egualdade material na pobreza o heroe do mysticismo, dos extasis, e das visões, involucra no seu *credo*, essencialmente subversivo da ordem social, e em visivel relutancia com o progressivo desinvolvimento da natureza humana, um fulminante anathema ás orthodoxas doutrinas da Igreja de JESUS CHRISTO. O homem, dizia Pelagio, póde por seus unicos esforços, e sem alguns soccorros sobrenaturaes, elevar-se á alta perfeição moral, e subtrahir-se ao imperio do peccado.

Debalde S. Agostinho, na sua epistola *ad Hilarium*, provára por exemplos tirados da Escripura a legitimidade da posse das riquezas. Distinguindo no evangelho as prescripções obligatorias e os simples conselhos, e explicando o verdadeiro sentido da lei das renúncias, essencialmente relativo ao fôro interior, e não podendo estender-se até a suppressão das condições necessarias da vida individual, e da conservação da sociedade, o nobre escriptor do catholicismo fôra impotente para extinguir uma doutrina, que passando por successivos remodelamentos, tinha de representar na sociedade um transcendente papel. Das cinzas dos Pelagianos nasceram os Vildenses e os Albigenses.

Não é intenção minha historiar todas as seitas, que fizeram nutar nos seus cimentos o orbe catholico, até á grande revolução do seculo XVI. Os docitas, e as multiplices seitas dos manicheos, as heresias de Pedro Brueys, Henrique, Arnaldo de Brescia, e Esperão, condemnados ao fogo como here-siarcas, são outros tantos protestos energicos contra a corrupção, o luxo, a excessiva dominação do clero, e o despotismo desas-

trado dos papas. Roma, a Babylonia impura, a grande prostituta do Apocalypse, como a alcunhavam os revolucionarios d'aquella epocha, era o alvo, contra o qual se disparavam todos os tiros d'uma guerra, notavel pelo indomito fanatismo de seus soldados.

Desgraçadamente a Igreja divorciara-se completamente com todas as boas regras de pureza e simplicidade. Assentando o seu dominio sobre o polytheismo expirante, e relanceando um olhar cupido e mundano sobre o poder temporal dos reis, e as crenças grosseiramente religiosas dos povos escravizados, começou immediatamente de traficar com a timida consciencia d'uns, e com a ignorancia e fanatismo d'outros. Já no fim do XIV seculo, o prefeito Pretextus symbolizava nestas notaveis palavras o luxo desenfreado dos bispos metropolitanos. « Fazei-me bispo de Roma, dizia elle ao papa Damasio, e eu me farei christão. » Na mesma epocha S. Jeronymo lastimava amargamente a cubiça do clero, herdeiro dos escandalos de Roma, e habilmente iniciado na arte de captar as successões, e de illudir por meio de fraudulentos fidei-commissos as leis, pelas quaes, os monarchas christãos se oppunham á sua illimitada avareza. Estes padres, de chistosa memoria, vendiam a phisionomia severa e respeitavel do seu myster divino, pelas truanices degradantes, e mimicos galanteios, que lhes facilitavam feliz accesso juncto d'uma mulher.

A invasão dos barbaros fizera substituir os mais grosseiros vicios á corrupção dos romanos. Os bispos e abbades, introduzindo-se subrepticamente no animo dos selvagens conquistadores, e atrelando-os ao carro papal, com os grilhões da religião, acabaram por se transformar em nobres castelões, jungindo o poder politico á auctoridade espiritual. Possuidores d'uma grande parte do solo, percebiam de mais a mais o imposto vexativo dos dizimos. Pela sua parte a cõrte de Roma não descurava a salvaguarda de seus filhos, absorvendo-lhes, a titulo d'annatas, indulgencias, e esmolos, uma grande parte do producto de seu trabalho. É então que se vêem papas adulados por uma cõrte de prostitutas, outras tantas messalinas, empenhadas á porfia em accender em corações, que só deviam arder no fogo da caridade, da religião, e da pureza, as chamas da devassidão, e dos prazeres infernaes. É então que se vêem bispos assassinos, padres simoniacos, e alardeando publicamente

os escandalos da concubinação; frades peralvilhos, vadios, e preguiçosos, passando o tempo a cassar, nas orgias, e a jogar, introduzindo concubinas nos claustros, e batendo-se por questões de seus filhos illegitimos.

Tal é o estado lastimoso do christianismo, que tocou o seu apogeu no X seculo, que Baronio, escriptor dedicado ao papado, e por isso mesmo insuspeito, chama o seculo de ferro da Igreja.

De todas as seitas, que acima mencionamos, e a que deram nascimento a voracidade e a dissolução, que deixamos registradas, a mais importante é a seita dos Albigenses e Valdenses. Forte pelo numero de seus adherentes, robustecida por uma longa vida, fanatisada e tremenda pelas terriveis perseguições dos seus inimigos, atravessou com denodo muitos seculos, vulgarizou por toda a parte os seus principios, e deu no papado golpes profundos, que nunca poderam cicatrizar. Os Albigenses doutrinavam, que o character sacerdotal se perdia pela indignidade, resultante do peccado e do crime; que os sacramentos não tem valor senão quando são offerecidos por pastores recommendaveis por suas virtudes. Negavam a desigualdade espiritual do clerigo e do leigo, condemnavam o culto da virgem, dos sanctos, das reliquias, os falsos milagres, as piás fraudes, as indulgencias, a confissão auricular, e a absolvição dos peccados. Condemnavam a multiplicação dos sacramentos, e das cerimoniaes, como rede lançada pelo clero sobre a bolsa dos fieis. Repudiavam os votos monasticos, o juramento, e a barbaridade dos supplicios. Traduziam e estudavam o antigo e novo Testamento; pretendiam, que o culto se celebrasse em lingua vulgar, e que se recitassem só as preces, que CHRISTO nos ensinou. Negavam a transsubstanciação na eucharistia, e tinham horror á missa, como invenção diabolica, e mais propria da nigromancia, que d'uma religião, toda simplicidade, pureza, e verdade.

Ahi deixamos sem commentarios o *credo* d'esses homens rigidos e austeros, cuja pureza de costumes o proprio S. Bernardo foi obrigado a confessar. Protegidos por Pedro, rei d'Aragão, pelos condes de Toulouse, viscondes de Beziers, Narbonne, e Carcassone, os Albigenses tinham circumscripto a sua revolução dentro de limites puramente religiosos sem alcançarem as consequencias, que

deviam um dia ser tiradas dos principios, que atrevidamente proclamaram. Na *nobla leiczon* poema datado do anno 1100 se compendia toda a doutrina d'estes escrupulosos respeitadores da propriedade leiga feudal, que atacavam todavia com furor monomaniaco a propriedade clerical, a propriedade de mão morta, apanagio das altas funções sacerdotaes. Esta guerra aos bens do clero não podia deixar de convir á aristocracia nobiliaria, chamada naturalmente a recolher os despojos dos sacrificados. É esta mira nos bens alheios, é este ardor cupido, que devorava as entranhas dos nobres castelões, que explica a benevolencia e protecção, que grande parte d'estes homéns inimigos, como o clero, da egualdade e fraternidade, prestavam aos reformadores puramente religiosos.

Vencidos e perseguidos por toda a parte, a pesar da valiosa protecção, em que se esteiaram, os Albigenes deixaram pela Europa o germen da revolta contra a Igreja. Nem a barbaridade dos soldados de Montfort, nem os rigores da inquisição foram capazes d'aniquilar as convicções, que as suas doutrinas arraigaram no espirito dos povos, que habitavam metade da Europa.

Walter Lollard, Wiclef, e João Huss, são os trez vultos historicos, que se apresentam como instrumentos providenciaes, para jurarem, sobre os tumulos dos Albigenes, immolados ao furor papal, uma guerra de morte ao despotismo de Roma.

Walter, bardo ou ministro dos albigenes, dogmatizando em 1315 á frente d'oitenta mil discipulos, revolucionou toda a Allemanha, e esteve a ponto de conseguir um triumpho, que a providencia houvera destinado para o monge obscuro de Witemberg. Preso e queimado em Cologne com uma grande parte de seus discipulos, mostrou-se firme, como as suas convicções; nem o terror nem o arrependimento fizeram dobrar o coração impassivel d'aquelle heroico soldado da reforma.

Wiclef, protegido d'Eduardo III., rei d'Inglaterra, foi um inimigo furioso dos papas. Tomando a peito a causa do seu protector em uma controversia, suscitada entre elle e o papa, passou depois a attacar o poder temporal e espirital de Roma, e a proclamar a sujeição da Igreja ao estado. Collocando a revolução sob a egide da auctoridade temporal, este homem foi mesquinho e inconsequente na sua doutrina, como os

seus predecessores. No despotismo dos reis nada havia para elles que reformar! Estes insultos á boa logica, ao senso commum, á moralidade e á liberdade dos povos, acharam finalmente nobres vingadores em Wat Tyler, John Ball, e Jack Straw.

Proclamando a abolição da escravidão; a liberdade plena de comprar e vender; a supressão de todos os direitos feudaes e vexatorios; a substituição d'uma renda fundada sobre o producto das terras, em lugar das corvéas e servidões pessoas, a redução das rendas das terras, que os senhores extorquiam aos colonos; estes homens fizeram tremor a Inglaterra com cem mil revoltosos. John Ball e Wat Tyler iam ainda um pouco mais adiante, pedindo a extincção das hierarquias nobiliarias, e uma justa repartição da propriedade, accumulada nas mãos da aristocracia feudal. A pesar da justiça d'um programma tão sympathico, o movimento britânico foi suffocado em 1381 por meios traiçoeiros e infames. Concessões feitas, e retractadas depois da dispersão dos insurgentes; a amnistia violada; Wat Tyler assassinado; Tressilian passeando forcas por toda a Inglaterra, e supplicando milhares de revolucionarios, que tinham deposto as armas em face d'uma amnistia regiamente garantida; foram os meios com que a aristocracia normanda affogou por um momento a insurreição.

Dos escriptos de Wiclef nasceram as predicas de João Huss. As doutrinas d'este martyr religioso apresentam a mesma physionomia que as de seu mestre: são um vehemente protesto contra a auctoridade dos papas, as desordens da Igreja, as riquezas do clero, e os abusos das ordens monasticas. O reformador nem foi hostile aos nobres, nem aos ricos; pelo contrario abrigou-se sempre sob o escudo da aristocracia secular. Professor de theologia na Universidade de Praga, confessor de Sophia, rainha de Baviera, deveu a sua condemnação no concilio de Constança ao odio que lhe votavam os frades, cujos vicios deplorara. João Huss estava além d'isto indisposto com muitos dos seus antigos collegas da Universidade, que se sentavam no Concilio. Defensor das prerogativas da Universidade de Praga, que pretendia subtrahir á jurisdicção de Gregorio XII, que seus collegas servilmente adulavam, dissentindo d'elles em muitos pontos das subtilidades dogmaticas, controversias religiosas, em que mais duma vez a

perseguição, a intriga, e o cadafalso substituíram as armas da discussão e da logica; *João Huss* foi a victima expiatoria, sacrificada aos rancôres mal disfarçados d'um Concilio, que se dizia infallivel e impeccavel. Condemnado ao fogo, com seu amigo *Jeronymo de Praga*, *João Huss* teve uma morte digna da firmeza das suas crenças. Inflexivel diante das chammas, como o fora diante do Concilio, o illustre martyr da Bohemia não quiz confessar-se culpado, sem que primeiro o tribunal de sangue, que lhe tinha lavrado a sentença do mais affrontoso passamento, o convencesse logicamente dos seus erros. Bem previra elle a impotencia moral d'aquelles homens, que em vez de discutirem placidamente, e abraçarem os pontos da reforma, que o senso commum aconselhava, foram para um Concilio gladiar-se, e rasgar uma por uma as paginas da fraternidade evangelica.

V.

Era o anno de 1517, quando *Martinho Lutero*, nascido em Eissében na Saxonia, religioso da ordem dos eremitas mendicantes de S. Agostinho, e professor de theologia na Universidade de Wittemberg, surgiu das cinzas ainda quentes dos Hussitas, armado do livre exame, e d'uma temivel erudição. Leão X sentava-se então na cadeira de S. Pedro. Maximiliano I, principe da casa d'Austria era rei dos romanos, e imperador d'Allemanha; e Frederico o *sabio* era o eleitor de Saxonia.

Felizes foram os presagios, que precederam a entrada d'aquelle homem no grande drama revolucionario, que imprimiu no espirito humano uma violenta e duradoura commoção. Os turcos assenhoreando-se de Constantinopola em 1453; as letras gregas espalhadas na Europa pelos fugitivos do baixo imperio; *João de Guttemberg* inventando a imprensa, em Mayença, em 1440; um mundo novo descoberto e conquistado por Colombo, e Cabral; o Concilio de Constança apeando do throno pontificio os trez ambiciosos Innocencio VII, Bento XIII, e Alexandre V; que se inculcavam ao mesmo tempo como os legitimos e infalliveis successores de S. Pedro; o Concilio de Bale proclamando a superioridade dos concilios sobre o papa, e cortando pela raiz antigas controversias, que por muito tempo obscureceram o horisonte religioso d'uma theologia turbulenta: — tal fôra o brilhante cor-

tejo de prodromos, que annunciaram a vinda d'esse frade exterminador, que a pezar do seu genio audacioso não deixou de peccar por mesquinho e inconsequente, como todos os revolucionarios, exclusivamente religiosos.

O monge de Wittemberg atacando de frente a supremacia papal, e proclamando a emancipação religiosa do homem, prégava ao mesmo tempo a obediencia passiva ao poder temporal, e endeusava o despotismo dos reis, sanctificando a doutrina do direito divino. Desgraçada contradicção! inexplicavel obcecção! Uma vez preconisado o direito de resistencia e do livre exame, uma vez proclamado o direito d'insurreição contra o absolutismo atrophiante dos pontifices, era necessario, para honra da intelligencia humana, que a logica popular fosse discutir em frente dos thronos os actos da realeza, e pedir contas aos reis das humiliações e vexames, em que tinham agrilhoadas as populações escravizadas.

Tudo era extraordinario em Lutero: talento superior, genio elevado, memoria immensa, paciencia a toda a prova, coragem acima de todas as vicissitudes humanas. Como theologo seguia S. Agostinho, mas preferia sempre as decisões litteraes da escriptura ás interpretações da razão humana, muitas vezes desviadas da verdade, por sophisticas subtilizas.

Já vacillante pelas guerras do seculo XV, e pelos escandalos de Rodrigo Borgia, que foi entre os papas, o que Nero foi entre os imperadores romanos, a cadeira de S. Pedro nutava de novo nos seus cimentos, pelo trafico desenfreado das indulgencias, destinadas a esteiar os esplendores de Leão X. João Fetzel prégando em Allemanha as famosas indulgencias, que perdoavam, a quem as comprasse, todos os peccados, passados, presentes e futuros, de qualquer ordem que fossem, accendeu no peito de Lutero uma nobre indignação contra o vil impostor, que assim ridiculisava o mais augusto privilegio do divino redemptor da christandade. A maior parte d'Allemanha submete-se com entusiasmo á palavra eloquente do ousado reformador. A Suissa abraça a reforma pela propaganda de Zwingle; e na Suecia Gustavo Vaza, o principe valente, e generoso patriota, e na Dinamarca Christiano II, ambos abraçam convictos as novas idéas, que os subtrahiam victoriosamente á ferrea pressão dos sanctos padres. Na França Margarida rainha de Navarra, e irinã do infeliz Fran-

cisco I, na Grã-Bretanha Henrique VIII, cada um por motivos peculiares, se esforçam por derrocar a auctoridade do pontifice faustoso.

Entretanto Leão X, ao principio entorpecido pelos prazeres enervantes da sua Capua prostituida, acorda finalmente aos plangentes gemidos dos poucos cortezaões, que tinham previsto todo o alcance das predicas incendiarias de Lutherero. Publicando um edicto particular, em que mandava reconhecer o poder que tinha de perdoar todas as especies de penas, devidas a peccados, qualquer que fosse a sua natureza, o papa confiara plenamente na arma infernal da excommunhão, para conter na obediencia os desordeiros. Porém o tempo do terror era passado, e Lutherero, zombando das iras do vaticano, appella do papa para um concilio. Não obstante a sua heroica resolução, Lutherero esteve pouco depois prestes a conciliar-se com Leão X, pela tactica cortez de Miltitz, habil agente da cõrte romana. E se não fossem as disputas imprudentes de Eckius sobre o livre arbitrio, que contrariavam e insultavam as fundas convicções do professor de Wittemberg, talvez que a reforma tivesse então sido suffocada, e que o intrepido revolucionario d'Allemanha trocasse o glorioso papel de tribuno por alguma elevada gradação, na hierarquia pomposa da cõrte pontificia.

Eckius, despeitado pelos triumphos, que Lutherero obtivera sobre elle em públicas discussões, obteve finalmente, ajudado pelos frades, uma bulla, datada de 15 de Junho de 1520, que declarava hereticas 41 proposições das obras do reformador, condemnava ao fogo seus escriptos, e intimava-o, sob pena d'excommunhão, a retractar-se em 60 dias, e a render-se á clemencia do papa. Foi então que Lutherero se elevou a toda a altura da sua coragem audaciosa. A 10 de Dezembro de 1520 fez accender, fóra de Wittemberg, e em presença do povo reunido, uma fogueira, em que queimou a bulla, as decretaes e os canones, que definiam a supremacia papal; declarando solemnemente, que não se reconhecia por subdito de Roma, e que era superflua a excommunhão, que todos os dias se esperava; porque quem lança publicamente ao fogo o codigo, que encerra as leis de seu soberano, prova que se não submete a elle; e quem se retira voluntariamente d'uma sociedade, não tem necessidade de ser d'ella expulsado. Leão X res-

pondeu á logica severa e turbulenta do reformador com uma bulla, datada de 6 de Janeiro de 1521, que lhe infligia a pena d'excommunhão, por ter insultado a majestade do papa, e negado a sua supremacia.

Luthero até então só se separara da Igreja, no ponto em que ella julgava o papa infallivel; e de nenhum modo da Igreja universal, a cujas decisões se curvaria, logo que fosse legalmente representada em um concilio geral, livre e legitimamente reunido. Mas o orgulho de Leão X e o zelo desastrado de seus agentes decidiram-no a uma completa separação. Lançando os alicerces da igreja Lutherana, com principios oppostos aos de Roma, e com uma disciplina mais conforme ao espirito e preceitos do evangelho, Lutherero foi principalmente coadjuvado por Melancton, caracter nobre, e sabio consummado. O nome de protestante, que ainda hoje conserva esta seita poderosa, veio-lhe d'um protesto, que lavrou contra as decisões da dieta da Spira, e em que apelava para um concilio, e para Carlos V, rei d'Hespanha, e imperador d'Allemanha.

Depois de trinta annos d'intrigas e guerras de religião, depois de muito sangue derramado, e de muita victima immolada aos rancores do papado, e ao fanatismo vandálico dos revoltosos, concluiu-se em Augsburg a famosa paz da religião, a 25 de Setembro de 1555, e nove annos depois da morte de Lutherero. Garantiu-se aos protestantes o livre exercicio da sua religião, a emancipação da jurisdicção papal e episcopal, e liberdade completa de religião e culto externo para todos os subditos allemães. Esta paz é memoravel não só pelo triumpho completo do protestantismo, mas tambem porque poz termo a 30 annos de disputas religiosas entre o poderoso Carlos V. e varios principes d'Allemanha, que seguiam as partes da reforma: litigios desastrosos, que affligiram por muito tempo a Igreja e o imperio e que quasi fizeram soçobrar a nau da religião pela impericia, ambição, e despotismo de Leão X, e de seus predecessores.

VI.

Ao lado da revolução religiosa surgira o tremendo spectro da revolução social. Nem a palavra auctorizada de Lutherero, que deixara furtivamente o seu mysterioso captivo de Wartbourg, que allegoricamente designava a sua ilha de Patmos; nem a deser-

ção do veneravel Carlostadt e do generoso Melancton, que acolheram ao principio com sympathia a doutrina dos communistas, foram capazes d'atrophiar o movimento insurreccional dos anabaptistas. Thomaz Munzer, discipulo de Nicolau Stork, deduzira da egualdade dos fieis diante de Deus, do principio da paternidade christã, a egualdade politica absoluta, a abolição rapida de toda a auctoridade temporal, a espoliação geral, e a communidade dos bens. Ardente, entusiasta, e intractavel, como todos os fanaticos, que não transigem, Thomaz Munzer assassinou por suas mãos a mais generosa das revoluções, porque não soube adaptar ao espirito do seu seculo sómente aquellas idéas que se podiam realisar. « Nós somos todos irmãos, dizia o eloquente tribuno, e não temos senão um pae commum em Adão. Donde procede por conseguinte a differença de hierarquia e de fortuna, que a tyrannia poz de permeio entre o povo e os grandes do mundo?! Porque gemeremos nós na pobreza, e seremos opprimidos pelos trabalhos, em quanto que elles nadam na abundancia! Não temos por ventura direito á egualdade dos bens, que devem naturalmente ser repartidos sem distincção entre todos os homens? A terra é uma herança commum, onde temos uma parte, que nos roubaram. Que nos mostrem, se são capazes, o contracto, em que fizemos a cessão da parte, que nos pertence na herança paterna. Restituinos, ricos do seculo, avaros usurpadores, os bens de que injustamente nos espoliastes! Não é só como homens, que temos direito a uma egual distribuição, é também como christãos »

Foram estas deploraveis exagerações, que fizeram abortar a celebre *guerra dos paisanos*. Thomaz Munzer foi o infeliz precursor das utopias communistas do seculo XIX. O martyr do communismo do seculo XVI deveria ter-se contentado com as pretensões razoaveis dos paisanos, que, em numero de 40 mil, estiveram a ponto de radicar triumphantemente as suas doutrinas em toda a Allemanha. O direito de escolher os seus pastores entre os pregadores do evangelho; a redução dos dizimos, e a sua applicação ao sustento dos ministros da religião, ao pagamento dos subsidios communs, e ao allivio dos pobres; a extincção da servidão, fundada na redempção de todos os homens pelo sangue de JESU CHRISTO: o direito de caça e de pesca, consequencia do imperio, que

Deus deu ao homem, sobre todos os animaes; a moderação das corveas; o direito de possuir terras, e de as arrendar por condições razoaveis; a redução dos impostos, muitas vezes superiores aos productos; a justiça e equidade nos tribunaes, substituidas ao favor; a restitução de pastagens e logradouros communs, usurpados pela nobreza; a suppressão dos tributos pagos ao senhor pela viuva e orphão, quando tinha logar a morte do pae de familia: taes eram os artigos principaes, que compunham o programma dos paisanos.

A derrota de Munzer em Frankenhausen foi seguida de desastres continuados, em que succumbiram mais de cem mil paisanos, immolados, em terriveis represalias, ao furor indomito da aristocracia victoriosa. Os esforços posteriores de Mathias, Melchior Hoffman, e João de Leyde, continuadores desgraçados das theorias subversivas de Thomaz Munzer, não foram mais que pretextos da parte da nobreza rancorosa, para involver no mesmo anathema o communismo exagerado e as reformas politicas e sociaes, que a razão e a justiça aconselhavam. Se o programma, que acima transcrevemos, houvera triumphado na Allemanha, o seculo XVI teria aptecipado a gloriosa revolução de 1789; e talvez, que o espirito público, meditando e modificando as doutrinas de Thomaz Munzer, já hoje tivesse resolvido os dois mais momentosos problemas, que agitam o seculo XIX: fallo da reorganisação da propriedade, sem extinguir o direito absoluto, e da abolição da auctoridade, pela simplificação lenta e gradual dos poderes do estado, e pela descentralisação, tanto administrativa, como politica.

VII.

Quizera ainda, meu caro redactor, fallarvos da revolução franceza de 1789; quizera fazer-vos palpitar o coração d'enthusiasmo, e encher-vos de respeitosa admiração pelos nomes venerandos de Mirabeau, Camillo Desmoulius, Girondinos, Danton, Robespierre, e Convenção. Quizera, que me visseis avaliar o quadro terrivel, e ao mesmo tempo glorioso da democracia, os seus feitos heroicos, o tempo do terror, da coragem civica e militar, da abnegação individual, do fanatismo politico, e das paixões revolucionarias. Mas esta epocha da historia da humanidade é sobremoda conhecido, e diffe-

rentemente avaliada; e não são de certo as paginas do vosso jornal, exclusivamente litterario, as que devam comportar a sua analyse, que se ha de resentir d'uma opinião individual.

Crêde, meu bom amigo, que as minhas convicções estão tão firmes e inabalaveis, como na hora em que o estudo e a reflexão pela primeira vez as enraizaram. Lamento as deserções deshonrosas, que os transfugas mercenarios todos os dias estão fazendo para o campo das ignobeis especulações. Lamento as opposições acintosas e pessoaes, com que o jornalismo portuguez desacredita a causa do progresso, desconhecendo a verdadeira missão d'uma propaganda evangelizadora. Lamento o moral entorpecimento, que invadiu o organismo d'uma sociedade sceptica, e que só tende a materialisar-se. Lamento o desamor pela instrucção, e o menosprêzo pela iniciativa popular. Lamento finalmente, que a mocidade esperançosa se vá tomando da lepra, com que os velhos desmoralizados nos querem corroer as entranhas. Ha ainda nobres caracteres em Portugal; mas uma parte é impotente, e vive da beatifica contemplação dos seus passados feitos; outros, desesperando do futuro, transigiram com o ocio, que os annos e os trabalhos necessitam.

Entretanto, meu redactor, não deveis suppôr, que descreio do futuro. A Providencia vela pela humanidade, e os tribunos nunca faltaram, quando o imperio das circumstancias os reclama. Mas o que é facto, é que as revoluções só são duradouras, quando o espirito público está d'antemão preparado. Ora é a esses trabalhos preparatorios, que eu quizera ver votados todos os que se dizem religionarios da nobre causa do progresso.

É tempo de pôr termo á minha carta. Desejo-vos, meu redactor, uma feliz terminação da vossa carreira academica. Como é provavel, que uma longa distancia nos separe para sempre, peço que conserveis sempre uma benevola recordação do vosso camarada nas armas, companheiro nas letras, correligionario nas crenças, e amigo dedicado.

Castello de Vide, Junho de 1855.

J. A. Sanctos e Silva.

Meu Caro Amigo e Collega.

Quizera responder-vos largamente, como exigia a natureza do importante trabalho,

que tivestes a bondade de me offerecer; quizera acompanhar-vos nessa magnifica ascensão pelo tempo e no espaço através dos grandes feitos da historia; mas nem o tempo me sobeja, nem ha já logar para mim nas columnas d'este jornal, que com este numero acaba o seu tyrocínio d'este anno.

O tempo, meu caro collega, que não deixou, que consummassem a sua missão na terra esses grandes vultos historicos, que vós fostes desenterrar do fundo do sepulcro, para os levantardes diante de mim, em todo o esplendor da resurreição, arrebatá-nos, tambem a nós, filhos perdidos d'este seculo, para outros destinos, e quem sabe se para outras regiões.

Para onde vamos e quando havemos de repousar d'esse arrojado vôo pelos dominios da vida e da intelligencia? Problema insolúvel, que tem feito, e ha de fazer sempre o tormento das gerações!

A historia foi sempre para mim um grande e sublime mysterio. Em cada uma de suas paginas julgo ver uma revelação da luz divina. Em cada ferida, que goteja do corpo do martyr uma aureola brilhante d'um melhor futuro; em cada rasto de sangue um rasto luminoso por onde se ha de chegar um dia á terra da Promissão.

Terra invejada de nossos paes quando has de surgir do meio das nuvens, que te cercam?

Sonho dourado dos prophetas e dos heroes, quando has de ser uma realidade? Sahe-o só aquelle, *que accendeu essas immortedoras luzes, que são outros tantos testemunhos da sua infinita omnipotencia*; é um trecho da vossa penna que acabo de citar; fallando de Deus sabeis sempre elevar-vos a toda a altura d'esta sublime criação da intelligencia.

Mas a humanidade caminha sempre; vós não sois d'esses, que renegam do futuro, dos que dormem um placido somno no meio dos abysmos, que os cercam, vós, meu nobre amigo, velaes no remanso da noite, e no meio das ardentes occupações do dia; porque sois ao mesmo tempo medico do corpo e da alma; e com a mão sempre no punho da vossa espada, como quem adivinha um grande cataclysmo, e uma nova era de transformação, aguardaes a hora terrivel do combate.

Para que é pois declinar o logar, que vos pertence á frente da nova cruzada, que se vae lentamente organisando, em despeito

dos ambiciosos, dos intrigantes e dos corruptos?

Quando o navio do estado vae desgarrado e perdido no meio das ondas, a Próvidencia confia sempre ás arrojadas concepções do genio, o arrancar o navio do meio dos escolhos.

Vós todos, que vos sentís animados de fé, de coragem, e de constancia, não esperéis, que vos levantem sobre o pedestal, e que vos cinjam os rins com as vestes do martyrio; não hesiteis um só momento em vos apoderar, mesmo sem mandato, d'esse poder que se debate nas convulsões da agonia, e em dizer a esse corpo social quasi inanimado o que o CHRISTO dizia ao Lazaro; « levanta-te. »

As nações são como os individuos; precisam d'estimulos fortes, energeticos, poderosos; senão, morrem d'inanição como morreram os grandes povos da antiguidade.

Agradeço-vos, meu caro amigo, o juizo, que formaes do meu character e das minhas intenções; aprecio tanto mais este vosso juizo, quanto sei, que não sois prodigo em manifestações d'affectio; com tudo é possível, que os meus inimigos me accussem de saltar por cima dos limites da modestia, publicando essas linhas com que vos approuve patentear-me a vossa estima; pensei nisto antes de me resolver a publicar a vossa carta, mas vós recommendaveis-me com tanta instancia que a publicasse sem lhe *eliminar uma só palavra*, que puz de parte os meus escrúpulos, para satisfazer o desejo de vos obedecer.

A vossa carta, veiu fechar com chave d'ouro o ultimo numero da REVISTA; o público deve apreciar-a, porque ella o merece.

Reservo-me para o 3.º volume da REVISTA, o responder-vos mais extensamente analysando, como vós o fazeis á luz da philosophia da historia e das minhas convicções os grandes factos sociaes de que vos occupaes; póde ser que então me desvie um pouco do trilho, que seguistes, e que na apreciação dos nobres caracteres, que desenrolastes deante de mim, com todos os seus crimes e perfeições, eu seja menos severo do que vós o fostes.

Adeus, meu caro amigo, d'essa amizade nobre e franca contra a qual serão sempre impotentes todos os favores da fortuna, todos os rigores da adversidade.

Vosso camarada, collega e amigo.
Coimbra, 11 de Junho de 1855.

Alexandre Meyrelles.

SAUDADES A COIMBRA.

Sou quasi teu filho, amei-te
Da vida no alvorecer;
De Minerva o sacro leite
Por tuas mãos vim beber.

J. DE LEMOS.

I.

Sumiu-se o dia derradeiro e sancto,
Era que almo incanto, que eu amei,—perdi;
De negras nuvens assomou vestida
Noite da vida, que a gozar vivi.

Eis ermo! Eis nada, o meu jardim d'enganos,
Que o sol dos annos resequiui, —desfez!
Toldou os astros do meu Céu formoso,
Crepe luctuoso de feral viuvêz.

Ebrio de encantos, mocidade e amores,
Só vendo flores d'eternal jardim,
Quem póde louco levantando a fronte
Ver o horisonte nem sonhar um fim?

Vogava manso sobre mansas aguas;
Riso sem maguas em divino ermar,
Sorrindo ás margens, namorando as faias...
Não vendo praias, nem sentindo o mar.

Eis-me entre as ondas sem pharol, sem norte,
É lei da sorte, que não cede aos ais!
Chorai meus cantos, não deixéis no olvido
O Eden perdido para nunca mais.

II.

Medonha vai a noite; o vento em furia
Na quebrada do monte ao pé do rio
Canta dorfidos ais nas rochas concavas,
Treme nos salgueirais, geme nos robles,
Açoita as aguas, e agglomera nuvens.
As horas do silencio, as horas mortas,
São da saudade amigas; porque o vento
Impõe aos tectos luctuosos prantos,
Pede á cidade angustiosas queixas,
Não hei-de dar-lhe o meu adeus de filho?
E não são vossa imagem, vosso espelho,
Tempestades d'est'alma, o vento e as trevas?

Vamos — os ais da noite tempestuosa
São hymnos meus; quero de perto ouvil-os.
Vamos — you ver em face o negro abutre,
Que, ao saccudir humedecidas azas,

Arroja á terra innundações frementes,
E quando entre-abre as resequidas fauces
Respira furacões, vomita incendios.

III.

Sahi, — que cerrado escuro!!
Torce-se o vento arquejante!
Com passo incerto, inseguro,
Sondo as trevas, sigo ávante:
Como por divino encanto
Delgaça-se o escuro manto,
Volve o azul de novo ao Céu,
D'astros o Céu se allumia,
E eu... já tinha companhia,
Era a minha sombra, — e eu.

Olho o infindo espaço aéreo,
Todo luz o ethereo assento!
Desaba a tormenta, o imperio,
Eo vento?... sumiu-se o vento! —
Cantam aves nas balseiras,
Desdobra a flor nas rozeiras,
E o rio em luz se accendeu;
Segue o incenso as harmonias,
Terra e Céu canta alegrias,
Tristeza e lucto — só eu.

Não vê a terra allumiada
Dos astros do firmamento,
Quem leva a mente abrasada
Nas chamas d'um pensamento.
Dormia inteira a cidade,
Ao *Penedo da Saudade*
Levou-me o destino meu;
Tudo era melancholia,
Vall'!! — perfumes! — harmonia!
Aves, flores, prado, e Céu.

Olhei esse Eden para mim perdido,
Jardim florido de saudade e amor!...
Era a sahida do paiz do encanto!!
Não tive pranto, que afogasse a dôr!!

Em cada roble, que povôa o monte,
Na flor, na fonte, no luar, no Céu,
Reli as folhas de truncada historia,
Triste memoria do que já foi meu.

Adeus, ó templo de perennes prantos,
Que tens por cantos lacrimosos ais,
Vim tantas vezes suspirar contigo!...
Ai vall'amigo! — para nunca mais!

Sumiu-se o astro radiante,
Eis morta da vida a flor!

Como é curto, é nada o instante
Do rir, que precede a dôr!
Vou ao paiz da orphandade!
Adeus luz de liberdade,
Vida de eterna saudade,
Nascida d'um longo amôr!

Oh! vamos! vai alta a noite,
E os astros brilham nos Céus,
Não silva do vento o açoite,
São livres os prantos meus:
Quero a cada monumento
Pedir em luctuoso accento,
Trova que seja um lamento,
Notas d'um sentido adeus.

IV.

Dorme a risonha Coimbra.
Quem ha, que tenha sônhado
Paiz formoso encantado,
Que o não encontrasse aqui,
Nesta cidade indolente,
Que aos raios do sol nascente
Acorda, mira-se, e ri?
Neste paiz de verdores,
Onde os sonhos são — delirios!
Quaesquer sorrisos, — amores;
E quaesquer dores, — martyrios.
Tudo extremo e nobre e grande,
Que o genio, que aqui se expande
Tem de correr todo o espaço
No tempo minguado, escasso,
Que tem de vida a viver;
E, ou ha-de em fogo expandir-se,
Ou confrangir-se e morrer.

V.

Corri longamente nos campos, nos bosques,
Nas margens do rio, que argenteo corria;
Nas ruas desertas, viuvas de vida,
Como eu, de ventura, — como eu, d'alegria!

Em cada vetusto, rugoso moimento
Quiz lêr uma historia de nobre poesia:
Toldavam-se os olhos, truncavam-se as letras,
Só lia saudades d'um bem, que perdia.

Vaguei longo tempo, a lua
Foi-me á tristeza fiel,
Cubrindo em pallido manto
O triste vario painel;
Amei o quadro tristonho,
Com toda a illusão d'um sonho,
Com todo o ardor da verdade,

Todo o pungir da saudade;
Que a mente tudo abraçava,
E o coração todo amava.

VI.

Vejo além na encosta, ao longe
A pobre cella do monge
Do *ermo dos Oliveas*;
Morou dentro a penitencia,
O cilicio, a oração;
Tinham por jardins e prados
Fundos abysmos cavados
Do *Vall' da meditação*.

Aqui... do antigo *castello*
Nem as ruinas se encontram...
E tem um nome na historia!
— D'um passado grande e nobre,
Um nome terreno e pobre!
Eis o que resta da gloria!

Eis o augusto *capitolio*,
Da sciencia templo e solio,
D'onde *Minerva* nos chama;
Aqui, — sem sangue, nem dores,
Sancto imperio, sem clamores
Se conquista, se proclama;
Aqui a vigilia, o estudo,
Trabalho e livros, (*) eis tudo
Que ha, por armas, e broqueis,
E nesta liça das almas

Se ganham virentes palmas,
E sempre verdes laureis.
Aqui de terras distantes
A buscar dom divinal,
Mandam seus botões fragrantos
Os rosaes de Portugal.
E aqui alto genio impera!
Que neste jardim sagrado,
Entram, — flor de primavera,
Saem, — fructo sazornado.

Além *sancta* a caridade
Abriu *asylo á orphanidade*,
Deu pais a quem os perdeu;
Sem terem na vida um porto,
Morriam ao desconforto,
Acharam na terra um Céu.

Alli no velho mosteiro
Jaz a funerea morada,
Aonde *Affonso primeiro*

(*) *Ductores liberi; miles et arma, labor.*

Tem por guarda e companheiro
Do *filho* a sombra mirrada!

Alem a *Rainha Sancta*,
Que viu entre as mãos formosas:
As cruces do ouro, viçosas,
Pão de tantas infelizes,
Desdobrou-se o ouro em rosas
E aroma teve, e matizes!...
.....
Vêde que em premio descança
Neste vergel dos amores,
Onde eterna a primavera
A cêrca de eternas flores!

Aqui, do *Mondego* as aguas
Tristes da lua ao palôr!...
Se tendes um pranto, ó maguas,
Pagai-lhe um feudo d'amor!...
— Como correm indolentes
Priguiçosas, namoradas
Das alamedas virentes,
De choupos e salgueirais!
E da *fonte dos amores*
E da *lapa dos esteios*,
Dos robles, do Céu, das flores
E dos argenteos areaes...
.....
Terra dos meus devaneios
Não te heide ver nunca mais?

VII.

Adeus aura embalsamada!
Beijas-me a fronte abrasada
Agora a ultima vez;
Adeus mocidade, e ardores!
Adeus *Mondego*, adeus flores,
Adeus ó fonte d'Ignêz!

Meus mestres sempre lembrados
Por vós me foram guiados
Os debeis passos primeiros!
— Primogenitos da sciencia!
— Amigos e companheiros,
Dou-vos da vida as saudades,
Meus fulgores derradeiros.

Um ai por ti, templo idolatra,
Onde nós fieis amigos
Fingimos venturas, p'rigos,
E extremos d'intenso amor;
Onde após mentidos odios,
Mentimos um dó profundo,
E sempre alheios do mundo,
Calcamos, sorrindo, a dôr! —

Quem vem sentar-se por mim
No meu logar ao festim?
Onde as mais fragrantas *rosas*
Formam grinaldas formosas,
Sempre... e talvez mais viçosas,
Que aqui mesmo é seu jardim!

Coimbra, que o Ceu benigno
Esmalte de eterno riso
Dos anjos a côrte esplendida,
Que formam teu paraíso.
Sego ás tuas meigas flores
Saudades — ventura — amores.

VIII.

Meus chorados companheiros!
Os accordes derradeiros
Das harmonias da vida,
Ja se perderam no ar.
Eu sonhava acalentado
Por hymno augusto, sagrado;
Foi a mudez do silencio,
Que me veiu despertar.
Vejo entre as sombras do ermo
Assomar em raio inferno,
Dubia luz, d'aurora incerta,
Da vida, que vai raiar.
Esse clarão anuviado,
É do futuro, — é sagrado.

T. A. Ribeiro.

DESPEDIDA

AOS MEUS AMIGOS.

I.

No alvorecer da vida — inda na infancia
Sonhei mil sonhos de visões formosas,
Sonhei que se alastrava entre perfumes,
Da vida a estrada com jasmims e rosas.

Sonhei que nos jardins d'esta existencia
Nunca o martyrio colheria aqui,
Nem a penosa c'rôa dos espinhos,
Que um dia á frente a enlaçar-se eu vi!

E nas lides do estudo, e nas da gloria
Sonhei ganhára verdejante a palma:
Na gloria acreditei — na do talento
Que as pulsações lhe presentia n'alma!

Sonhei amores, castos uns... tão puros...
Que eram imagem d'um amor do Céu!
Outros na mente estuando em vivas chammass
Febrís... immensos... desenhei-os eu!

Em sonhos no banquete da alegria
Sentei-me — e a esperanza se assentou comigo
Cada labio alli falla d'amizade,
Cada conviva estende a mão d'amigo!

Sonhei — o sonho extingue a realidade,
As folhas leva o turbilhão á flôr,
O dia apaga o brilho das estrellas,
Succumbe a crença sobre o altar da dôr!

II.

É a vida triste e curta,
E as horas rapidas vão,
E cada hora passa e furta
Uma crença, uma illusão!
Da vida fatal problema
Em que hoje soffre e blasfema
O que hontem riu e cantou;
Em que o côro d'uma orgia
Entre os brados da agonia
Ao mesmo espaço voou!

Ai! meus dias d'innocencia,
Ai! meus sonhos que perdi!
Não pagam ouro, nem sciencia
Gozos que nelles bebi;
Cada dia é mais um laço
Que se parte — e a cada passo
Ha na vida a decepção;
É martyrio o sentimento,
A intelligencia um tormento,
Um inferno o coração!

Um inferno!? — e não — quem sabe!?
É d'esta dôr o pungir,
Que no peito não me cabe,
Vem dos labios a sahir.
É — que o sonho, o só... tão querido
Em que acordado hei vivido
Morre nesta hora fatal!
Era o culto da amizade,
De que só fica a saudade
Por padrão e por fanal!

Amigos — sonhado havia,
Achei-os, — perco-os em fim...
Prender-nos a sympathia,
E vel-os partir assim!
E dias tão bem vividos,
E mil gozos compartidos,

De que amigos vos lembraes,
E esse tempo tão saudoso,
Esse passado ditoso
Não reviver nunca mais!

É triste, meu Deus, e custa
Tanto esta dôr a soffrer;
Que se a affeição é robusta
Ai, que mais custa a perder!
Coragem — seguís o trilho
D'estrada d'immenso brilho,
A gloria espera por vós;
E devêra do futuro
Que tendes radiante e puro
Fallar-vos só esta voz!

Meus irmãos, partís — qu'importa
Se era fatal o partir?!
Mas não fique a esperança morta
De mais risonho porvir!
Comigo fica a lembrança
D'um affecto, que não cança;
Levae comvosco essa flôr —
É triste, mas tem encanto,
Porque é bem doce este pranto,
Porque ha prazer nesta dôr!

Ernesto Marecos.

REFLEXÕES SOBRE O THEATRO ALLEMÃO.

Continuado de pag. 151.

Uma outra suppressão mais importante, a que tive de sujeitar-me, foi a de diversas scenas aonde *Schiller* apresentava simples soldados, uns no meio da revolta, e que *Wallstein* fazia por ligar ao seu partido, outros, a quem um general, subornado pela côrte, induzia a que assassinassem *Wallstein*. São notaveis pelo seu laconismo e energia, as scenas dos assassinos de Banco no *Macbeth*; as dos assassinos de *W.* tem um outro genero de merecimento. A maneira por que *Schiller* desinvolve as razões, que se lhes offerecem, e gradua o effeito, que sobre elles produzem estas razões; a lucta que se trava em almas implacaveis na affeição e na cubiça; a finura com que proporciona os seus argumentos aquelle que abusando da sua intelligencia, não cultivada, lhes faz vêr no crime um dever, e no reconhecimento um crime; o empenho que têm de se apoderar de tudo quanto pôde desculpá-los a seus proprios olhos, uma vez determinados a der-

ramar o sangue do seu general; a necessidade que sentem estes corações corrompidos de se illudirem a si mesmos, e de enganar a sua propria consciencia dando ao attentado que vão commetter uma côr de justiça; finalmente o raciocinio que os decide, e que decide, em differentes situações, tantos homens que se julgam honestos, a practicarem acções que um sentimento superior condemna, tudo isto é d'um effeito admiravel, tanto moral como dramatico. A linguagem porém d'estes assassinos é vulgar, como é o seu estado e sentimentos. Seria faltar á verdade dos caracteres, o attribuir-lhes expressões elevadas e neste caso a nobreza do dialogo tornar-se-ia indecorosa. Esforcei-me por converter em narração o que *Schiller* poz em acção, e principalmente por fazer sobresahir a idéa principal, que impõe silencio a todas as objecções e escrúpulos. A obrigação de narrar o que, noutros theatros, se poderia pôr em acção, é um perigoso barranco para os tragicos francezes. Taes narrações raras vezes são empregadas com propriedade. O que narra não o faz como lhe cumpria pela sua situação ou interesse. O poeta, por outro lado, acha-se invencivelmente arrastado a indagar de particularidades tanto menos dramaticas, quanto pomposas. Tem-se mil vezes notado a desconveniencia da soberba narração de *Theramem* em *Phédro*. *Racine* não podendo, como *Euripides*, apresentar aos expectadores, *Hippolyto* despedaçado, ensanguentado, lacerado pela quêda, e nas convulsões da dôr e d'agonia, viu-se obrigado a fazer narrar a sua morte; e esta necessidade levou-o a prejudicar não só o verosimil mas tambem a natureza, por uma profusão de rodeios poeticos, nos quaes se não pôde alargar um amigo, nem um pôde ouvir um pae. Os côrtes de que acabo de fallar, uma multidão d'outros, cuja indicação seria demasiado longa, diversas addições, que me pareceram necessarias, fazem com que a obra, que apresento ao publico deixe de ser uma traducção. Não ha uma scena só nas trez tragedias de *Schiller*, qua eu não tenha alterado. Ha mesmo na minha peça algumas scenas cuja idéa não existe em *Schiller*. Ha quarenta e oito actores no original allemão, na minha obra ha apenas doze. A unidade de tempo e de logar, que procurei guardar, obrigou-me a tudo alterar e a refundir, posto, que *Schiller*, conformando-se com o uso do seu paiz, se tenha affastado d'ella.

Eu não quero entrar aqui n'um exame profundo da regra das unidades. Têm ellas na verdade alguns dos inconvenientes, que lhes arguem as nações estranhas. Circumscvem as tragedias, principalmente as historicas, num espaço, que lhe torna mui difficil a composição. Forçam muitas vezes o poeta a desprezar a verdade da gradação, a delicadeza dos matizes, nos successos e caracteres; predomina este defeito em quasi todas as tragedias de *Voltaire*; porque o genio inimitavel de *Racine* venceu esta, como outras tantas difficuldades. Na representação porém das peças de *Voltaire*, percebem-se frequentemente lacunas, transições demasiado repentinas. Conhece-se, que não é d'aquelle modo, que a natureza obra; não caminha com um passo tão rapido; não passa por sobre os intermediarios de tal modo.

Todavia, a pezar das faltas a que podem dar origem, as unidades parecem-me uma lei prudente. As mudanças de logar, por melhor, que sejam feitas, obrigam o expectador a dar-se conta da transposição da scena, e desviam d'este modo uma parte da sua attenção do interesse principal: apóz cada nova decoração, é obrigado a restituir-se á illusão de que o tinham feito sahir. O mesmo acontece quando se lhe faz ver o tempo, que decorreu d'um a outro acto. Nos dois casos, o poeta reaparece, por assim dizer, adiante dos personagens, e ha uma especie de prologo ou prefacio sub-entendido, que prejudica a continuidade da impressão.

Conformando-me com as regras do nosso theatro no que toca ás unidades, estylo tragico, e dignidade da tragedia, quiz permanecer fiel ao systema allemão num artigo mais essencial.

Os Francezes, mesmo naquellas de suas tragedias, que se fundam na tradição ou na historia, pintam apenas um facto ou uma paixão. Os Allemães, nas suas, pintam um caracter completo e uma vida inteira.

Quando digo que pintam uma vida inteira, não quero dizer, que elles comprehendam nas suas peças a vida toda de seus heroes; não omittem porém acontecimento algum importante, e a reunião do que se passa na scena e do que o expectador toma conhecimento por meio de narrações ou allusões, forma um quadro completo d'uma exactidão rigorosa.

No que toca ao caracter o mesmo pôde dizer-se. Os Allemães conservam no de seus

personagens tudo o que constitua a sua individualidade. Elles nol-os apresentam com suas fraquezas, contradicções, e essa mobilidade, que é inherente á natureza humana e que forma os seres reaes.

Os Francezes têm uma tal necessidade d'unidade, que lhe faz seguir um outro caminho.

(Traduc.).

Manoel Alves Guerra.

DISSERTAÇÃO PHYSIOLOGICA.

Continuado de pag. 200.

Além d'isso dos principios d'esta theoria seguir-se-ia, que, na respiração incompleta, em logar de gaz acido carbonico deveria de formar-se gaz oxydo de carbone, e tal cousa não acontece; de mais se o hydrogeneo e carbone do sangue se oxygenassem pelo contacto da atmosphaera, acidificar-se-iam o seu enxofre, e o seu azote, e teriamos formados gaz acido sulphuroso, e gaz nitroso; e se o hydrogeneo se podia combinar com o oxygeneo do ar, porque tambem se não combinaria tambem com o seu azote formando ammonia; mas em nenhuma circumstancia apparece algum d'estes gazes no ar expirado, e sómente acido carbonico, e agua; logo não podem admittir-se principios, cujas consequencias se não harmonisam com os factos; tambem d'elles se deveria seguir, que não passa oxygeneo algum para o sangue das veias pulmonares; e todavia pelas investigações de *Michaëlis* o sangue arterial tem 0,23744, e o venoso 0,23405; e segundo *Macareo*, e *Marcet* tem o primeiro 0,263, e o segundo 0,217; por consequencia tendo mais oxygeneo o arterial, que o venoso, passa aquella gaz para o sangue das veias pulmonares; se a agua se formasse no acto da respiração, e sahisse no ar expirado, não conteria o sangue em si mesmo 0,7 d'agua, e não tomaria elle um caracter mais aquoso pela extirpação, ou pela diminuição da secreção renal, ou cutanea; e não perderia pelo contrario mais agua tornando-se mais espesso, quando evacuações aquosas se tornam mais copiosas do que de ordinario, por exemplo depois de abundantes suores, na diarrhea, e cholera, ou quando diminue a nutrição, como nas febres inflammatorias, etc.

Até aqui as lacunas, que deixa a theoria

chimica e as inexactidões, e absurdos, que podem deduzir-se de seus principios; cumpre provar directamente, que as cousas se não passam no acto da respiração como reclamavam as exigencias, e pretensões d'esta theoria.

O sangue venoso contém acido carbonico; mas não se forma elle no acto da respiração; por que já vem elle formado no sangue venoso; *Parent* observou, que na sua coagulação pullulavam bolhas d'ar, que *Brande* reconheceu serem d'acido carbonico, por que perturbava a agua de cal; do mesmo se hão convencido *Humphry Davy*, *Scudamore*, *Krimer*, *Berthold*, *Reidclany*, *Vogel*, *Hunefeld*, *Nasse*, *Hoffmann*, e *Hornbeek*; e se *Stromeyer*, *Muller*, *Mitscherlich*, *Tiedmann*, e *Gmelin* não acharam, que elle se levantasse aquecendo o sangue, ou pondo-o debaixo do recipiente da machina pneumatica, provém esse phenomeno unicamente de que os gazes lhe adherem fortemente, como o demonstrou *Hoffmann*, e outros; porque lançando um acido forte no sangue, como o fazia *Hunefeld*, e *Mitscherlich*; ou agitando este ultimo com hydrogeneo, como o praticaram *Nasse*, e *Hoffmann*, era posto em liberdade o gaz acido carbonico: ora a adhesão d'este acido ao sangue é vencida durante a respiração; porque segundo *Nysten* (*Recherch. physiol. et chimic. pathol. p. 149, 160*) gazes introduzidos no sangue são expirados mesmo quando sua quantidade é pequena, por exemplo ar atmosferico, hydrogeneo, e gaz sulphurico; a agua e a camphora injectadas nas veias escapam-se pela perspiração pulmonar segundo *Magendie*; a mesma coisa acontece com o ether, e assafetida segundo *Breschet*, e *Edwards*; *Segalas* assegura, que o alcool injectado pelas veias apparece na expiração, e o mercurio, que *Gaspard* tinha feito passar para as veias, foi encontrado na trachea, e suas divisões: *Nysten* tambem observou, que o ar expirado por animaes, a quem elle tinha feito respirar o gaz azote, continha 0,01 d'hydrogeneo, ou 0,08 d'e oxygeneo, ou 0,14 d'acido carbonico segundo, que elle tinha injectado um, ou outro d'estes gazes.

O sangue venoso, como já tivemos occasião de provar, contém mais agua, que o sangue arterial; porqué a nutrição tem tirado a este as partes solidas; mas o arterial contém menos acido carbonico do que o venoso, como nos mostrou a analyse de *Michaelis*, *Macareo*, e *Marcet*; logo é mister,

que este acido tenha sido eliminado nos pulmões.

A quantidade d'agua, e de gaz acido carbonico expirados não se acha em relação invariavel com o consummo do oxygeneo do ar atmosferico; porque por exemplo augmenta ella no ar rarefeito, e quente, que contém menos oxigeneo; e quando se respira este gaz puro, expira-se ordinariamente menos gaz acido carbonico; tambem se exhala agua, e gaz acido carbonico em espaços fechados aonde o oxygeneo atmosferico não póde penetrar; sempre que a respiração é constrangida longo tempo, principalmente quando os bronchios são obstruidos por muco, pus, ou concreções, distendem-se as vesiculas pulmonares a ponto de formarem o volume de caroços de cereja; porque o gaz acido carbonico exhalado dentro d'ellas não acha sahida; e como se formou este acido carbonico pela theoria em questão?

Finalmente numerosas experiencias provam evidentemente, que o acido carbonico é expirado em gazes, em que não ha oxygeneo, como no azote, e hydrogeneo puros, e tal não devêra acontecer, se algum vislumbre de exactidão possuíssem as proposições, a que pretendeu chegar a theoria chimica: foi *Spalanzani* quem primeiro observou em vermes, e caracoes, que se exhalava gaz acido carbonico no azote puro; *Humbold*, e *Provençal* fizeram a mesma observação nos peixes; *Contanceau* e *Nysten*, depois de terem feito uma expiração profunda, inspiraram azote contido n'uma bexiga, e o expiraram pelo nariz; depois de 4 respirações semelhantes, cada uma de 50 polleg. cub., julgaram ter expellido todo o acido carbonico, que podesse ter ficado nos pulmões por effeito da respiração anterior; inspiraram então uma quinta vez na bexiga, e na expiração seguinte acharam 3 e meia a 4 polleg. cub. de gaz carbonico; e como obtivessem o mesmo resultado cada vez, que repetiam a experiencia, ficaram intimamente convencidos, que a inspiração do gaz azote augmenta antes do que diminue a secreção do acido carbonico nos pulmões; o mesmo resultado acharam *Spalanzani*, *Nysten*, e *Collard de Martigny* em caracoes, cães, e rãs.

Spalanzani, *Provençal*, e *Humbold* observaram tambem, que a inspiração do gaz hydrogeneo puro é seguida por uma expiração de gaz acido carbonico; nas experiencias de *Davy*, que tinha consummido 142 poleg.

cub. de hydrogêneo em duas inspirações profundas, cada expiração deu 1,50 de polleg. cub. de gaz acido carbonico; *Allen*, e *Pepys*, *Nysten*, e *Edwards* chegaram ao mesmo resultado em porcos da India, cães e rãs: ora este gaz acido carbonico não poderia provir do oxygêneo precedentemente inspirado, e que ficasse nos pulmões; porque mesmo depois de ter sido expellido do pulmão com todo o cuidado todo o gaz, ainda continua de exhalar-se, e prolongando a experiencia foi em tão grande quantidade, que excedeu o volume dos pulmões, e do animal inteiro.

Quando nos precede prova amplamente, que o gaz acido carbonico, que apresenta a expiração não é formado pelo oxygêneo atmospherico no acto da hematose; e que o excedente do oxygêneo, que deveria de resultar da formação do acido carbonico, não é empregado na formação da agua, como o comportava a theoria chimica, cujos principios bem longe de satisfazer suas exigencias, implicam inexactidões, e manifesta opposição com os factos, e numerosas experiencias directas.

A theoria chimica ainda tem uma variante, que tinha por fim salvar uma das grandes difficuldades, que apresentava a de *Lavoisier*, e *Laplace*; seus auctores foram *Lagrange*, e *Crawford*, que tão convencidos se achavam da elevada temperatura, que era mister tivesse logar na combustão do oxygêneo atmospherico com o hydrogêneo, e carbone do sangue, que a suppunham capaz de queimar o pulmão; e como este não apresentava uma temperatura mais elevada, que algumas outras partes, deixaram de o considerar como séde da combustão, e entenderam achal-a nas mesmas vias de circulação; pensou *Lagrange* então, que o oxygêneo fracamente unido ao sangue nos pulmões, contrahia pouco e pouco uma combinação mais intima com elle durante a circulação, queimando durante ella o carbone, e o hydrogêneo e dando em producto a agua, e gaz acido carbonico, que vinham depois exhalar-se no pulmão: fundava-se elle em que o sangue arterial, que se encerra em tubos de vidro hermeticamente fechados, toma por si mesmo uma côr mais carregada no fim d'algum tempo; e que tractado do mesmo modo o sangue venoso, depois de o ter tornado vermelho pelo contacto do gaz oxygêneo, tornã igualmente a tomar pouco e pouco uma côr mais carregada.

Todavia invalidados ficam taes argumentos, se reflectirmos, que o sangue arterial não se faz negro fóra do corpo vivo, senão quando a putrefacção começa a apoderar-se d'elle; que até então o coagulo, a que elle tem da do origem, fica vermelho não só em sua superficie em contacto com o ár; mas tambem em toda a massa; e que a côr vermelha, e rutilante communicada pelo ár ao sangue venoso, dura assás longo tempo; porque persiste alguns dias na face do coagulo voltado primeiramente para cima, e depois para baixo; mas o que refuta completamente a conclusão, a que tinha chegado *Lagrange*, é que o sangue não se torna venoso senão atravessando os capillares: quando se praticam viviseccões os mais delicados ramusculos do systema aortico dão sangue vermelho, e negro os da veia cava; e aonde a transparencia dos vasos o permite observa-se a differença de côr no sangue, que os percorre; além d'isso admittindo esta combustão progressiva, seus productos excrecionaes ficariam misturados com o sangue até chegarem ao pulmão, e por consequencia nunca elle chegaria puro ao ponto onde se fizessem as secreções e nutrições; e finalmente prejudicada fica esta variante da theoria chimica pelas observações e experiencias, que provam que a obra da hematose se faz exclusivamente na capillaride pulmonar; e se d'argumentos carecesse a refutação de todas as theorias chemicas physicas, ou dynamicas, inconcussos foram aquelles, que se deduzem immediatamente da circumstancia de que a hematose se altera, modifica, ou se interrompe completamente conforme é lesada mais ou menos, ou exaurida a vitalidade do pulmão; pois que no cadaver dão-se todas as condições chemicas, ou podem dar-se artificialmente, e a hematose não tem logar; corta-se no vivo o preeumogastico em um, ou ambos os lados, e a hematose, ou se altera, e faz por algum tempo com summa difficuldade, ou se interrompe inteiramente, e nada d'isto devêra de acontecer se as cousas se passassem como os chemicos têm querido.

E aqui pórei um termo ás considerações, com que pensei satisfazer á epigraphie da presente dissertação, confiando, que as faltas, que nella possam deparar-se serão relevadas pela bondade do digno lente de quem muito se presa poder assignar-se

Discipulo m.^{to} affett.^o e o mais obrigd.^o

Manoel Maria Barbas.

MANUSCRIPTO

Vindo de Sancta Helena.

Continuado de pag. 217.

Eu julgava que os realistas eram homens de bem, porque elles nos accusavam de o não sermos. E particularmente cuidava, que elles eram incapazes da audacia e perversidade, que indicava um tal projecto: mas isto foi unicamente obra d'alguns ladrões d'estrada, especie d'individuos muito gabados, ainda que assim mesmo mal vistos entre os do seu mesmo partido.

Os realistas, que estavam absolutamente esquecidos desde a pacificação da *Vendée*, começavam então a apparecer sobre o horizonte politico. Era uma consequencia natural dos progressos da minha auctoridade. Eu restabelecia o reinado, e era o mesmo que pôr-me a caçar dentro das suas terras.

Elles conheciam mui bem, que a minha monarchia não tinha relação alguma com a sua. A minha estava toda fundada em factos, a sua em direitos. A sua só estava fundada em habitos, a minha não fazia caso d'elles; a minha marchava em linha com o genio do seculo, a sua trabalhava por fazel-o parar.

Os republicanos assustavam-se com ver que as circumstancias me levavam tão alto, e receavam-se do uso, que eu fazia de tamanho poder. Temiam, que eu reorganisas-se um velho reinado com o apoio do meu exercito; e os realistas fomentavam estes boatos, querendo-me fazer passar no publico por um verdadeiro imitador dos antigos monarchas. Outros realistas porém, mais expertos, espalhavam como em segredo, que eu pertendia representar a figura de Monck, e que só procurava restaurar a monarchia para fazer d'ella presente aos *Bourbons*, quando chegasse a occasião de lh'a offerecer.

As cabeças fracas, que não conheciam minhas forças, davam ouvidos a estes boatos. Acreditavam no partido realista, e descreditando-me para com o povo e o exercito, começavam a desconfiar da minha adhesão á sua causa. Eu não podia deixar correr taes opiniões, porque ellas tendiam a desunir-nos.

Era preciso, portanto, desenganar a todo o custo a França, e os realistas da Eu-

ropa, a fim de que todos soubessem o que podiam esperar de mim. Pequenas perseguições contra as palavras nunca produzem senão maus effectos, porque por este modo nunca tambem se attaca o mal na sua raiz. Além d'isto, este expediente era impossivel em um seculo d'empenhos e de solicitações, e em que o desterro d'uma só mulher pôz em agitação toda a França.

Desgraçadamente para mim, offereceu-se-me nesse momento decisivo uma d'essas circumstancias do acaso, que transtornam as melhores resoluções. A policia descobriu pequenas intrigas realistas, que tinham o seu fóco da outra parte do Rheno. Uma augusta personagem se achava implicada nellas. Todas as circumstancias d'este successo quadravam excellentemente com as que me induziam a tentar um golpe d'Estado. A perda do duque d'*Enghien* decidia a questão, que agitava a França. Ella tambem aclarava amplamente as minhas intenções, assim eu a ordenei.

Um homem de muito espirito, e que podia ser aqui bom juiz, disse, fallando d'este attentado, que nelle houvera alguma cousa mais do que um crime, — houvera um erro. Mas, com o perdão d'esta personagem, eu digo, que elle foi um crime, mas não um erro. Eu conheço mui bem o valor das palavras. O delicto d'este principe infeliz limitava-se a miseraveis intrigas com algumas velhas baronezas de Strasbourg. Estas intrigas andavam muito bem vigiadas, e não eram perigosas nem para a França nem para mim. Elle morreu victima da politica, e d'um concurso inaudito de circumstancias.

A sua morte não foi pois um erro, porque todas as consequencias, que eu previ, aconteceram.

A guerra havia começado de novo com Inglaterra, porque lhe não é possivel conservar-se por muito tempo em paz. O territorio d'Inglaterra é já hoje mui pequeno para a sua povoação, e por isso lhe é preciso viver do monopolio das quatro partes do mundo. A guerra sómente dá este monopolio aos inglezes, porque lhes dá o direito de destruir tudo no mar. É a sua unica segurança.

Esta guerra era vagarosa, por falta de campos de batalha. A Inglaterra via-se obrigada a alugar o continente, mas para isso era-lhe preciso tempo, sem o qual não ha colheitas. A Austria tinha levado lições tão crueis, que os ministros, por maior vontade

que tivessem de ganhar dinheiro, não ousavam propôr logo a guerra. A Prussia engodava com a sua neutralidade, e a Russia tinha feito na Suissa uma fatal experiencia da guerra. A Italia e a Hespanha, com bem poucas excepções, tinham adoptado o meu systema. O continente havia feito alto.

Nestas circumstancias julguei que o projecto d'um desembarque em Inglaterra, era o melhor expediente a que então podia recorrer; mas sem tenção alguma de o realisar, por saber, que não podia deixar de ser desgraçado: a empresa do desembarque era mui possivel, mas não o era a retirada. Não haveria um só inglez, que se não armasse para salvar a honra da sua patria; e como o exercito francez não podia receber socorro, vendo-se reduzido á sua primeira força, havia de por fim aniquilar-se ou verse obrigado a capitular. Eu tinha effectuado um desembarque no Egypto; mas um desembarque em Londres era muito mais ariscado.

Como as ameaças me não custavam nada, e não tinha então aonde empregar as minhas tropas, julguei, que tanto importava tel-as em guarnição nas costas como em outras partes. Bastou este apparatus para obrigar Inglaterra a recorrer a armamentos, e meios de defesa que a arruinavam. Nisto mesmo consegui alguma vantagem.

Em desforra, organisou-se uma conspiração contra mim, que eu attribuí aos principes emigrados; porque era verdadeiramente real. Puzeram para este fim em acção milhares de conspiradores; o que correu para que chegasse mais depressa ao meu conhecimento: os meus espias eram tão vigilantes, que me informaram de tudo dentro de vinte e quatro horas.

Como eu queria punir os individuos, que contra as leis divinas e humanas maquinavam a ruina do estado, fui obrigado a suspender a sua prisão até ajunctar contra elles uma somma de provas de que se não podesse duvidar.

Pichegru era o principal chefe d'esta conspiração: este homem, que tinha mais valor do que talentos, queria representar o papel de *Monck*; este papel era proprio para a sua estatura.

Estes projectos não me deram cuidado, não só porque conhecia até onde podiam chegar; mas porque sabia, que eram contrarios á opinião pública. Ainda que os realistas tivessem conseguido o projecto de me

assassinar, não adiantavam com isso nada. As cousas não estavam ainda maduras para elles.

Eu soube logo que *Moreau* estava complicado nesta conspiração; o que me parecia um pouco mais serio; porque elle tinha immensa popularidade. Lembrei-me de o atrahir ao meu partido, porém a sua reputação era tão grande, que não poderíamos viver em harmonia. Eu não podia ser tudo não sendo elle nada. Era necessario recorrer a algum meio de nos separarmos: elle o achou.

Disse-se geralmente, que eu tinha ciumes d'elle: eu tinha poucos; porém elle tinha bastantes de mim, e com bem fundados motivos. Eu estimava-o, porque elle era um bom militar; porém como tinha por amigos todos os que me aborreciam, que eram innumeraveis, haviam d'admiral-o como um heroê se fosse executado, e eu queria que o conhecessem pelo que elle era na realidade, quero dizer, por um homem nullo.

Os outros culpados exigiam menos precauções. Todos elles eram conspiradores por costume, de que me pareceu necessario purgar a França; o que com effeito consegui, pondo d'este modo termo ás conspirações.

Todas as pessoas de Paris, que tinham algum valimento, tomaram tanto interesse pelos culpados, que me vi importunado de todos os lados com solicitações a pedir-me o perdão de todos. Eu tive a fraqueza de mandar alguns para as prisões d'estado em vez de os abandonar á execução da justiça.

Confesso que ainda hoje me arrependo d'esta especie d'indulgencia, porque é uma fraqueza reprehensivel no Soberano; o seu unico dever para com o estado é o de fazer observar as leis. Toda a transacção com o crime se torna criminoso no imperante. O direito de perdoar não deve exercer-se com os criminosos; deve reservar-se para os casos desgraçados, que a consciencia absolve quando a lei os condemna.

Pichegru appareceu estrangullado na cama, e disse-se, que por ordem minha, sem embargo de que não tive a menor parte neste acontecimento extraordinario; nem havia motivo algum para que eu subtrahisse este criminoso á execução da justiça. Elle não era melhor do que os outros, e eu tinha um tribunal para o julgar, e soldados para o arcabusarem. Não fiz nunca cousa alguma inutil na minha vida.

(Continúa).

EXPEDIENTE.

Com este numero fica completado o 2.º volume da REVISTA, que haviamos promet-
tido; mas como nos cresceu a materia, e muitos dos nossos leitores nos pediam que não
deixassemos por concluir o Manuscrito de Sancta Helena, resolvemo-nos, ainda que com
grande sacrificio, a publicar a parte que faltava, n'um supplemento ao numero 12, que
os Srs. assignantes, querendo, poderão comprar nas respectivas lojas, Lisboa, Coimbra e
Porto.



Preço da assignatura.

Por 1 anno	1:200 réis
Por 6 mezes.	600 »
Avulso	160 »

(Com este numero ha completado o 2.º volume da Revista, que ha bem promettido; mas como nos cresceu a materia, e muitos dos nossos leitores nos pediram que não deixassem por concluir o Manuscrito de Santa Helena, resolvemos-nos, ainda que com grande sacrificio, a publicar a parte que faltava, e um supplemento ao numero 12, que os Sr. assignantes, querendo, poderão comprar nas respectivas lojas, Lisboa, Coimbra e

Pode-se assignar remettendo directamente a importancia da assignatura ao Redactor principal da REVISTA ACADEMICA, Alexandre Meyrelles, rua do Corpo de Deos n.º 34, em Coimbra. Toda a correspondencia deve ser franca de porte.



Subscreve-se para a REVISTA ACADEMICA—em Lisboa, na loja do Sr. Lavado, *Rua Augusta n.º 8*; no Porto, Braga e Guimarães, na loja do Sr. Moré; em S. Miguel, em casa do Sr. Manoel Cardoso d'Albergaria e Valle; na Terceira, em casa do Sr. José Bensabat; no Fayal, em casa do Sr. Rodrigo Alves Guerra.



SUPPLEMENTO

AO N.º 12

DA

REVISTA ACADEMICA

INDICE DOS ARTIGOS.

Srs.		Pag.
	Manuscripto	241
Vicente da Silveira	Correspondencia	264
J. M. Velloso	Poesia recitada no Theatro da Villa do Cartaxo	265
Alexandre Meyrelles	Correspondencia	ib.
J. C. A'Neil de Medeiros	Demonstração geral da regra de Cramer	268
	Exhortação	271

Coimbra

IMPRESSA DA UNIVERSIDADE

1855.

Sala 10
Gab. 7
Est. 7
Tab. 14
N.º 64

APPENDICE

NO. 12

RELAZIONE

DELLA

Commissione

per l'ordinamento

degli

SUPPLEMENTO

AO N.º 12

DA REVISTA ACADEMICA.

MANUSCRITO

Vindo de Sancta Helena.

Continuado de pag. 240.

A minha auctoridade cresceu por causa das conspirações, que a ameaçavam. Não havia nada prompto em França para uma contra-revolução. Conhecendo que as machinacões dos realistas tendiam a involvel-a na anarchia e em uma guerra civil, a França punha todas as suas esperanças em mim, como no unico homem capaz de a salvar d'estes flagellos, que ella olhava com horror. Ella queria dormir á sombra da minha espada. O voto público (a historia não me ha de desmentir) chamava-me para reinar sobre ella.

A forma republicana não podia durar, porque se não formam republicas de monarchias decrepitas. O que queria a França era a sua grandeza. Para sustentar o edificio d'esta grandeza era preciso aniquilar as facções, consolidar a obra da revolução, e fixar para sempre os limites do estado. Eu era o unico que promettia á França de satisfazer estas condições: a França queria que eu reinasse sobre ella.

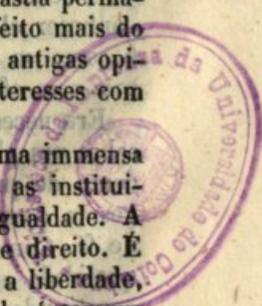
Eu não devia tomar o titulo de rei, porque era um titulo mui commum, e ligado a

idéas conhecidas. O meu titulo devia ser novo, como a natureza do meu poder. Como eu não era herdeiro dos *Boubons*, era preciso ser muito mais do que elles para me assentar sobre o seu throno. Eu tomei o nome d'Imperador, porque era maior e mais decisivo.

Nunca se viu uma revolução tão socegada como a que transtornou esta republica, que tinha feito derramar tanto sangue. Como se conservava a cousa mudando-lhe sómente o nome, os republicanos não se assustaram de a ver transformar em Imperio. As revoluções que não attacam os interesses e as fortunas dos individuos são sempre suaves.

A revolução já terminada, consolidava-se com firmeza debaixo d'uma dynastia permanente. A republica não tinha feito mais do que substituir opiniões novas ás antigas opiniões; o Imperio garantia os interesses com as opiniões.

Estes interesses eram os d'uma immensa maioridade, sobre tudo porque as instituições do Imperio garantiam a egualdade. A democracia existia de facto e de direito. É certo que se tinha restringido a liberdade, e devia restringir-se porque ella é sempre funesta nos tempos de crise. Demais a liberdade não serve senão para a classe illustrada da nação, entre tanto que a egualdade é util a todo o mundo. Ei aqui porque o meu poder conservou sempre o carácter de



popular ainda no tempo dos revêzes que affligiram a França.

A minha auctoridade não repousava, como a das antigas monarchias, sobre uma gradação monstruosa de castas, e de corpos intermediarios. Esta auctoridade era immediata, e sustentava-se unicamente em si mesma: porque não havia no Imperio distincção entre mim e a nação, na qual todos eram igualmente chamados ao emprego das funcções públicas. O ponto da partida não era um obstaculo para ninguem; o merecimento d'accessão era universal no estado. Este movimento constituiu a minha força.

Este systema não é d'invenção minha; sahii das ruinas da Bastilha. É uma consequencia necessaria da civilisação e dos costumes, que o tempo tem dado á Europa. Este systema por mais que se trabalhe para o destruir, ha de sustentar-se pela força das cousas; porque o facto acaba sempre por occupar o logar da força. É indubitavel que a força não existia já na nobreza, desde que esta tinha consentido que o terceiro estado pegasse em armas, e desde que não tinha querido ser a unica milicia do Estado.

A força não existia já no clero, desde que a gente menós dominada por idéas religiosas principiava a discorrer. A força não existia nos governos; porque a nobreza e o clero não estavam em circumstancias de preencher as funcções de sustentar o throno. A força não existia em preoccupações, e usos antigos, desde que se tinha mostrado aos povos a futilidade d'estas preoccupações e d'estes usos.

A dissolução existia no corpo social muito tempo antes da revolução; porque já não havia relação alguma entre as palavras, e as cousas.

O desabuso das preoccupações, tinha feito conhecer claramente a origem dos poderes; e como se descobriu a sua fraqueza, cahiram com effeito ao primeiro ataque.

Era necessario restabelecer a auctoridade sobre um plano inteiramente novo, independente de preoccupações, de costumes antigos, e d'essa cegueira a que se dá o nome de fé. Como não tinha herdado direitos de qualidade alguma, devia ser toda de facto, constituida unicamente na força.

Eu não subia ao throno, como o faria um herdeiro das antigas dynastias, para occupar mollemente, sustentado pelo prestigio d'illusões, e prácticas antigas; mas para estabelecer solidamente as instituições,

que o povo desejava; para pôr as leis em harmonia com os costumes, e para fazer a França temivel, a fim de sustentar a sua independencia.

Não passou muito tempo sem que me dessem motivos para realizar os meus projectos. Inglaterra cansada de ver as minhas tropas estendidas pelas costas, e querendo a todo custo ver-se livre d'este incommodo, buscava alliados no continente á força de dinheiro.

As antigas dynastias estavam atterradas de me ver no throno. Sem embargo de nos tractarmos com alguma civilidade, conheciam bem que eu não era do numero dos seus; e que reinava unicamente em virtude d'um systema que destruia o altar, que o tempo lhes tinha levantado. Eu equivalia a uma revolução. O Imperio ameaçava-a do mesmo modo, que a republica, com a unica differença, que temiam mais o Imperio porque era mais robusto.

A politica pedia que me attacassem com a maior brevidade possivel, antes que eu tivesse adquirido todas as minhas forças.

As probabilidades da luta, que se hia empenhar, eram do maior interesse para mim; porque além de me darem a medida do odio que me tinham os soberanos, ensinavam-me a distinguir os que se decidissem por temor a assossiar-se ao systema do Imperio, dos que preferiam a morte a esta assossiação.

Esta luta devia produzir novas combinações politicas na Europa. Eu devia succumbir, ou ser o arbitro das nações. Eu acabava de reunir o Piemonte á França, porque queria que o Imperio apoiasse a Lombardia. Tractaram-me d'ambicioso, armando-se logo para o combate, á que esta união serviu de signal.

A batalha devia ser sanguinolenta. Os austriacos ajunctaram todas as suas forças, e os russos estavam decididos a reunir-se com elles.

O joven *Alexandre* acabava de subir ao throno e como os filhos gostam de fazer o contrario do que fizeram seus paes, declarou-me a guerra porque seu pae tinha feito a paz. O meu designio não era de fazer então a guerra á Russia, porque ainda não tinha chegado a sua vez; mas as mulheres, e os cortesãos decidiram o Imperador a que m'a declarasse elle a mim. Elles suppunham, que não tinham conseguido senão uma cousa que todos approvavam, porque o meu nome

era detestado em todas as sociedades, e começavam, sem o saberem, o systema ao qual a Russia devêra a sua grandeza.

A coalisão não abriu nunca a campanha tão loucamente. Os austriacos imaginaram, que me surprehendam, mas acharam-se enganados.

Elles invadiram a Baviera sem esperar a chegada dos russos; dirigiram-se a marchas forçadas sobre o Rheno. As minhas columnas levantaram o campo de Bolonha, atravessaram a França, e passaram o Rheno em Strasburgo. A minha vanguarda encontrou os austriacos em Ulm, aonde os rechasou. Eu marchei rapidamente sobre Vienna, aonde entrei sem obstaculo. O general austriaco esqueceu-se de quebrar as pontes do Danubio em que eu passei este rio. Eu o teria igualmente passado; mas não havia de chegar tão depressa á Moravia.

Os restos do exercito austriaco foram refugiar-se debaixo das bandeiras dos russos, que principiavam então a apparecer. O inimigo quiz sustentar-se em Austerlitz; mas foi batido. Os russos retiraram-se em boa ordem, deixando-me senhor da Austria.

O imperador *Francisco* pediu-me uma entrevista, que eu lhe concedi em uma colva. Pediu-me a paz, e concedi-lh'a, por não saber para que me podia servir o seu paiz, visto não estar ainda maduro para uma revolução. Para diminuir as suas forças, pedi Veneza para a Lombardia e o Tyrol para a Baviera, a fim de reforçar ao menos os meus amigos á custa dos meus inimigos. Que menos se podia pedir?

Não achando a conjunctura propria para disputar, julguei conveniente assignar a paz. Eu a fiz propôr ao mesmo tempo aos russos; porém o Imperador *Alexandre* a recusou.

Esta firmeza era nobre; porque accetando a paz tomava parte na humilhação dos austriacos.

Recusando-a mostrou constancia nos révezes, e confiança na fortuna. Eu conclui da sua firmeza que a sorte do mundo dependia de nós ambos.

A campanha tornou a principiar. Eu segui a retirada dos russos, e cheguei á Polonia, aonde se abriu um novo theatro ás nossas armas. Eu a ver esta antiga terra da anarchia, e da liberdade curvada debaixo d'um jugo estrangeiro: os Polacos esperavam a minha chegada para a sacudir.

Confesso que me não soube aproveitar

das vantagens, que podia tirar dos Polacos; esta negligencia foi o maior erro do meu reinado. Eu sabia mui bem que era essencial organizar este paiz para oppor uma barreira á Russia, e um contrapeso á Austria; mas as circumstancias nesta epocha, não eram proprias para realizar este plano.

Por outra parte, não julguei os Polacos capazes de desempenharem os meus planos. É uma nação apaixonada e inconsistente, que faz tudo por fantasia, e nada por systema; o seu enthusiasmo, posto que violento, não é duravel. O caracter d'esta nação deve necessariamente causar a sua ruina.

Talvez que dando aos polacos um plano, um systema, e um ponto d'appoio, formassem com o tempo uma nação respeitavel.

Posto que o meu caracter me não determinasse nunca a deixar as cousas por acabar, abandonei a organização da Polonia, antes de lhe dar a consistencia de que precisava; o que com effeito me causou bastante damno. Marchei no rigor do inverno para as regiões do norte; os soldados mostravam as melhores disposições, sem darem o menor signal de temerem a aspereza do clima. Eu tinha de combater contra um exercito, senhor do seu terreno, e habituado ao seu clima, que me esperava nas fronteiras da Russia. Tomei a resolução de o ir atacar, por preferir este expediente ao de deixar amollecere as minhas tropas em maus acantonamentos. Encontrei o inimigo em Eylau: a batalha foi sanguinolenta e indecisa.

Se os Russos nos tivessem atacado no dia seguinte, sem duvida nos teriam battido; mas felizmente os seus generaes não são proprios para resoluções de semelhante natureza. Deram-me tempo para os atacar em Friedland, aonde a victoria foi menos duvidosa. O Imperador *Alexandre* propoz-me a paz depois de se ter defendido com intrepidez; e como era honrosa para as duas nações, porque ambas tinham combatido com equal valor, foi assignada em Tilsit, e foi assignada de boa fé, como o póde attestar o mesmo Czar.

Tal foi o resultado dos primeiros esforços da coalisão contra o Imperio, que eu acabava de fundar. As minhas armas adquiriram um novo grau de gloria, mas a questão ficou indecisa entre mim, e a Europa; por que os meus inimigos, posto que humilhados, não estavam destruidos, nem desistiam de proseguir nos seus projectos.

Achando-me com pouca differença nas

mesmas circumstancias, assignei a paz prevendo a guerra. Ella era indubitavel em quanto a sorte das armas não produzisse novas combinações, e em quanto Inglaterra tivesse um interesse pessoal em a prolongar.

Julguei que me devia aproveitar do repouso, que eu acabava de dar ao continente, consolidando a base do Imperio, a fim de lhe dar mais consistencia, para melhor sustentar os futuros ataques. O throno era hereditario na minha familia, a qual começava assim uma dynastia nova, que o tempo devia consagrar, como tem legitimado todas as outras. Nenhuma corôa tinha sido dada depois da de *Carlos Magno*, com tanta solemnidade: porque a recebi do voto dos povos, e da sancção da Egreja. Seria uma grande inconsequencia, que a minha familia chamada para reinar, se confundisse com as outras classes da sociedade.

Eu era rico em conquistas, e devia ligar intimamente estes estados ao systema do Imperio, a fim de lhe dar maior preponderancia; porque não ha outros vinculos entre povos, senão os d'interesses communs. Era consequentemente indispensavel estabelecer uma inteira comunidade entre o meu Imperio e os estados conquistados. Não se tractava para isso, senão de mudar a sua antiga ordem social, dando-lhe a do meu Imperio, e pondo á frente d'estas novas Instituições soberanos interessados em as sustentar.

Eu preenchia estas condições, pondo a minha familia nos thronos que se achavam vagos.

A Lombardia era o mais essencial d'estes Estados (*), porque devia estar continuamente exposto ás saudades da casa d'Austria. Assim não lhe quiz dar o gosto de ver um de meus irmãos sobre aquelle throno; só eu era capaz de sustentar a corôa de ferro, e por isso a puz sobre a minha cabeça.

Com isto excitei muito maior confiança nos Lombardos, porque associei meus destinos com os seus.

Este novo estado tomou o nome de reino d'Italia, porque este titulo era mais pomposo, e satisfazia melhor a imaginação dos Italianos.

O throno de Napoles tambem estava vago. A Rainha Carolina, depois d'haver inun-

(*) Em que haviam thronos vagos, como elle disse antecedentemente. — *Os Redactores.*

gado de sangue as ruas de Napoles, e entregar seu reino aos Inglezes, havia sido expulsa de novo. Este desgraçado paiz precisava d'um Soberano para o livrar da anarquia e das vinganças. Um de meus irmãos occupou este throno.

A Hollanda já havia muito tempo que tinha perdido a energia que constitue as republicas, e já não tinha força para representar esta figura: d'isso tinha dado uma grande prova no desembarque de 99. Tambem não me podia persuadir que ella tivesse saudades da familia d'Orange pelo modo com que esta a tinha tractado. Parecia logo que a Hollanda necessitava de um Soberano: dei-lhe outro de meus irmãos.

O mais moço ainda era mui rapaz, e podia esperar: o quarto não gostava de reinar, e fugiu para se livrar d'esta honra.

Conservei só uma republica que foi a dos Suissos, e não havia interesse algum em mudar as formas, a que elles estavam acostumados. Minha auctoridade neste paiz unicamente se limitava a impedir que elles se não degolassem uns aos outros. A pezar d'isso, nunca se me mostraram muito agradecidos.

Dando esta forma aos Estados alliados da França e dependentes do Imperio, eu devia, ao mesmo tempo, reunir á mãe patria outras porções de territorios a fim de conservar o equilibrio em todo o systema.

Foi com estas vistas que reuni o Piemonte á França, e não á Italia. Da mesma forma lhe reuni Genova e Parma. Estas aggregações não valiam nada em si mesmas, porque eu poderia ter feito todos estes povos bons Italianos, e nunca os pude fazer senão mediocres Francezes. Mas o imperio não só se compunha da França, mas dos estados de familia e dos alliados estrangeiros. Era essencial conservar proporção entre estes trez elementos: Cada uma das novas alianças trazia consigo uma nova reunião, e o público sempre gritava em cada uma d'ellas contra a minha ambição. Mas a minha ambição nunca consistiu em ter algumas leguas quadradas de mais ou de menos, porém só em fazer triumphar a minha causa.

Ora esta causa não consistia unicamente nas opiniões, mas no peso que cada um dos partidos podia lançar na balança; e as leguas quadradas pêsam muito nella, porque o mundo não se compõe d'outra cousa.

Assim eu augmentava a massa das forças que fazia mover. Para operar estas mudanças não era preciso nem talento nem esper-

teza, bastava um só acto da minha vontade, porque todos estes paizes eram mui pequenos para ter uma contraria á minha. Dependiam todos do movimento dado á totalidade do systema Imperial: o centro d'este systema estava em França.

Era preciso logo consolidar a minha obra dando á França instituições conforme a nova ordem social, que ella tinha adoptado. Era preciso crear o meu seculo para mim, assim como eu tinha sido creado para elle.

Era preciso ser legislador depois de haver sido soldado.

Não era possivel fazer retrogradar a revolução, porque isto seria submeter de novo os fortes aos fracos, o que é contra a natureza. Era necessario pois conservar-lhe o espirito, e accomodar-lhe depois um systema analogo de legislação. Eu creio que o consegui. Este systema me sobreviverá; e eu deixei á Europa uma herança que ella nunca poderá repudiar.

No Estado não havia realmente senão uma vasta democracia dirigida por uma dictadura. Esta especie de governo é commoda para a execução, mas é de natureza temporaria, porque só dura tanto como a vida do dictador. Eu devia tornal-a perpétua, fazendo instituições duradouras, e instituindo corporações permanentes, a fim de as collocar entre o throno e a democracia. Mas nada podia já operar por meio dos habitos e das illusões: fui obrigado a crear tudo com realidade.

Foi preciso tambem fundar a minha legislação sobre os interesses immediatos da maioria, e crear corporações que tivessem interesses, porque os interesses são a cousa que tem mais realidade no mundo.

Fiz por tanto leis que tinham uma acção immensa porém uniforme. Tinham por principio a conservação da egualdade, e esta vê-se tão fortemente gravada nos meus codigos que elles serão sufficientes para a conservar.

Institui uma casta intermediaria. Era democratica, porque todos e em todos os tempos podiam entrar nella; era monarchica, porque não podia morrer.

Esta corporação era destinada para substituir em o novo regimen o serviço que a nobreza estava destinada a fazer no antigo: isto é, apoiar o throno. Mas entre ellas não havia similhaça. A nobreza velha só existia em virtude de suas prerogativas; a minha só tinha poder. A nobreza velha não tinha outro merecimento senão o de ser exclusiva.

Todos os que se distinguiam entravam de direito em a nova: não era outra cousa mais do que uma corôa civica. O povo não lhe ligava outra idéa. Cada um a tinha merecido por suas obras; todos a podiam obter pelo mesmo preço: assim não offendia ninguém.

O espirito do imperio tinha um movimento ascendente: é o caracter das revoluções. Este espirito animava toda a nação, e toda ella se agitava para erguer-se. No mais alto d'este movimento colloquei grandes recompensas, que nunca foram dadas senão em virtude do reconhecimento público. Estas altas dignidades eram ainda conformes com o espirito da egualdade, porque o ultimo soldado as podia ganhar por brilhantes acções.

Depois da desordem da revolução era necessario restabelecer a ordem, porque esta só é o symptoma da força e duração.

Os administradores e juizes eram essenciaes ao Estado, pois que d'elles só dependia a ordem pública, isto é, a execução das leis. Eu os associei ao movimento que animava o povo e o exercito, associando-lhes as mesmas recompensas. Creei uma ordem, que honrava os administradores, porque ella havia recebido dos soldados a sua patente d'honra. Fiz com que fosse commum a todos os que serviam o Estado, porque a primeira das virtudes é servir bem a patria.

Dei por esta forma e com esta grande mola uma união geral ao imperio. Por ella se ligavam os interesses de todas as classes da nação, porque nenhuma era inferior ou excluida. Formava-se em torno de mim um corpo intermediario, escolhido do melhor que tinha a nação, e que se ligava ao systema imperial por sua vocação, interesses, e opiniões. Este corpo numeroso, ainda que revestido do poder civil e militar, era aprovado pelo povo, porque se escolhia á sorte em todas as classes. O povo tinha nelle confiança, porque seus interesses eram communs. Este corpo não *dizimava*, nem era exclusivo. Não era na realidade mais do que uma magistratura,

O imperio descansava sobre uma organização forte. O exercito tinha-se formado na escola da guerra, e nella tinha aprendido a combater e a soffrer.

Os funcionarios publicos acostumavam-se a fazer executar estrictamente as leis, porque eu não queria nem arbitrariedades nem interpretações. Assim iam ganhando habito e promptidão. A todas as cousas tinha

eu dado uma impulsão uniforme; no Império já não era preciso senão uma palavra, — ordenar. Assim tudo se movia dentro d'esta maquina, mas o seu movimento só se operava dentro dos limites que lhe havia traçado.

Acabei com todas as delapidações públicas, dando um único centró a toda a maquina fiscal. Nesta parte não deixei cousa alguma que fosse arbitraria, porque em materias de dinheiro toda a exactidão é pouca. Particularmente não deixei nada disponível nas mãos d'essas meias responsabilidades provinciaes, porque a experiencia me havia ensinado, que este abandono não serve senão para enriquecer meia duzia de pequenos delapidadores á custa do Erário, do povo, e da causa pública.

Dei credito ao Estado, não me servindo do credito,

Substitui ao systema dos empréstimos, que tinha arruinado a França, o systema dos tributos que a corroborou.

Organizei a conscripção, — lei rigorosa, porém grande, e a unica que deve ter o povo que ama a sua gloria e a sua liberdade, porque de ninguem deve confiar a sua defeza senão de si.

Abri novas communicações ao commercio. Liguei a Italia com a França, rasgando os Alpes por quatro differentes estradas. Emprehendi nesta parte o que parecia quasi impossivel.

Fiz prosperar a agricultura, respeitando e mantendo as leis protectoras da propriedade, e repartindo igualmente os tributos.

Accrescentei grandes monumentos aos que já tinha a França, para que attestassem a sua gloria. Persuadia-me que elles elevariam a alma dos nossos descendentes. Os povos ganham amor por estas nobres imagens da sua historia.

O meu throno só brilhava pelo esplendor das armas. Os Francezes gostam até do exterior da grandeza, e eu cuidei em ornar os palacios, e em ter uma côrte numerosa. Dei-lhe um character austero, porque outro qualquer não lhe convinha. Nella não haviam divertimentos, e por isso as mulheres faziam uma figura mui mesquinha nesta côrte, em que tudo era dedicado á grandeza do Estado. Por isso ellas me detestaram sempre: Luiz XV convinha-lhes muito melhor.

A minha obra estava apenas começada, quando um novo inimigo se apresentou inopinadamente em campo.

Havia dez annos que a Prussia se conservava em paz. A França se lhe tinha mostrado agradecida, e os alliados lhe queriam por isso muito mal. Injuriavam-na, mas ella prosperava.

Sua neutralidade tinha-me sido essencialmente proveitosa na ultima campanha. Para estar seguro d'ella, insinuei-lhe a cessão do Hanover em seu beneficio. Assim julguei que uma tal confidencia desculpava mui bem a pequena violação de territorio que lhe fiz para acelerar a marcha d'uma divisão que eu precisava ter promptamente no Danubio.

Como Inglaterra rejeitasse as proposições de paz que, segundo o costume, lhe fizemos depois do tractado de Tilsit, a Prussia pediu então que se realizasse a cessão do Hanover.

Eu nada desejava tanto como fazer-lhe este presente, mas pareceu-me tambem que era já tempo que esta côrte se declarasse francamente por nós, e entrasse de boa mente em o nosso systema. Não se podia conquistar tudo á ponta da espada; a politica tambem nos devia dar alguns alliados, e a occasião parecia excellente.

Deseohei porém que a Prussia tinha outras vistas, e que julgava ter-me amplamente pago com a sua neutralidade. Neste caso era já ridiculo engrandecer um paiz sobre que eu não podia contar. Zanguiei-me com isto, e não calculei que dando este terreno á Prussia mais a compromettia, isto é mais a punha da minha parte. Recusei tudo o que me pedia, e o Hanover teve outro destino.

Os Prussianos gritaram altamente porque eu não lhes quiz dar o alheio, e a pár d'isso se queixaram da minha pequena violação do anno antecedente. Lembraram-se em um momento de que eram os depositarios da gloria do Grande Frederico; esquentaram-se-lhes as cabeças; uma especie de movimento nacional agitou a nobreza Prussiana; a Inglaterra acudiu-lhes logo com dinheiro; e este movimento tomou consistencia.

Se os Prussianos me tivessem atacado quando eu andava occupado com os Russos podiam ter-me feito de certo muito mal; mas era tão absurdo vir fóra de tempo declarar-nos uma guerra, que tinha todo o ar de rapaziada, que eu por muito tempo não o acreditei. Com tudo, era isto mais que verdade, e foi preciso entrar em campanha.

Eu esperava bater sem dúvida nenhuma os Prussianos, mas cuidava que esta operação me levaria mais tempo. Tomei as mi-

nhas medidas contra todas as aggressões que se me podiam suscitar e de que eu desconfiava, porém ellas não foram precisas.

Por um azar bem extraordinario os Prussianos não resistiram duas horas; e por outro azar ainda mais notavel seus generaes não se resolveram a defender as praças que me levariam tres mezes a tomar. Assim dentro d'alguns dias conquistei todo o paiz.

A brevidade d'esta conquista me fez ver que esta guerra não era popular na Prussia. Esta descoberta devia ter feito com que eu organisasse a Prussia ao nosso modo, mas desgraçadamente não me soube aproveitar d'esta boa occasião.

O imperio tinha adquirido uma preponderancia immensa com a batalha de Jena. O publico começava a olhar a minha causa como ganhada, e bem o conheci pelo modo com que entrei a ser tractado. Eu tambem acreditei facilmente o mesmo, e esta boa opinião me fez commetter muitos erros.

O systema, sobre que eu tinha fundado o Imperio, era inimigo nato das antigas dynastias. Eu sabia que entre mim e ellas devia haver uma guerra mortal; e por isso era preciso empregar meios vigorosos para lhes dar a menor duração possível, a fim de poupar o soffrimento dos povos e dos Reis.

Em consequencia d'isto deveria ter mudado, por uma parte, a forma e os individuos de todos os Estados, que a guerra ia depositando em minhas mãos; porque não se podem fazer revoluções, conservando os mesmos homens e as mesmas cousas. Devia pois estar certo de que, conservando os mesmos governos, os teria sempre contra mim: eram inimigos que eu resuscitava.

Se, por outra parte, eu queria conservar os antigos governos, por não poder fazer cousa melhor, deveria então tornal-os cúmplices da minha grandeza, fazendo-lhes aceitar com a minha alliança territorios e titulos.

Se tivesse seguido um ou outro d'estes planos, segundo as circumstancias, teria estendido rapidamente as fronteiras da revolução. Nossas allianças haveriam sido mais solidas, porque teriam sido feitas com os povos. Eu lhes haveria dado vantagens com os principios da revolução; haveria arredado d'elles o flagello da guerra, com que eram atormentados por espaço de vinte annos, e que em fim os revoltou a todos contra nós.

É bem de crer que a maior parte das nações do continente teria accedido esta gran-

de alliança, e que a Europa se refundiria de baixo d'um novo plano analogo ao seu estado de civilisação.

Eu raciocinei bem, mas obrei mal. Em vez de mudar a dynastia Prussiana, como eu a tinha ameaçado, restitui-lhe seus estados depois de os haver mutilado. A Polonia não gostou de que eu só desse liberdade á porção de territorio que possuia a Prussia; o reino de Westphalia ficou descontente por não obter mais; e a Prussia, furiosa pelo que eu lhe havia tirado, jurou-me um odio eterno.

Imaginei, não sei porque, que os soberanos desthronisados pelo direito de conquista poderiam ficar-me ainda agradecidos pela parte que lhes tornava a dar. Imaginei que ainda poderiam, depois de tantos revézes, unir-se de boa fé connosco, porque este era o partido mais seguro. Imaginei poder tambem estender por este modo as allianças do imperio, sem fazer recahir sobre mim o odio que as revoluções trazem consigo. Imaginei em fim, que era uma grande cousa tirar e dar cordas. Deixei-me illudir, enganei-me; e os erros nunca se perdoam.

Eu quiz emendar, ao menós, o que tinha feito na Prussia, organisando a confederação do Rheno, porque esperava assim conter uns por meio dos outros. Para formar esta confederação, augmentei os estados d'alguns soberanos á custa d'uma chusma de pequenos Principes, que não sabiam senão comer o dinheiro de seus vassallos, sem lhes dar o mais pequeno proveito. Assim liguei á minha causa os soberanos que tinha engrandecido pelos mesmos interesses do seu engrandecimento. A seu pezar, os fiz conquistadores, e a final elles gostaram do officio. Fizeram de boa vontade causa commum comigo, e foram fieis a esta causa em quanto poderam.

O continente achou-se em paz pela quarta vez. Eu tinha estendido a superficie e a preponderancia do imperio. Meu poder immediato se dilatava desde o Adriatico até as boccas do Weser; meu poder d'opinião estendia-se sobre toda a Europa.

Mas a Europa sentia, como eu, que esta pacificação apenas era uma obra provisoria, porque nella haviam muitos elementos de resistencia, e porque, querendo eu capitular com estas resistencias, no que muito mal fiz, só tinha feito recuar as difficuldades.

O principio vital d'estas resistencias estava em Inglaterra. Eu não tinha meio algum

para a atacar directamente, e estava certo, que a guerra se renovaria no continente em quanto o ministerio inglez tivesse dinheiro para pagal-a. A cousa podia assim durar muito tempo, porque os beneficios da guerra alimentavam a guerra. Era um circulo vicioso, cujo resultado era a ruina do continente. Precisava-se pois achar um meio para destruir os beneficios que a guerra maritima causava á Inglaterra, para com elle arruinar o credito do ministerio. Propóz-se-me para este fim o systema continental. Pareceu-me bom, e adoptei-o. Poucas pessoas comprehenderam bem este systema. Obstinadamente não quizeram ver nelle senão o fim de encarecer o caffè. Mas elle devia produzir ainda outras consequencias bem diversas.

Devia arruinar o commercio Inglez. É verdade que nesta parte não fez o que se esperava, porque produziu, como todas as prohibições, a carestia, que é sempre em beneficio do commercio; e não pôde ser completamente estabelecido para se aniquilar o contrabando.

Mas o systema continental devia servir ainda para distinguir claramente nossos amigos dos nossos inimigos. Com elle não nos podiamos enganar: a adopção do systema continental mostrava fidelidade á nossa causa, porque era a sua insignia e o seu Palladium.

Este systema, tão debatido, era indispensavel no momento em que o estabeleci; porque é preciso que um grande imperio tenha não sómente uma tendencia geral para dirigir a sua politica, mas a sua economia deve ter a mesma tendencia. É preciso abrir um caminho á industria, como a todas as cousas, para haver movimento, e correr-se para diante. Ora a França não tinha esta estrada aberta quando lh'a eu abri, dando-lhe o systema continental.

A economia de França dirigia-se, antes da revolução, para as colonias, e para um commercio de méra troca: era esta então a moda do tempo. Tinha tido um bom successo, é verdade, mas a pezar d'isso, e do muito que tem sido elogiado, os seus resultados foram — a ruina das finanças do estado, — a perda do seu credito, — a destruição do seu systema militar, — a perda da sua consideração externa, — e o abatimento de sua agricultura. Estes acontecimentos a levaram a final ao termo d'assignar um tractado de commercio, que deu aos Ingle-

zes o direito de a supprir de tudo quanto precisava.

A França tinha com effeito excellentes portos de mar, e alguns negociantes com fortunas immensas. Mas a guerra havia completamente destruido o systema maritimo. Os portos de mar estavam arruinados, e nenhuma força humana já lhes podia dar o que a revolução tinha aniquilado. Era logo necessario dar outra impulsão ao espirito mercantil para ressuscitar a industria da França. Não havia outro meio para o conseguir senão tirar aos Inglezes o monopolio da industria manufactôra para com esta industria dar uma tendencia geral á economia do Estado. Era necessario, numa palavra, crear o systema continental.

Só este systema e nenhum outro se fazia necessario, porque era preciso dar um auxilio enorme ás fabricas, para obrigar o commercio a contribuir externamente com os adiantamentos que exige o estabelecimento d'uma geral industria fabricadora.

Os factos mostraram, que eu tinha razão, porque forcei a industria insular a passar os mares, e a vir para o continente. E tamanhos são os progressos, que ella tem feito no seu novo domicilio, que já não tem que temer nenhuma concorrência. Se a França quer prosperar, conserve o meu systema mudando-lhe o nome. Se quer arruinar-se, dê-se de novo a empresas maritimas, porque os Inglezes lhe darão cabo d'ellas na primeira guerra que tiverem. Eu fui forçado a levar o systema continental ao extremo, porque elle tinha por fim não só fazer todo o bem possivel á França, mas todo o mal á Inglaterra. Nós não recebiamos os productos coloniaes senão por sua via, qualquer que fosse a bandeira que elles tomassem para navegar; assim era preciso comprar a menor quantidade possivel. Para isto não havia melhor meio do que pôr-lhes preços enormes. O fim politico estava preenchido, as finanças do estado prosperavam mas algumas boas mulheres se desesperavam com estas prohibições, e ellas se vingaram. A experiencia diaria mostrava que o systema continental era bom, porque o estado prosperava, a pezar do pezo da guerra. Os tributos cobravam-se regularmente, e o credito andava a par com os juros do dinheiro. O espirito de melhoramento tanto se mostrava na agricultura como nas fabricas. Edificavam-se novas cidades assim como novas ruas se abriam em Paris. As estradas e canaes facilitavam o

movimento interior. Todas as semanas havia algum aperfeiçoamento: eu mandava fazer assucar de nabos, e a sôda do sal. O desinvolvimento das sciencias marchava a par do da industria.

Eu passaria conseguintemente por louco se deixasse um systema na propria occasião em que elle entrava a dar fuctos. Era preciso, pelo contrario, fortifica-lo para dar maiores estimulos e emulação.

Esta necessidade influïu sobre a politica da Europa, fazendo com que a Inglaterra se visse tambem na necessidade de proseguir na guerra. Desde este momento tambem a guerra tomou em Inglaterra um caracter mais serio. Agora já se tractava da sua fortuna pública, isto é, da sua existencia; e por isso a guerra se popularizou. Os Ingleses deixaram de confiar a sua protecção a meros auxiliares; appareceram elles mesmos em campo, e em volumosas massas. A lucta só então começou a ser perigosa. Eu o conheci mui bem quando assignei o decreto. Vi que já não podia ter descanço, e que toda a minha vida se passaria em combater resistencias, que o público não via, porém que eu bem conhecia, porque sempre tenho sido o unico homem a quem as apparencias nunca enganaram. Lisongeava-me dentro do coração de que poderia governar sempre o futuro por meio do exercito, que eu tinha creado, e que tantos successos haviam tornado invencivel. O mesmo exercito não duvidava nem da sua força, nem da sua fortuna: seus movimentos eram faceis, porque tinhamos largado o systema dos acampamentos e dos armasens. Podia-se transporta-lo em um instante para todas as partes e para todas ia elle com a consciencia da sua superioridade. Com taes soldados qual é o general que não gosta da guerra? Eu gostava d'ella, e o confesso; e a pezar d'isso depois da jornada de Jéna, nunca mais tornei a sentir em mim essa plenitude de confiança, e esse desprezo do futuro, a que devi meus primeiros successos. Já desconfiava de mim, e esta desconfiança produzia incerteza nas minhas resoluções: meus humores estavam alterados, meu caracter tinha degenerado. É verdade, que me sabia governar, porém o que não é natural nunca pôde ser perfeito.

O systema continental decidiu os Ingleses a fazer-nos uma guerra de morte. O norte estava submisso, e socegado por meio das minhas guarnições. Os ingleses já não ti-

nham com elle outras relações senão as do contrabandô. Tinham porém Portugal, e eu sabia que Hespanha lhes favorecia o commercio á sômbra da sua neutralidade.

Para que o systema continental podesse produzir algum proveito era preciso, que fosse completo. Elle o era, pouco mais ou menos, em o norte: fazia-se necessario que tambem o fosse no meio dia. Eu pedi á Hespanha dêsse passagem a um corpo de exercito, que destinava para Portugal: foi-me concedida. Ao chegarem as minhas tropas, a côrte de Lisboa embarcou para o Brasil, e deixou-me o reino. Foi-me preciso estabelecer, ao travéz da Hespanha, uma estrada militar para communicar com Portugal. Esta estrada nos deu conhecimento d'Hespanha: até então eu não tinha dado attenção áquelle paiz, em razão da sua nullidade.

O estado politico d'Hespanha andava nesse tempo em summa perturbação: ella era governada pelo mais incapaz dos soberanos; bom e digno homem, que limitava toda a sua energia a obedecer a um valido. Este valido, sem caracter e sem talentos, só tinha energia para pedir incessantemente riquezas e honras.

O valido tinha-se mostrado sempre mui affeçoado, porque via que era facil governar á sômbra da minha alliança. Porém cuidava tão mal dos negocios, que tinha perdido todo o seu credito em Hespanha. Já não podia ser obedecido, e neste caso a sua amizade já me era inutil.

As opiniões tinham marchado em Hespanha no caminho inverso do restante da Europa. O povo, que por toda a parte tinha subido até ás altas idéas da revolução, achava-se allí mui abaixo d'ellas, as luzes não tinham ainda penetrado até á segunda camada da nação; haviam parado na superficie, isto é, nas altas classes. Estas sentiam o aviltamento da sua patria, e envergonhavam-se d'obedecer a um governo, que lhe arruinava a patria. Os individuos d'estas classes eram denominados pelo titulo de *Liberales*.

Por isso se vê que os revolucionarios em Hespanha eram os que tinham que perder com a revolução, e que os que deviam ganhar com ella eram seus inimigos. A mesma contradicção se viu em Napoles. Eu, que não tinha a chave d'estes segredos, devia necessariamente commetter muitos erros.

A presença das minhas tropas em Hespanha produziu um notavel acontecimento; e

cada um o interpretou a seu modo. Todos entraram a fallar d'elle, e a fermentação principiou. Eu fui informado d'isto. Os *Liberales*, sensíveis á humilhação do seu paiz, persuadiram-se que preveniam a sua ruina por meio d'uma conjuração. Esta teve effeito, e limitou-se a fazer abdicar o velho rei, e maltractar com pancadas o seu valido. A Hespanha não ganhava essencialmente com esta mudança, porque o filho, que se collocava no throno, não era melhor que seu pae. Nesta parte sei eu mui bem o que digo.

Apenas a conjuração produziu seu effeito, immediatamente os conjurados se assustaram da sua propria ousadia; tiveram medo de si, de mim, e de todo o mundo. Os frades não approvaram a violencia commettida contra o seu velho Rei, porque era illegitima; eu tambem a desapprovei por outros motivos. A nova corte assustou-se, o povo se revoltou, e houve anarchia no estado.

A força das circumstancias tinha assim produzido uma mudança em Hespanha, pois que já havia de facto uma revolução começada. Mas esta revolução não podia ser como a Franceza, porque os elementos eram differentes. Até áquellè ponto não tinha ella direcção, porque não tinha chefe, nem plano meditado d'ante-mão. Era simplesmente uma suspensão de auctoridade, uma subversão de poder, e uma desordem: eis-aqui tudo.

A respeito da sorte de Hespanha não se podia prever outra coisa senão que esta revolução, feita com um povo ignorante e feroz, não acabaria sem rios de sangue, e longas calamidades.

Que desejavam porém os homens que queriam uma mudança em Hespanha? Não era uma revolução como a nossa: era um governo capaz, e uma auctoridade propria para limpar a ferrugem que cobria todo o paiz, a fim de lhe dar consideração externa, e civilisação interna.

Ambas estas cousas lhe podia eu dar, apoderando-me da revolução no ponto a que a tinham levado. Tractava-se de dar á Hespanha uma dynastia que fosse forte, porque seria nova, e que fosse illustrada, porque não teria prejuizos. A minha tinha estas duas qualidades. Cuidei pois em lhe dar um throno de mais.

Para isto o mais difficil já estava feito, que era estar livre da antiga dynastia, porque os Hespanhoes tinham consentido na abdicção do seu velho Rei, e não queriam

reconhecer o novo. Tudo parecia logo indicar que a Hespanha, para evitar a anarchia, accitaria o Soberano, que se lhe apresentasse armado com uma força prodigiosa. Por este modo entraria, sem nada soffrer, no circulo do systema Imperial; e por mais deploravel, que fosse o estado social da Hespanha, não convinha desprezar esta conquista.

Mas, como para julgar bem das cousas é preciso vê-las, parti para Bayona, para onde convidei a velha corte de Hespanha. Como esta já não tinha nada que fazer accitou o meu convite. Convidei egualmente a nova, e não esperava, que ella o accitasse, porque nisso faria muito melhor.

Persuadi-me, que *Fernando*, para se não ver na minha presença e na de seu pae, ou tomaria o partido da revolta, ou iria para America. Elle não tomou nem um nem outro: veio a Bayona com seu mestre e seus confidentes, e largou Hespanha ao primeiro que a quizesse occupar.

Este passo só me deu a conhecer o que era esta corte. Assim que tive as primeiras conferencias com os chefes dos conjurados, logo vi a ignorancia em que estavam da sua propria situação. Não tinham plano algum, não previam nada, e a sua politica não passava de meros camaristas d'uma cidade. Apenas vi o Soberano, que elles haviam posto sobre o throno, fiquei logo convencido: que a Hespanha não devia ficar em taes mãos.

Decidi-me então a receber a abdicção d'esta familia, e a collocar um de meus irmãos sobre um throno, que seus soberanos tinham abandonado. Como elles tinham descido tão facilmente assentei que eu podia tambem subir da mesma maneira.

Nada com effeito parecia oppôr-se a isto; a juncta de Bayona tinha-o reconhecido; nenhuma auctoridade legal havia em Hespanha capaz de rejeitar esta mudança de reinado; o velho Rei mostrava-se agradecido por eu ter desthronisado seu filho; e tinha ido descansar para Compiègne. Seu filho foi conduzido para o palacio de Valençay, aonde se tinham feito os preparos necessarios.

Os Hespanhoes sabiam com que podiam contar com o seu velho Rei, e por isso não deixou nem saudades nem lembranças; seu filho porém era moço, e o seu reinado dava esperanças. Era infeliz, fizeram-no um heroe, e as imaginações se pozeram da sua parte. Os *Liberales*, fizeram resoar a palavra — *independencia nacional*; e os frades — a *ille-*

gitimidade: a nação toda se armou debaixo d'estas duas bandeiras:

Confesso que fiz mal em encerrar o joven Rei dentro de Valençay. Deveria antes deixal-o apparecer diante do mundo, porque então facilmente se desenganariam todos os que se interessavam por elle.

Fiz ainda maior mal em não deixar ficar sobre o throno. As cousas teriam hido de mal a peor em Hespanha; e eu teria ganhado o titulo de protector do velho Rei, dando-lhe um Azylllo. O novo governo ter-se-hia compromettido com os Inglezes; e eu lhe teria declarado a guerra tanto em meu nome, como procurador do velho Rei. A Hespanha teria confiado ao seu exercito a sorte d'esta guerra, e assim que elle fosse batido, a nação se teria submettido ao direito da conquista. Não ousaria neste caso murmurar, porque quem dispõe d'um paiz conquistado obra sempre segundo os usos recebidos.

Se eu tivesse mais paciencia teria seguido esta marcha. Com tudo, persuadi-me que, com eguaes resultados, os Hespanhoes acceitariam *a priori* uma mudança de dynastia que as circumstancias dos negocios faziam inevitavel. Errei nesta empreza, porque, supprimindo as gradações, quiz leva-la de salto. Assim eu desapossei a antiga dynastia por um modo offensivo para os Hespanhoes; e estes offendidos no seu orgulho não quizeram reconhecer a nova que lhe substitui. Resultou d'aqui que em nenhuma parte houve auctoridade, isto é, que ella se espalhou indefinidamente. A nação em massa arrogou a si a defeza do estado, pois que não havia exercito ou auctoridade alguma a quem se podesse confiar esta defeza: cada um se julgou responsavel nesta causa. Eu criei a anarchia, e achei por consequencia armados contra mim todos os recursos que ella dá. A nação inteira foi contra mim.

Esta nação, só conhecida na historia por sua avareza e ferocidade, era bem pouco temivel diante do inimigo, e fugia sempre assim que avistava nossos soldado; mas assassinava-os pelas costas. Mas como elles tinham as armas na mão, vingavam-se. De vinganças em vinganças esta guerra passou a ser um theatro de atrocidades.

Eu senti mui bem que esta guerra imprimia um caracter de violencia no meio reinado, e que ella era d'um perigoso exemplo para os povos, e funesta para o exercito, porque consumia muitos homens e fatigava

os outros. Senti tambem que tinha sido mal principiada, mas uma vez que se havia entrado nella era preciso acabal-a, porque o mais pequeno revêz inchava meus inimigos, e punha outra vez toda a Europa em armas. Via-me, por tanto, obrigado a ser sempre victoriosô. Em bem pouco tempo tive uma prova d'isto.

Eu tinha ido à Hespanha a fim d'acelerar os successos, e conhecer o terreno em que deixava meu irmão. Tinha occupado Madrid, e destruido o exercito Inglez que ia soccorel-a. Minha fortuna foi rapida, o terror foi geral, e a resistencia ia de todo acabar: não havia um momento para perder e com effeito nem um só se perdeu. O ministerio inglez armou a Austria, porque sempre foi tão activo em me suscitar inimigos, como eu em derrôtal-os. O projecto da Austria foi desta vez habilmente traçado; eu fui surpreendido: é preciso fazer justiça a quem a merece.

Meus exercitos estavam espalhados por Napoles, Madrid, e Hamburgo: eu mesmo estava em Hespanha. Era provavel que os Austriacos podessem ter vantagens no principio, e após estas vantagens podiam haver outras: neste genero de cousas só o primeiro passo é que custa. Podia-se ainda tentar a Prussia e a Russia, reanimar a coragem dos Hespanhoes, e dar popularidade ao ministerio inglez.

A corte de Vienna tem uma politica tenaz que os acontecimentos nunca transtornam. Eu andei muito tempo sem achar a razão d'isto. A final, porém tarde, conheci que este estado não tinha tão profundas raizes senão porque a extrema bondade do governo o tinha deixado degenerar em uma oligarchia. O estado é unicamente dirigido por uma centena de nobres, que possuem territorios, deitaram mão das finanças e da politica, e da guerra; por meio do que são senhores de tudo, e não deixam a corte senão a assignatura.

Ora as oligarchias nunca mudam d'opinões, porque seus interessês são sempre invariaveis. É verdade que executam mal tudo quanto fazem, mas obram sempre, porque nunca morrem. Não ganham nunca grandes vantagens, mas soffrem admiravelmente os revêzes; porque os soffrem em commum.

A Austria deveu quatro vezes a sua salvação a esta forma de governo; ella tambem decidiu a guerra que então se me declarou.

Eu não tinha um só instante que perder:

parti rapidamente d'Hespanha, e corri para o Rheno. Junctei as primeiras tropas que encontrei na passagem, e mandei reforços ao principe *Eugenio*, que já se tinha deixado bater na Italia. Os reis de Suabia e Baviera deram-me as suas tropas, e com ellas fui bater os Austriacos em Ratisbonna, e marchei para Vienna.

Segui a marchas forçadas a margem direita do Danubio, e contava com as vantagens do Vice-Rei para operar a nossa junção. Pertiendi chegar a Vienna primeiro do que os Austriacos, passar ali o Danubio, e collocar-me em posição de receber o Archiduque.

Este plano era bem concebido, mas era imprudente, porque eu tinha diante de mim um homem habil, e não tinha tropas bastantes. Porém a fortuna andava então comigo.

O Archiduque desforrou-se com uma bellissima marcha: advinhou o meu projecto, e tomou-me a dianteira. Dirigiu-se rapidamente a Vienna pela margem esquerda do Danubio, e tomou posição ao mesmo tempo que eu. É esta, segundo me lembro, a unica bella manobra, que os Austriacos têm feito.

O meu plano de campanha tinha falhado, e eu me achava á vista d'um exercito formidavel, que dominava meus movimentos, e me forçava á inação. Sómente uma grande batalha podia terminar a guerra. Eu era quem devia atacar, porque o Archiduque me reservou a representação d'esta figura. Não era ella com tudo mui facil de representar, porque o Archiduque estava em posição de bem me receber.

Por uma felicidade inesperada, o Archiduque *João*, em vez de ter mão no Vice-Rei, custasse o que custasse, deixou-se bater. O exercito d'Italia o arrojou para além do Danubio, e nós ficámos de posse de toda a sua margem direita.

Mas como não podiamos ficar allí toda a vida, foi preciso recorrer a uma decisão. Mandei lançar pontes, e o exercito se pôz em movimento. O corpo do marechal *Masena* foi o primeiro que passou. Já tinha começado o seu fogo quando um accidente quebrou as pontes. Era impossivel concertal-as em um momento para o ir socorrer. Elle viu-se atacado por todo o exercito inimigo. A tropa defendeu-se com um valor heróico, porque estava sem esperanças. Faltaram as munições, todos iam morrer, quando os Austriacos cessaram com o seu fogo,

assentando que para cada dia bastava a sua pena. Tornaram a tomar a sua posição no momento mais critico, e com isso me tiraram d'uma cruel agonia.

Mas nem por isso tinhamos deixado de ter um revez: eu bem lo conheci pelo estado da opinião. Já se publicava a minha derrota, annunciava-se a minha retirada, até se davam já d'ella as particularidades, e previa-se a minha perda. Os Tirolianos revoltaram-se, e foi preciso mandar contra elles o exercito de Baviera. Partidas armadas se tinham organizado na Prussia e Westphalia, e já corriam d'uma parte a outra, excitando insurreições. Os Inglezes tambem tentaram uma expedição contra Antuerpia, que teria tido muito bom effeito sem a sua inepecia. A minha posição ia diariamente de mal a peor.

Em fim pude tornar a lançar pontes sobre o Danubio. O exercito passou o rio em uma noite tempestuosissima. Eu mesmo assisti á passagem, porque ella me dava cuidado. Foi com effeito bem succedida, e as nossas columnas tiveram tempo para formar-se: este grande dia amanheceu debaixo de mui felizes auspicios.

A batalha foi bella, porque foi disputada. Os generaes não tiveram, com tudo, necessidade de fazer grandes esforços d'imaginação, porque commandavam grandes massas sobre uma planicie. O terreno foi por muito tempo disputado; mas a intrepidez das nossas tropas, e uma ousada manobra de *Macdonal* decidiram d'este dia.

O exercito Austriaco, vendo-se forçado, desfilou em desordem por uma longa planicie, aonde perdeu muita gente. Eu o perseguí vivamente, porque era preciso concluir a campanha. Batido na Moravia, não teve outro partido senão de pedir paz: eu lh'a concedi pela quarta vez.

Bem esperava eu que seria duravel, porque a gente se enfastia de ser batida assim como de qualquer outra cousa. Além d'isto, havia em Vienna um grande partido que era a favor de uma alliança final com o Imperio.

(Eu desejava a paz, porque via a necessidade de dar algum descanso aos povos: em vez de terem gozado das vantagens da revolução, elles não tinham visto até esta epocha senão as suas calamidades. Nós já não eramos seus protectores como haviamos sido no principio da guerra; e para acostumar a opinião da Europa á natureza do meu poder

era preciso não lho mostrar sempre debaixo d'um aspecto hostil.

O partido inimigo dizia por sua parte á multidão, que elle não pegava em armas senão para libertal-a do flagello da guerra, e para diminuir o preço das fazendas inglezas.

Estas insinuações faziam prosélitos, e a guerra tornava cada vez menos popular a revolução. É por isto que eu desejava a paz; mas não a podia haver sem o consentimento dos Inglezes, e a Austria se incumbiu de o pedir. Foi porém recusado.

Esta recusação inquietou-me. Vi que Inglaterra se sentia com forças que eu não lhe conhecia: procurei descobri-las, e não o pude conseguir.

Em vez de depôr as armas fui forçado a conservar-me em estado de guerra, e a fatigar a Europa. Isto me desagradava, porque ainda que eu gozasse dos fructos da victoria toda a honra do combate era sempre dada aos alliados. Estes tinham esse ar innocente que dá a defeza das cousas que se chamam legítimas, porque são velhas. Eu, pelo contrario, tinha o ar d'aggressor, porque combatia para as destruir, e substituir-lhe outras novas. Assim, sobre mim só recahia todo o peso da accusação. E todavia a guerra da revolução não foi mais do que o resultado da posição da Europa. Era uma crise que mudava seus costumes, e era a consequencia inevitavel da passagem d'um systema social para outro. Se eu houvesse sido o inventor d'este systema, poderia ser arguido pelos males que elle fez; mas o certo é que ninguem o inventou, e que foi só o producto da marcha do tempo. O tempo preparou lentamente a revolução Franceza como já antes tinha preparado a do Protestantismo com todas as desgraças que a acompanharam. A guerra não dependeu mais de mim do que dos alliados: dependeu unicamente do modo porque foi creado e existe o genero humano.

Inglaterra continuou a guerra sem auxiliares, mas não sem alliados, porque contava como taes a todos os inimigos da revolução. Nós tinhamos largo campo de batalha em Hespanha, e para lá mandei as minhas tropas; mas não tornei eu mesmo, e nisso fiz mal, porque só cada um sabe tractar bem os seus negocios. Mas eu já andava fatigado dos grandes barulhos, e além d'isto meditava um projecto, que devia dar ao meu reinado um novo caracter.

Antes d'isto se me suscitou um embaraço,

de que eu não me tinha lembrado. O norte estava occupado por minhas tropas, e os Inglezes não tinham forças bastantes para me atacar neste ponto: era só no Mediterraneo que a sua marinha os tornava superiores, porque possuíam Malta, gozavam da Sicilia, e das costas d'Hespanha, d'Africa e da Grecia. Quizeram portanto aproveitar-se de tamanhas vantagens.

Procuraram excitar um movimento de reacção em Italia, para d'ella fazerem uma nova Hespanha, se isso fosse possivel. Em toda a parte haviam descontentes, porque eu não podia agradar a todo o mundo, e por conseguinte os havia tambem na Italia como nos outros paizes. O clero não gostava de mim, porque o meu reinado destruia o seu; e os devotos, seguindo seu exemplo, tambem me detestavam. O povo baixo tinha estes mesmos sentimentos, porque o clero influe ainda muito nelle na Italia. O quartel-general d'esta opposição estava em Roma, como a unica cidade d'Italia que cuidava estar menos ao alcance da minha vigilancia. Assim Roma communicava com os Inglezes, provocava a revolta, insultava-me com escriptos clandestinos, e espalhava falsos boatos. Recrutava gente para os Inglezes, pagava os bandos do cardeal *Ruffo* para assassinarem os Francezes, e procurava deitar pelos ares o palacio do ministro da policia em Napoles. Era manifesto que os Inglezes tinham algum projecto sobre a Italia, e que allí fomentavam as desordens.

Eu não devia permittir tal, nem devia soffrer que se insultassem e se assassinassem os Francezes. Contentei-me com queixar-me por diversas vezes á Sancta Sé; mas só recebi respostas mui civis, convidando-me a soffrer este mal com paciencia. Mas eu, que por character nunca fui soffredor, vi logo que havia contra nós uma má vontade decidida, e que era preciso anticipar-me para impedir a explosão. Em consequencia d'isto, mandei occupar Roma pelas minhas tropas.

Esta medida, um pouco violenta, em vez de diminuir a effervescencia, irritou os espiritos. Manteve, comtudo, o sócego da Italia, e transtornou os planos de lord *Bentinck*, ainda que todos os devotos entraram logo occultamente a tramar contra mim tudo, quanto o odio e o espirito da Igreja podem suggerir.

Este centro d'intrigas tinha ramificações em França e na Suissa. O clero, os descontentes, e os partidistas do antigo regimem

(porque ainda os havia) andavam todos associados para formar intrigas contra a minha auctoridade, e fazer-me o maior mal que podessem. Mas não appareciam nunca como conjurados; tinham arvorado as bandeiras da Egreja, e atacavam-me com excomuniões, e não com artilheria. Até tinham seu sancto, e sua sênha: em uma palavra, formavam uma maçonaria orthodoxa, que eu não podia destruir porque era universal.

Era egualmente difficil atacar individualmente esta especie de gente, porque um tal ataque teria o ar de perseguição, que é sempre a arma dos fracos e nunca dos fortes. Julguei pois que poderia dissipar este partido, mettendo-lhe medo com um grande rasgo d'auctoridade. Queria mostrar-lhe a minha resolução, para lhe dar a conhecer, que estava determinado a manter o respeito da ordem e da auctoridade, e que para isto nenhum obstaculo teria.

Eu sabia que o modo de atacar mais seguramente este partido era separal-o do chefe da Egreja. Passou-se com tudo muito tempo antes que me determinasse a tomar esta resolução, porque ella me repugnava; mas esta minha demora exigia por isso mesmo uma prompta decisão. Lembrava-mé que Carlos V, que era mais devoto e menos poderoso do que eu, tinha feito prisioneiro um Papa, e não se tinha achado mal com isto; e por conseguinte, tambem eu podia fazer o mesmo. O Papa foi tirado de Roma, e conduzido para Savoná. Roma foi reunida á França.

Bastou este acto politico para destruir todos os projectos do inimigo. A Italia conservou-se socegada e fiel até o dia em que acabou o Imperio. Mas a guerra da Egreja continuou com a mesma obstinação: o zelo dos devotos reanimou-se. Era uma acção pouco estróndosa, mas venenosa, que operava sempre contra mim. Por maiores cautelas que tomei, os devotos conseguiram ter communicação com Savoná, e receber de lá as suas instrucções. Os Trappistas de Fribourg eram o canal d'esta correspondencia, que elles imprimiam, e faziam circular de cura em cura por todo o Imperio. Fui obrigado a transferir o Sancto Padre para Fontainebleau, e a expulsar os Trappistas para romper estas communicações. Mas creio que nunca o consegui.

Esta pequena guerra teve um mau effeito, por que não a pude despir do caracter de perseguição. Era-me impossivel deixar de

punir pessoas desarmadas, e com isto fazia, a meu pezar, muitas victimas. Estes desgraçados negocios da Egreja produziram talvez 500 prisioneiros d'Estado, quando os da politica não tinham produzido 50. Em tudo isto não ardei eu como devia, porque era assás forte para não temer os fracos; e assim fiz muito mal só por querer prevenil-o.

Um grande projecto occupava então o Estado, e com elle parecia que o meu reinado se consolidaria, pondo-me em novas relações com Europa. Eu esperava d'elle grandes resultados.

O meu poder estava já reconhecido, mas faltava ainda dar-lhe o caracter de perpetuidade, o que não podia adquirir sem eu ter um herdeiro. Sem elle, a minha morte podia tambem ser a da minha dynastia, por que nenhuma póde ser perpetua, sem que a auctoridade tenha já d'ante mão certas epochas marcadas.

Eu vi a necessidade de separar-me d'uma mulher de quem não podia ter posteridade, mas isto ao mesmo tempo me custava, porque me era doloroso o separar-me da pessoa a quem mais amei. Estive por muito tempo sem poder tomar uma resolução; mas minha mulher foi a primeira que francamente se resignou por effeito da grande amizade que sempre me teve. Eu accitei seu sacrificio, porque elle era indispensavel. A politica a mais simples me indicava a alliança da casa d'Austria. A corte de Vienna já estava fatigada de tantos revézes, e unindo-se para sempre comigo, fazia-me garante da sua segurança. Por esta alliança tornava-se cúmplice de minha grandeza; e desde então eu ficava com tanto interesse em protegel-a quanto havia tido até alli em arruinal-a. Por esta alliança formavamos uma massa de poder a mais formidavel que tem existido. Íamos ainda além do Imperio Romano. Esta alliança se contractou.

Depois d'isto, não houve em todo o continente, fóra da nossa massa, se não a Russia, e as ruínas da Prússia; tudo o mais nos obedecia. Uma preponderancia tamanha devia desanimar todos os nossos inimigos; e sem muita prevenção cheguei a persuadir-me que a minha obra estava acabada, e que já tinha posto o meu throno ao abrigo de todas as tempestades.

O meu calculo era justo, mas as paixões não calculam. A apparencia era comtudo em meu favor. O continente estava socegado, e ia-se acostumando a ver-me reinar.

Pelo menos, mui bem o mostrava pelas genuflexões que me fazia. Ellas eram tão profundas, que ainda um homem mais habil do que eu se teria enganado. O respeito, que havia para com o sangue da familia d'Austria, legitimava o meu reinado perante os soberanos. A minha dynastia consolidava-se na Europa, e via já que se não disputava o throno ao filho que a Imperatriz acabava de dar á luz.

Só em Hespanha não havia socego, aonde os Inglezes operavam com grandes forças. Mas esta guerra não me inquietava, porque eu estava resolvido a ser ainda mais teimoso do que os Hespanhoes, e via que com o tempo tudo se acaba (*).

O Imperio era assás forte para sustentar esta guerra sem prejuizo; e ella nem impedia os estabelecimentos com que decorava a França, nem as emprezas uteis que esta exigia. A administração ia cada vez a melhor. Eu organisava instituições proprias para manter a força do Imperio, creando uma nova geração que fosse capaz de o defender.

A obrigação de sustentar o systema continental produzia só algumas difficuldades nos governos que tinham littoraes próprios para facilitar os contrabandos. De todos estes Estados a Russia era aquelle que se achava em maiores embaraços: a sua civilização ainda não estava bastantemente adiantada para poder passar sem os productos d'Inglaterra. Eu, a pezar d'isso, exigi que elles fossem prohibidos: era com effeito um absurdo, mas absurdo indispensavel para completar o systema prohibitivo. Havia contrabando, e eu o tinha previsto, porque a Russia vigia mal o seu paiz. Mas como entra sempre menos com portas fechadas do que com ellas abertas, o contrabando tambem sempre introduz menor quantidade de fazendas do que a livre admissão. Assim, eu preenchia dois terços do meu plano, e com tudo nem por isso deixei de queixar-me fortemente. Houveram justificações, continuaram as queixas, e nós entrámos a irritar-nos. Isto não podia durar sempre d'este modo.

Com effeito, depois da alliança que eu havia contractado com a Austria, era impossível não ter desavenças com a Russia. Esta conhecia que nós não podiamos já ter outro inimigo se não ella, porque estavamos

(*) Não viu porém, que com o tempo tambem podia acabar o seu poder. — Os Redactores.

senhores de tudo o mais. Tornava-se portanto necessario, ou que a Russia se reduzisse a uma officiosa nullidade, ou que procurasse resistir-nos, e manter a sua dignidade. Ella era muito forte para consentir em não ser cousa nenhuma, e era muito fraca para nos poder resistir; mas nesta alternativa era melhor mostrar-se sem medo do que dar-se logo por vencida. Este ultimo partido é sempre o peor. A Russia adoptou o primeiro.

Depois d'isto, entrei logo a achar inopinadamente muita altivez nas communicações que tinha com Petersburgo. Recusarem-me confiscar os contrabandos, e até se queixaram de eu ter mandado occupar o paiz d'Oldenbourg. Eu respondi no mesmo tom, e já se via mui bem que fomos desavir-nos, porque nem um nem outro eramos soffredores, e ambos tinhamos força bastante para entrar em combate.

Eu confiava muito no bom resultado d'esta guerra, porque tinha concebido um plano, por meio do qual esperava terminar para sempre a longa lucta em que tinha gastado toda a minha vida. Parecia-me, além d'isto, que depois de haver chegado ao ponto da nossa historia em que já estavamos, os soberanos da Europa tambem já não deviam tomar parte alguma directa neste conflicto, porque nossos interesses se haviam tornado communs. A politica dos principes devia agora inclinar-se a meu favor, porque tudo quanto eu fazia já não era para destruir os thronos porém para os consolidar. Eu tinha dado novamente ao reinado um ar formidavel, e fazendo isto tinha trabalhado para elles, que estavam seguros de reinar á sombra da minha alliança, e ao abrigo da guerra e das revoluções.

Esta politica era tão palpavel que julguei que os soberanos tinham bastante sizo para adoptal-a. Assim, não desconfiei d'elles. E quem poderia, com effeito, advinhar que, seduzidos pelo odio que me tinham, abandassem o partido do throno, e chamassem elles mesmos para dentro de seus estados as revoluções, de que mais cedo ou mais tarde devem ser victimas?

Tinha calculado que a Russia tinha enorme volume para poder entrar no systema Europeu que eu acabava d'organisar, e de que a França era o centro. Era preciso logo fazel-a recuar para fóra da Europa a fim de que ella não transtornasse a unidade d'este systema. Era preciso dar a esta nova demar-

cação politica fronteiras bem solidas para resistir ao pezo de toda a Russia; e era preciso obrigar por força este estado a ir tomar o logar que occupava ha cem annos.

Só a massa do meu Imperio era bastante vigorosa para tentar um egual acto de violencia politica. Eu o julgava possível, e persuadia-me que só este era o unico meio de pôr o mundo a salvó dos Cossacos.

Para realisar este plano era preciso reorganisar, a Polonia sobre uma base segura, e bater os Russos para os obrigar a aceitar as fronteiras, que se lhe iam marcar com a ponta da espada. A Russia poderia então assignar sem vergonha a paz que lhe determinasse essas fronteiras, porque nisso não havia acto algum indecoroso para ella, mas antes um reconhecimento público da sua força, e do medo que tinhamos d'ella.

Situada assim, por minhas precauções, fóra do raio da economia Europea; separada d'esta mesma economia pelo meio de trezentas mil guardas, a Russia tornaria a ligar-se com Inglaterra, conservaria sua independencia politica, e sua existencia em toda a sua integridade; mas seria tão estranha para nós como o reino do Thibet.

Só este plano era rasoavel; e mais cedo ou mais tarde se virá a sentir a sua ruina; porque a Europa, organisada assim debaixo d'um unico systema por um mutuo consentimento, e refundida segundo um modelo proprio das disposições do seculo, teria dado o maior espectáculo que a historia nos offerece. Porém muitas prevenções obscureceram a vista dos soberanos, e não viram o perigo aonde elle estava realmente. Cuidaram que elle estava aonde exactamente só existia o remedio.

Parti para Dresda. Esta guerra ja decidir para sempre a questão que se debatia, havia vinte annos; pois que esta guerra devia ser a ultima e porque além da Russia, está o fim do mundo. Os nossos inimigos já não tinham se não este momento, e por isso cuidaram em aproveitá-lo. A córte d'Austria foi quem primeiro desarranjou meus planos sobre a Polonia, recusando restituir o que d'ella possuia. Julguei dever ter contemplanções com ella, e esta só fraqueza arruinou os meus negocios; porque assim que cedi sobre este ponto, logo me foi impossivel tractar francamente a questão da independencia da Polonia. Fui obrigado a mutilar o paiz sobre que devia fundar-se a segurança da Europa. Por minha fraqueza

causei descontentamento, e o que mais é, desconfiança nos Polacos, porque viram que eu os sacrificava ás minhas conveniencias. Eu conheci o meu erro, e envergonhei-me d'elle. Não quiz portanto ir a Varsóvia, porque não tinha lá nada que fazer naquella occasião; e o partido que tomei foi confiar ás victorias futuras a sorte d'esta nação.

Sabia muito bem, que a temeridade produz muitas vezes excellentes effeitos, e nesse caso julguei possível concluir em uma campanha o que tinha premeditado fazer em duas. Gostava d'esta promptidão, porque o futuro já me inquietava. Além d'isso, estava á frente d'um exercito, que não tinha outros sentimentos senão os da gloria, e outra patria, senão os campos de batalha. Assim, em vez de me segurar bem no terreno que pisava, e d'ir passo a passo, atravessei a Polonia, e passei o Niemen. Derrotei os exercitos que se me apresentaram diante, marchei sem descansar, e entrei em Moskow. Este foi o termo da minha fortuna, e deveria ter sido tambem o da minha vida.

Senhor d'uma capital, que os Russos me entregaram reduzida a cinzas, acreditei que este Imperio já se dava por vencido, e que não teria difficuldade em aceitar as bellas condições de paz, que lhe mandei propor. Mas foi então que a fortuna abandonou a nossa causa. Inglaterra concluiu um tractado entre a Russia e a Porta, que deu á primeira mais um exercito. Um francez, que por azar cahira sobre o throno da Suecia, trahiou os interesses da sua patria, e ligou-se com seus inimigos, só com a esperanza de trocar a Finlandia pela Noruega.

Elle mesmo traçou o plano da defeza da Russia, e Inglaterra impedio que elle accitasse a paz. Fiquei pasmado com as demoras que tinha a sua conclusão, e o inverno se aproximava; vi muito bem que não queriam a paz. Assim que tive esta certeza, ordenei a retirada. Os elementos a tornaram severa. Os francezes adquiriram nella muita honra pela firmeza com que suportaram este revéz. Nunca lhes faltou o animo, senão quando lhes faltaram as vidas.

Eu mesmo não pude ver sem commoção este desastre, e precisei roborar-me com a reflexão de que um Soberano nunca deve abater-se, nem enternecer-se.

A Europa ficou ainda mais aturdida com os meus revézes do que antes o tinha sido com as minhas victorias. Mas eu não me devia fiar neste seu momentaneo estupor,

porque acabava de perder ametade d'aquelle exercito, que tinha produzido todo o seu terror. Ella já podia esperar de vencer os restos, porque a proporção das forças tambem já estava mudada. Devia, por conseguinte, prever, que passado o primeiro momento de pasmo eu ia ter contra mim a eterna coalição de que já estava ouvindo os gritos d'alegria.

A occasião d'uma derrota é bem má para fazer pazes. Todavia, a Austria, que se consolava de me ver abatido, pois que assim a parte que tinha em nossa alliança se tornava melhor, quiz incumbir-se de propôr a paz. Offereceu para ella a sua medeação, que ninguem quiz aceitar, porque tinha perdido todo o seu credito.

Era logo preciso tornar a vencer, e persuadir-me que seria capaz d'isso, quando vi que a França era da minha opinião. A historia não mostra um povo tão grande como ella. Afflicta com as suas perdas, só cuidou em reparal-as, e em trez mezes o conseguui. Este só facto basta para responder aos sophismas d'esses homens que só sabem triumphar por meio dos desastres da sua patria.

A França me deve talvez em parte a posição que conservou na hora da infelicidade; e se na carreira da minha vida ha um momento, que mereça a estimação da posteridade, deve elle ser este, porque mui penoso me foi o passal-o.

Appareci com effeito, na abertura da campanha, tão formidavel como antes. O inimigo ficou admirado de ver tão cedo as nossas aguias. O exercito que eu mandava era mais bellicoso do que aguerrido, mas tinha comsigo a herança d'uma longa gloria, e eu o conduzi ao inimigo com toda a confiança. Eu tinha, na verdade, muito que fazer, porque me era preciso resuscitar o nosso credito militar, e renovar a lucta, que tinha estado quasi acabada. Conservava ainda a Italia, a Hollanda, e a maior parte das praças d'Alemanha. Mui pouco terreno ainda tinha perdido, mas Inglaterra duplicava seus esforços. A Prussia fazia-nos a guerra com insurreições, e os principes da confederação iam-se apromptando para se bandearem com o mais forte: como eu o era ainda, iam seguindo as minhas bandeiras, porém de vagar. A Austria procurava conservar a dignidade dos neutros, em quanto o facho da insurreição corria toda a Alemanha para armar os povos contra nós. Todo o meu systema estava abalado.

A sorte do mundo dependia d'um azar, porque em nenhuma parte havia ainda plano organizado. Dependia d'uma batalha; e a Russia devia decidir a questão, porque se batia com grandes forças, e com sinceridade.

Eu ataquei o exercito Russo e Prussiano, e o derrotei trez vezes.

Como estes successos desarranjavam os planos dos amigos d'Inglaterra, fingiram abandonar todos os projectos hostis, e incumbiram a Austria de me propôr a paz.

As condições eram supportaveis em apparencia, e muita gente as teria accettato se estivesse em meu logar. Porque não se exigia de mim senão que restituísse as provincias Illyrias, e as cidades Anseaticas; a nomeação de soberanos independentes para os reinos d'Italia e da Hollanda; a retirada das tropas d'Hespanha; e a volta do Papa para Roma.

Com effeito eu tinha já descido bem na opinião do mundo, quando depois de trez victorias ainda ousavam exigir de mim que abandonasse estados que os alliados ainda se não atreviam a atacar.

Se eu tivesse consentido nesta paz, o Imperio teria cahido mais de pressa do que se tinha elevado. Em virtude d'este tractado eu ainda ficava poderoso sobre o mappa, mas já não o era de facto. A Austria, elevando-se a fazer a figura de medeadora, rompia a nossa alliança, e se handeava com o inimigo. Se restituísse as cidades Anseaticas, mostrava que já podia restituir, e neste caso todo o mundo quereria tornar á sua independencia. Creava assim a insurreição em todos os paizes reunidos. Se abandonasse a Hespanha, animava todas as resistencias; e se depozesse a corôa de ferro, compromettia a do Imperio. Os azares da paz eram todos funestos para mim, os da guerra podiam-me ainda salvar.

É preciso confessar que grandes successos, e revêses ainda maiores tinham marcado a minha historia, e por isso eu não podia já deixar a decisão de meus destinos para o dia de amanhã. Convinha ou acabar logo d'uma vez, e para sempre a grande revolução do seculo dezenove, ou fazer com que ella ficasse suffocada debaixo d'um montão de cadaveres. O mundo inteiro estava todo em armas para decidir a questão. Se eu tivesse assignado a paz de Dresda, deixava-a indecisa, e mais cedo ou mais tarde me seria necessario tornar a agital-a. Ver-me-ia

nas circumstancias de tornar a principiar a longa carreira de successos que eu já tinha corrido, e isso quando eu já não fosse môço, e me achasse com um Imperio fatigado, a quem tinha promettido a paz, e que me accusaria de a não ter acceitado.

Era, portanto, muito melhor aproveitar o unico momento em que o destino do mundo só dependia d'uma unica batalha, porque, uma vez que eu a ganhasse, elle ficaria em minhas mãos.

Assim recusei a paz. E como cada um só vê com seus proprios olhos, a Austria só viu no meu comportamento muita imprudencia, e por isso julgou a occasião mui favoravel para se bandear com os meus inimigos. Não me convenci porém d'esta deserção senão no ultimo momento; mas eu estava em circumstancias de poder com ella. Meu plano de campanha já estava feito, e devia produzir um resultado decisivo.

O inconveniente que tem os grandes exercitos é que o general nunca pôde estar em toda a parte. As minhas manobras, foram, segundo me parece, as melhores que eu tenho combinado; porém o general Vandamme desamparou a sua posição, e deixou-se agarrar. Cuidando que ia ser marechal do Imperio, Macdonald esteve quasi a ponto de morrer afogado; e o marechal Ney deixou-se livremente bater: assim, dentro d'algumas horas todo o meu plano ficou transtornado.

Achava-me batido, e por tanto ordenei a retirada: apezar d'isso, eu ainda estava bem forte para tomar a offensiva, mudando de terreno. Não quiz tambem perder a vantagem das praças que eu occupava, por que se ganhasse uma só victoria ficava senhor de todo o norte até Dantzick. Reforcei, pelo contrario, minhas guarnições, e lhes ordenei de resistirem até á ultima extremidade. Nesta parte executaram ellas mui bem as minhas ordens.

Retirava-me lentamente com uma massa respeitavel; porém retirava-me, e os inimigos me iam seguindo, crescendo cada vez mais, por que nada engrossa tanto os batalhões como a boa fortuna das batalhas. Toda a inimidade, que o tempo tinha accumulado, apparecia agora a um tempo. Os Allemães queriam vingar-se dos males da guerra, e o momento era propicio, porque eu me achava batido. Bem como eu o tinha previsto, meus inimigos rebentavam da terra. Esperei por elles em Leipsick, nessas

mesmas planicies em que pouco antes tinham sido derrotados.

A nossa posição não era boa, porque eramos atacados em meio circulo: a mesma victoria não podia dar-nos grandes resultados. Tivemos com effeito boa fortuna no primeiro dia, sem contudo podermos tomar a offensiva: foi portanto uma batalha nulla, que foi preciso tornar a começar. O exercito combatia muito bem, apezar das suas fadigas; mas então, por um acto que a posteridade designará como bem lhe parecer, os alliados, que combatiam em nossas fileiras, voltaram inopinadamente as armas contra nós, e fomos vencidos.

Tomámos o caminho de França; mas tão longa retirada não se podia fazer sem desordem. A fadiga e a fome mataram muita gente. Os Bávaros, depois de haverem desertado de nossas bandeiras, ainda quizeram cortar-nos o caminho para França: os Francezes marcharam sobre seus cadaveres, e entraram em Moguncia. Esta retirada custou tanta gente como a retirada da Russia.

Nossas perdas eram tamanhas, que eu mesmo fiquei consternado. A nação cahiu em abatimento, e se os inimigos tivessem continuado sua marcha, poderião ter entrado com a nossa retaguarda em Paris. Mas o aspecto da França os intimidou: por muito tempo ficaram olhando para as nossas fronteiras sem ousarem passal-as.

Já se não tractava de gloria mas da honra da França; e é por isso que eu ainda muito contava com os Francezes. Porém eu já não era feliz, e fui muito mal servido. Não accuso porém esse povo, sempre prompto a derramar seu sangue pela patria; tambem não accuso ninguem de traição, porque ser verdadeiro traidor é mais difficil do que se pensa; accuso sómente essa falta de animo que é o fructo ordinario das desgraças. Eu mesmo senti este effeito. O homem desanimado fica indeciso, porque não vê diante de si senão maus aspectos; e o peor de tudo em todos os negocios é a indecisão.

Eu devia ter desconfiado d'este abatimento geral, e providenciar tudo por mim mesmo; mas confiei em um ministerio assustado, e tudo se executou mal. As praças fortes não estavam nem reparadas nem fornecidas, porque havia mais de vinte annos que não tinham sido ameaçadas. O zelo dos paisanos suppriu tudo, porém a maior parte dos commandantes eram velhos doentes,

que só tinham sido nomeados para nellas descançar. Quasi todos os meus prefeitos eram tímidos, e só cuidavam em ganhar tempo e não em defender-se. Eu deveria tel-os mudado com tempo para só ter na primeira linha homens intrepidos, se com tudo é possível achal-os entre aquelles que têm muito que perder.

Não tinhamos ainda nada prompto para a defeza, quando os Suissos abriram aos alliados a passagem do Rheno. A pezar de suas victorias os inimigos não ousaram arrostal-o em frente, e só avançaram a passos de lobo, isto é, com cautela. Receavam poder marchar sem obstaculo por uma terra, que suppunham estar coberta de bayonetas. Todavia não encontraram nossas vanguardas senão em Langres. Alli começou essa campanha, muito conhecida para que eu precise descrevel-a, mas que conservará um nome immortal a esse punhado de homens valentes que nunca desconfiaram da salvação da França. Tamanho valor me restituiu a confiança, e por trez vezes julguei que com taes soldados nenhuma cousa era já impossivel. Eu tinha ainda um exercito na Italia, e fortes guarnições em o norte; mas não tinha tempo para os chamar em meu socorro: era preciso vencer no lugar em que me achava. A sorte da Europa só dependia de mim; nenhum ponto era importante senão o que eu pisava.

Os alliados offerciam-me a paz, tanto é que ainda se receavam de mim. Mas eu a tinha recusado em Dresda, e já não podia acceital-a em Chatillon. Para fazer a paz era preciso salvar a França, e tornar a arvorar as aguias sobre o Rheno.

Depois d'uma tal experiencia, as nossas armas deviam ser reputadas invenciveis, e nossos inimigos teriam tremido á vista d'essa fatalidade que me dava a victoria. Ainda senhor do meio dia e do norte por meio das minhas guarnições, podia com uma só batalha recobrar o meu ascendente. E nesse caso teria a gloria dos revêzes assim como a das victorias.

Este resultado estava a ponto de realisarse, porque as minhas manobras tinham sido bem succedidas. Uma insurreição geral ia dar cabo de tudo, e para ella só faltava um instante. Mas a minha perda estava decidida. Um correio, que eu imprudentemente mandei á Imperatriz, foi agarrado pelos alliados, e por elle viram que estavam perdidos. Então um côrso, que era um de seus

conselheiros, lhes mostrou que a prudencia era mais perigosa do que a audacia; e elles tomaram o unico partido que eu não tinha previsto, porque era o unico bem que tinham. Ganharam-me a dianteira, e marcharam para Paris.

Tinha-se-lhes promettido uma facil entrada; mas esta promessa teria sido illusoria, se eu tivesse depositado em melhores mãos a defeza de Paris. Tinha confiado muito na honra da nação, e loucamente deixei em liberdade individuos que eu conhecia por faltos de todos os sentimentos honrados. Cheguei mui tarde para poder soccorrel-a; e essa cidade, que não soube defender seus soberanos nem seus muros, já tinha aberto as portas aos estrangeiros.

Eu accusei o general *Marmont* de me ter atraçoado: hoje me desdigo, e lhe faço a justiça que merece. Não houve um só soldado que trahisse a fidelidade que devia á sua patria: os traidores foram d'outra classe. Mas não pude conter-me no primeiro momento da minha dor, vendo a capitulação de Paris assignada pelo meu mais antigo companheiro d'armas.

A causa da revolução ficou perdida assim que eu fui vencido. Mas não foram os realistas, nem os cobardes, nem os descontentes que me destruíram: foram os exercitos inimigos. Os alliados eram senhores do mundo, porque eu já lhes não podia disputar esse imperio.

Achei-me em Fontainebleau rodeado de tropa fiel, mas pouco numerosa. Ainda com ella podia tentar a sorte dos combates, por que sei era capaz de todas as acções heroicas; porém á França teria custado bem caro o prazer d'esta vingança. Ella mui justamente me poderia então accusar de seus males, e eu quero que só me accuse da muita gloria que dei ao seu nome. Em tal caso resignei-me.

Vieram-me propôr que abdicasse. Eu achei ridicula tal proposição; porque a minha abdicção já datava do dia em que tinha sido vencido. Comtudo, como esta formula podia ser ainda d'alguma utilidade para meu filho, não duvidei assignal-a.

Um partido numeroso desejava muito que meu filho subisse ao throno para conservar a revolução com a minha dynastia; porém isto era impossivel. Os alliados já nem mesmo podiam escolher: eram forçados a chamar os *Bourbons*. Cada um tem querido gloriar-se de haver cooperado para a sua

volta, mas ella foi forçada; porque era a consequencia immediata dos principios por que se andava em guerra ha vinte annos. Quando eu cingi a corôa roubei o throno aos povos, e dando-o agora aos *Bourbons*, era o mesmo que roubal-o tambem aos soldados felizes. Este era pois o unico meio de apagar para sempre o fogo revolucionario. Qualquer outro soberano que se chamasse para o throno de França sancionaria solememente a revolução; e seria um acto insensato da parte dos soberanos.

Ainda direi mais: a volta dos *Bourbons* era uma felicidade para a França. Salvava-a da anarchia, e lhe promettia descanso por que lhe segurava a paz. Esta era forçada entre os alliados e os *Bourbons*, porque uns eram mutuamente garantes dos outros. A França não era cumplice nesta paz, porque ella não se fazia em seu favor, mas só a beneficio da familia que aos alliados convinha pôr sobre o throno. Era um tractado com que se pertendia agradar a todo mundo; e por isso era tambem o melhor modo que a França podia ter de sahir menos mal da maior derrota que tem tido uma nação militar.

Achei-me prisioneiro, e esperava ser tractado como tal. Porém quer fosse por essa especie de respeito que sempre inspira um velho soldado, quer por esse espirito de generosidade que dirigiu esta revolução deixaram-me escolher um asylo. Os alliados cederam-me uma ilha e um titulo, que consideraram como insignificantes; e me permittiram além d'isto (generosidade de certo mui nôbre) de levar comigo um pequeno numero de velhos soldados, com os quaes tinha corrido tantos azares. E ainda mais, permittiram-me levar comigo alguns d'esses homens a quem a desgraça nunca desanima.

Separado de minha mulher e meu filho, contra todas as leis divinas e humanas, retirei-me para a ilha d'Elba, sem nenhuns projectos futuros. Eu não era mais do que um dos espectadores do seculo. Mas ninguem melhor do que eu conhecia em que mãos ia cahir a Europa: sabia mui bem que seria governada ao acaso, e que os azares d'este mesmo acaso podiam ainda obrigar-me a figurar no mundo. Todavia, vendo-me impossibilitado de contribuir para elles não formava planôes alguns, e vivia como homem estranho para historia do tempo. Porém a marcha dos successos apressava-se mais do que eu tinha imaginado, e

fui por assim dizer, surpreendido por elles no interior do meu retiro.

Lia as gazetas, e por ellas sabia em summa quanto se passava. Procurei por tanto conhecer o espirito das cousas a travéz de todas as mentiras que se publicavam. Pareceu-me evidente que ElRei Luiz XVIII tinha entrado no segredo do seu seculo, e conhecia que a maioria da França queria a revolução. Elle sabia, por vinte annos de experiencia, que o seu partido era mui fraco para resistir a esta maioria, assim como que o maior numero sempre a final domina o menor. Era-lhe preciso logo, para reinar, bandear-se com esta maioria, isto é, com a revolução. Mas, para não parecer revolucionario, era preciso que ElRei organisasse de novo a revolução, em virtude d'esse direito divino que lhe coubera em sorte.

Esta idéa era engenhosa, porque fazia com que os *Bourbons* fossem revolucionarios sem escrupulo de consciencia, e tornava realistas os mesmos revolucionarios, mantendo seus interesses e suas opiniões. Não devia, por consequencia, haver mais do que um coração e um espirito em toda a nação; e é isto o que se dizia, ainda que não era com effeito verdade.

Esta combinação era com tudo tão feliz, que a França, assim dirigida, viria a ser em bem poucos annos mui florescente. El Rei, por este meio, teria resolvido com um só rasgo de penna o difficil problema porque eu guerreei por espaço de vinte annos; pois que assim estabelecia uma nova economia politica em França, e a fazia reconhecer, sem contradicção, por toda a Europa. Para isto nada mais precisava do que saber governar em sua casa.

Para operar esta grande obra, ElRei tinha dado uma charta, fabricada como todas as chartas. Ella era excellente, porque todas o são quando as fazem observar. Mas como as chartas não são mais do que folhas de papel, nunca tem outro valor além d'aquelle que lhes dá a auctoridade incumbida de as defender. Com tudo, esta auctoridade nunca existiu, e em vez de ser depositada nas unicas mãos que eram responsaveis, ElRei permittiu que se dividisse por todos os partidos que arvoravam seu nome. Em vez d'elle ser o unico chefe do Estado, consentiu em fazer-se chefe de partido. Assim em França tudo tomou a côr de facção, e anarchia só dominou.

Desde então não se viu mais que incon-

sequencia e contradicção no systema da côrte. As palavras não correspondiam com as obras, porque no fundo do coração não se gostava das cousas que existiam.

ElRei havia dado charta para que não lha dessem; mas é evidente que, depois do primeiro momento, logo os realistas esperaram de a ir rasgando folha a folha, porque de facto ella não lhes servia.

Para o edificio do governo apenas se tinham junctado os materiaes. Tinha-se reorganizado a nobreza, mas não se lhe deram prerogativas nem poder. Não era democratica, porque era exclusiva; não era aristocratica, porque de nada figurava no Estado. Era portanto um bem mau serviço o que se havia feito á nobreza, creando-a por esta maneira. Estava como em estado de guerra, porque offendia as mais classes, e não se lhe haviam dado meios alguns de defeza. Era, com effeito, uma verdadeira contradicção, de que deviam originar-se continuos debates.

Tambem quizeram reorganizar o clero; e escolheram para levantar o throno e o altar um bispo que abjurou o episcopado.

Pretendia-se lançar um véu sobre toda a revolução; e desenterraram-se seus cadaveres.

Tentou-se fazer marchar a revolução de 89 por meio de realistas, e a contra-revolução de 31 de Março por meio de ex-convençionaes. Ambos elles não fizeram o que deviam, porque as revoluções só podem ser dirigidas por homens que nasceram com ellas. ElRei não deveria ter empregado senão homens de vinte annos.

Procurava-se manter a revolução, e desacreditavam-se suas instituições. Com isto se descontentou a totalidade da nação, que havia sido educada com ellas, e estava acostuada a respeitá-las.

Conservaram meus soldados, porque tinham medo d'elles; porém mandava-se-lhes passar revista por homens, que lhe fallavam de gloria, cortejando os Cosacos.

Ninguem tinha confiança nas cousas existentes, porque não se lhes via alicerce. Não o havia nos interesses reciprocos, porque todos estavam abalados; não o havia nas opiniões, porque todas eram inimigas umas das outras; e não o havia finalmente na força, porque á frente do governo não haviam braços nem vontade.

Eu estava bem informado de quanto se passava no congresso de Vienna, que se en-

tretinha a imitar-me. Assim soube a tempo que os ministros de França tinham persuadido o congresso a que eu fosse tirado da ilha d'Elba para me desterrarem para Sancta Helena. Custou-me, com effeito, a crer que o Imperador da Russia se resolvesse a quebrar tão cedo a fé dos tractados; porque eu sempre fiz muito bom conceito do seu character: com tudo tive esta certeza, e meditei no modo de me livrar da sorte que me destinavam.

Meus pequenos meios de defeza não podiam durar muito; e neste caso procurei crear outros maiores, para me pôr em estado de apparecer outra vez temivel diante de meus inimigos.

A França não tinha confiança em seu governo, nem este tambem a tinha na França. A nação havia percebido que seus interesses não eram os do throno, e que os do throno não eram os seus: era uma traição mutua, que devia perder a ambos. Era pois tempo de a prevenir; e então concebi um projecto que parecerá atrevido na historia, mas que na realidade era muito racional.

Pensei em tornar a sentar-me sobre o throno de França. Por fracas que fossem minhas forças, ellas eram ainda maiores, que as dos realistas; porque eu tinha por alliado a honra da França, que nunca morre em coração dos Francezes.

Confiei pois tudo d'esta alliança. Passei revista á minha pouca tropa, para quem destinava empreza tamanha. Os soldados estavam rôtos, porque nunca tive com que os vestir de novo, mas para supprir esta falta tinham corações intrepidos.

Não gastei muito tempo em preparar-me, porque não levei senão armas. Pensei que os Francezes nos dariam tudo. O coronel inglez, que estava destinado para vigiar-me, tinha ido divertir-se para Liorne, e eu dei á vella com muito bom vento.

A nossa pequena frotilha não soffreu nada, e nós fizemos a passagem em cinco dias. Avistei em fim as costas de França, perto d'aquelle mesmo logar, em que eu havia desembarcado quinze annos antes da minha volta do Egypto. A fortuna parecia favorecer-me como então; e como então eu voltava á mesma terra de gloria, para reanimar suas aguias, e restituir-lhe a independencia.

Desembarquei sem obstaculo, e achei-me em França; mas eu agora era infeliz. Meu cortejo não se compunha senão d'um punhado de amigos e companheiros d'armas,

que tinham querido participar comigo da felicidade e da desgraça. Mas esta mesma circumstancia servia para excitar o respeito e o amor dos Francezes.

Não tinha plano algum determinado, porque conhecia vagamente o que se passava: as minhas decisões dependiam dos successos. Havia unicamente tomado certas resoluções para casos provaveis.

Eu só tinha um caminho que podesse tomar, porque necessitava d'um ponto de apoio; e Grenoble era a unica praça forte mais visinha. Marchei, portanto, rapidamente para Grenoble, a fim de conhecer o que podia esperar da minha empreza. O bom acolhimento que alli tive foi superior ao que eu esperava, e me confirmou no meu projecto. Vi que a porção do povo, que não estava corrompida pelas paixões nem pelos interesses, conservava um character energico, que se envergonhava da humilhação que soffria.

Descobri em fim as primeiras tropas que se mandaram marchar contra mim, e que se compunham dos meus proprios soldados. Fui-me direito a ellas sem medo, tão certo eu estava que não ousariam atirar-me. E como o fariam, vendo o seu Imperador, que marchava á frente d'esses velhos mestres da guerra, que lhes haviam por tantas vezes ensinado o caminho das batalhas? Eu era ainda o mesmo homem, pois que vinha restituir-lhes a independencia com as minhas aguias.

Assim, quem poderia crer que soldados Francezes por um momento hesitassem entre juramentos de formula, dados debaixo de bandeiras estrangeiras, e a fé que tinham jurado áquelle que vinha libertar-lhes a patria?

O povo e os soldados receberam-me com as mesmas demonstrações de alegria. Estas demonstrações e estes vivas eram o meu unico cortejo, mas equivaliam bem a todas as pompas, porque me promettiam o throno.

Esperava achar tal ou qual resistencia nos realistas, porém enganai-me: não me fizeram nenhuma, e entrei em Paris sem os ver, excepto ás janellas. Nunca houve empreza, por mais temeraria que pareça, que menos custasse a effectuar-se: mas a razão é porque ella era do gosto do povo, e que tudo é facil quando se segue a opinião.

A revolução terminou-se em vinte dias sem ter custado uma só gota de sangue. A França mudou de figura, e os realistas cor-

reram a pedir soccorro aos alliados. A nação, restituída ao que era, recobrou sua altivez. Ella era livre, porque tornando-me a pôr sobre o throno, acabava de fazer o maior acto de espontaneidade que compete ás nações. Sim, eu não entrei em Paris senão por sua expressa vontade, porque era impossivel poder lá entrar por força, só com os meus 600 soldados. Vê-se pois, que ella não me temia como Principe, e que me amava como seu salvador. A grandeza de minha empreza fez esquecer meus revêzes, e me restituiu a confiança dos Francezes. Eu era de novo o homem da sua escolha.

Nunca a totalidade de nação alguma se expôz, como a franceza, a uma tão perigosa situação, com tanta boa vontade e intrepidez; porque não olhou para o perigo nem para as consequencias. O amor da independencia inflammou aquelle povo, que a historia collocará acima de todos.

Eu tinha recusado a paz que se me offerceu em Chatillon, porque era então Imperador dos Francezes, e por ella era forçado a descer muito. Mas nesta occasião já podia accèptar a mesma que se concedeu aos *Bourbons*, porque vinha da ilha d'Elba, e o homem pôde sempre parar quando sobe, porém nunca quando desce.

Persuadi-me que a Europa, aturdida com a minha volta, e com a energia do povo francez, recearia renovar a guerra com uma nação, cuja temeridade estava vendo, e com um homem que só por si tinha um character mais forte de que todos os seus exercitos.

Assim teria acontecido se o congresso se dissolvesse, e podessemos ter tractado separadamente com os soberanos. Mas o amor proprio os estimulou, porque estavam todos junctos; e meus esforços para manter a paz nada poderam conseguir.

Deveria ter previsto este resultado, e aproveitar-me immediatamente do primeiro entusiasmo do povo, para mostrar ao mundo quanto ainda eramos temiveis; porque o inimigo teria então desanimado vendo a nossa ousadia. Porém elle não viu senão fraqueza e indecisão em todos os meus passos, e viu bem; por que eu já não obrava segundo o meu character.

Meu ar pacifico adormeceu a nação, porque lhe dei a entender que a paz era possivel. Desde esse momento todo o meu systema de defeza se perdeu, porque os meios de resistencia ficaram sendo inferiores ao perigo,

Era preciso começar de novo outra revolução para poder ter todos os recursos que ella dá: era preciso exaltar todas as paixões para aproveitar de sua cegueira: sem isto, eu não podia salvar a França.

Eu poderia ainda depois conter esta segunda revolução, como fiz na primeira, porém nunca gostei das tempestades populares, porque nunca ha força bastante para as dirigir. E pensando assim enganei-me, persuadido de que a pezar d'isto, ainda poderia defender as Thermopylas, carregando as armas em doze tempos.

Pretendi, todavia, sempre operar uma parte d'esta revolução, como se já estivesse esquecido de que todas as meias-medidas não prestam para nada. Offereci á nação a liberdade, porque ella se queixava de que eu não lha tinha dado no meu primeiro reinado. Esta liberdade produziu o seu effeito ordinario; fallou muito, e nada fez. Além d'isto, a classe Imperial desgostou-se, por que eu arruinava o systema, de que dependiam seus interesses; a totalidade da nação não fez caso d'isso, porque pouco lhe importa a liberdade; e os republicanos desconfiaram do meu proceder, porque não era conforme ao meu character.

Fui, portanto, eu mesmo aquelle que desuni o Estado. Isto vi eu logo, mas contava com restituir-lhe a união por meio da guerra. A França acabava de erguer-se com tamanha altivez, tinha mostrado tamanho desprezo pelo futuro, e a sua causa era tão justa, (pois que dimanava do direito sagrado de todas as nações) que esperei ver todo o povo correr ás armas assim que ouvisse as vozes da honra e da indignação. Mas já era tarde; a occasião tinha fugido.

Conheci então todo o perigo da minha posição: medi o ataque com a defeza, e vi que não estavam em proporção. Entrei a desconfiar de meus meios, porém era já tarde para o dizer. Por uma triste fatalidade ainda, senti-me doente nas vespers da crise, e achei-me com um espirito abatido dentro d'um corpo enfermo. Os exercitos se avançavam. No meu havia, da parte dos soldados, muita determinação e entusiasmo, porém não succedia o mesmo com os chefes. Estes já estavam cansados, já não eram moços, já tinham guerreado por muitos annos, já tinham terras e palacios, e ElRei lhes tinha conservado seus bens e suas dignidades. Íam agora, como aventureiros, arriscar tudo comigo. Tornavam a começar a

carreira; porém por mais que se goste da vida, pouca gente haverá que queira passar a mesma duas vezes: assim era exigir muito da natureza humana.

Parti finalmente para o quartel-general, eu só contra o mundo inteiro. Procurei combater-o, e a victoria nos foi fiel no primeiro dia, mas desamparou-nos no segundo. Ficamos vencidos, e a gloria de nossas armas morreu nos mesmos campos em que havia nascido vinte e trez annos antes.

Ainda poderia defender-me, porque meus soldados nunca me haviam de desamparar; porém a guerra só era feita contra mim. Pediram aos Francezes que me entregassem a meus inimigos, mas exigindo d'elles tal baixez era forçal-os a não largarem as armas. Eu não merecia tamanho sacrificio; abdi-quei. Nem eu em tal caso já podia escolher: decidido a entregar-me aos inimigos, esperava que se contentassem com o refens que se ía metter em suas mãos, e que dessem a corôa a meu filho. Era impossivel dar-lhe o throno em 1814, mas não o era já em 1815. Eu não digo as razões; mas a posteridade talvez as dirá.

Não sahi de França senão no momento em que o inimigo já se approximava do meu retiro. Em quanto vi Francezes á roda de mim, quiz estar no meio d'elles, só e sem armas: era a ultima prova de confiança e d'amor que lhes podia dar. Era a declaração grande e solemne que eu fazia de sua lealdade á face do mundo.

A França respeitou em mim a desgraça até o momento em que eu deixei para sempre o seu terreno. Poderia ter ido para a America, e dar o espectáculo da minha queda ao novo mundo; porém depois de haver reinado em França, não me convinha aviltar seu throno, correndo após d'outra gloria.

Agora prisioneiro noutra hemispherio, só tenho que defender a reputação que a historia me prepara. Ella dirá, — que um homem, por quem um povo inteiro se sacrificou, não podia ter tão pouco merecimento como seus contemporaneos affirmam.

Publicando a correspondencia, que nos dirigiu o Sr. Vicente da Silveira, tencionavamos commental-a, e manifestar nossa opinião a respeito do plano de reforma nella apresentado, para levantar a sociedade Philantropico-Academica do abatimento, em que

jaz mas não o podendo agora fazer por falta d'espaco, limitamo-nos sómente em o recomendar ao zelo e caridade da Direcção da Sociedade, não podendo deixar por esta occasião de louvar as vistas philantropicas e humanitarias, que inspiraram a seu auctor a idéa d'estabelecer uma loteria em ponto pequeno, com o fim de augmentar o pequeno capital de caridade.

Alexandre Meyrelles.

Rogamos ao nosso amigo e Senhor Meyrelles o favor de publicar na sua *Revista Academica* o seguinte artigo, que escrevemos com muito bons desejos de que elle possa chamar a attenção d'alguem sobre o seu objecto, que nos parece importante e muito digno de ser tractado depois com mais alguma elasticidade, o que nesta occasião não podemos fazer, visto ser o ultimo n.º da *Revista*, que ha a publicar neste anno, e haverem já outras materias de não pouca importancia, que pela sua antiguidade devem occupar nelle o primeiro logar.

Vamos fallar da *Sociedade Philantropico-Academica*, d'essa mãe de tantos infelizes, que dotados de talentos, de resignação e de força para alcançarem a posição que lhes parece predestinada na Sociedade, que devem elevar e libertar da ignorancia, não têm comtudo noutra parte os meios pecuniarios, que os deve aproximar do seu generoso fim.

A *Sociedade Philantropica* existe ha annos; e graças aos esforços de todas as Direcções, que a têm representado, ella tem conseguido educar alguns jovens sem fortuna, mas animados da melhor vontade de se instruirem e de serem uteis á sua patria, partilhando com ella esse fructo espeical, que receberam de Deus e que cultivaram depois com ardor para com elle alimentar os seus semelhantes.

Ninguem aqui duvida de que a maior parte dos bons estudantes sahem sempre do numero dos que menos fortuna possuem. Não queremos dizer com isto que o talento existe onde está a pobreza: o que queremos fazer sentir é que ordinariamente quem tem menos é que mais trabalha, e que se alguem se dedica a esta vida sendo pobre — é porque sente uma vocação muito pronunciada pela sciencia. — Poderámos citar muitos exemplos; mas escrevemos em Coimbra e para quem sabe isto tão bem como nós.

Entretanto a *Sociedade Philantropico-Academica* definha-se de dia para dia. Emvão se procura fazer conhecer a verdade do que acabamos de escrever e de invocar a compaixão do rico em favor d'homens, que não nasceram para viver na obscuridade, mas sim para iustruir. A *Sociedade* apenas pôde proteger cinco ou seis jovens, mas de sorte que difficilmente lhes mata a fome concedendo-lhes uma moeda mensal!

Os fundos da *Philantropica* provém principalmente d'uma subscrição entre estudantes, bachareis e lentes. A sua cobrança não se pôde fazer regularmente: a inefficacidade dos esforços, que se empregaram para o conseguir o tem assás provado. Depois — a sua organização parece-nos defeituosa; e é talvez a ella, exclusivamente a ella que devemos attribuir a falta de socios, a repugnancia dos poucos que ainda contribuem, e outros motivos de desgosto para cada uma das *Direcções*.

Conhecidas as vantagens da existencia de uma *sociedade* que tenha por fim a educação de jovens talentosos, e que nada podem por si mesmos — porque nasceram pobres; — considerando que sem produzir uma differença sensivel nos haveres de cada um dos contribuintes se pôde conseguir o fim da *Philantropica*, e que sendo já um axioma que a felicidade d'um povo depende intimamente da sua maior instrucção — ¿ porquê havemos de ficar calados e não levantaremos a nossa voz em favor d'uma associação, que tem em vista tornar-nos felizes em troco d'uma contribuição tão excessivamente mesquinha? Na verdade não provaríamos com isto senão que desejamos viver na ignorancia, na estupidez, — e que o rico quer sempre *a todo custo* ser superior ao pobre.

A *Philantropica* não tem meios — não pôde nem poderá nunca socorrer mais de cinco ou seis infelizes, se continuar havendo os seus recursos pelas mesmas vias que tem seguido até hoje. Porque senão tracta de procurar-lhe outros recursos? Não seria bom que buscássemos na *loteria* um meio effiz e seguro para que a *sociedade* pudesse sustentar-se e prosperar? Por ventura encontraríamos nós opposição no governo se tentássemos a sua organização? Não seria o seu producto tão bem applicado como o é o da *loteria da Misericordia*? Porque não havíamos de considerar estas loterias bem como duas irmãs trabalhando ambas em favor dos desvalidos, da virtude e do merito? Julgar-

se-ia que senão poderiam distribuir por todo Portugal, e entre socios, mais uns dois mil e tantos bilhetes sem atacar os interesses da Misericordia? Rir-nos-hiamos se alguém nos apresentasse esta objecção.

Por agora ficamos aqui, porque nos falta o espaço.

Vicente da Silveira.

POESIA

RECITADA

THEATRO DA VILLA DO CARTAXO

PELA OCCASIAO DO BENEFICIO

INUNDADOS DO RIBATEJO.

Quem ha que no mundo descrente sorria,
Desdenhe, conteste de Deus o poder?
Quem cheio d'orgulho os olhos desvia
Do pó de que veiu, e a que hade volver?

Quem é que do luxo, do fausto e riqueza,
Seduz e deslumbra seu falso luzir?
E louco e vaidoso da sua grandeza
A fome, a miseria contempla a sorrir?

Quem é que no ouro se engolfa, se enleva,
Que o pobre em trabalho e fadigas lhe deu?
E o pobre despreza que a prece lhe leva,
Pedindo uma esmola—d'aquillo que é seu?—

Riqueza o que vale, se dura um instante?
Orgulho e soberba, que podem, que são?
A planta rasteira e o cedro gigante
Um sôpro de Deus nivela-os no chão.

Pompeia, Herculenum, cidades famosas,
Lá jazem submersas, envoltas no pó!
Imperios, cidades, campinas formosas
A mão do destino esmaga sem dó.

De Deus aos decretos a fronte curvemos...
Arcanos do Eterno quem ousa sondar?
Se o pranto inda corre do mal que soffremos,
Do Céu doce esperança nos vem animar.

Arroja-se o Tejo por sobre a ramagem
Das verdes campinas já quasi a florir,
E alaga e destroe na horrenda voragem
As galas que a terra começa a vestir.

Recresce a corrente, e a messe tenrinha
D'envolta com as aguas se perde, se vai;
Ao choço abraçada singela florinha
Resiste, mas cede— no abysmo descai.

Vetusto arvoredado se acurva, se dobra,
Estala em pedaços na lucta por fim:
Indomita a furia do Tejo redobra,
Que nunca tão forte se viu outra assim.

Do rico a herdade no chão abatida
Ao lado da choça do pobre zagal!...
Às vezes o Eterno nos trances da vida
Ensina aos humanos a lei fraternal.

Por sobre ruinas as aguas crescendo
Sepultam do pobre e do rico o haver:
Aquillo que os homens separam, podendo,
Unido lá fica no lodo a jazer!

De Deus aos decretos a fronte curvemos...
Arcanos do Eterno quem ousa sondar!
Se o pranto inda corre do mal que soffremos,
Do Céu doce esperança nos vem animar.

Os povos dispersos, sem pão nem abrigo,
Em pranto e gemidos supplicam perdão:
E Deus que dos homens é sempre o amigo,
Aos homens estende benefica mão.

Centelha divina, do Céu pura essencia,
Na terra se espalha com vivo fulgor,
E o fogo sagrado da BENEFICENCIA
Se accende no peito de servo, e senhor.

Bem hajam aquelles que vem caridosos
Ao pobre que geme soccorro offertar!
Bem hajam aquelles que vem pressurosos
Ao triste que chora seu pranto enxugar!

J. M. VELLOSO.

Abaixo publicamos um importante trabalho, producto das lucubrações d'um compatriota nosso, o Sr. J. C. A'Nell de Medeiros, que honra sobremaneira seu auctor, segundo nos têm informado pessoas competentemente habilitadas, e que nos arrojados calculos do nosso joven Mathematico e na

exactidão e precisão com que os expõe, divisam uma d'essas naturezas ferteis d'invenção a cuja tenacidade as sciencias devem o seu progresso e desinvolvimento.

A *Revista* folga de ter mais um Açoreano em o numero de seus redactores.

Pena é que tão útil como honrosa coadjuvação viesse tão tarde; mas a culpa não foi nossa, mas da modestia do Sr. Medeiros, que possuindo alguns trabalhos d'este genero não se lembrou, que o homem não só pertence a si, mas á sociedade, e que não só no mundo physico, mas no mundo moral, há thesouros que escondel-os é um crime.

Ouvimos com prazer, que o Sr. Medeiros possuia uma natural propensão para as Mathematicas, e que o sabio professor de Mathematica o Sr. Rufino tencionava condecoral-o este anno com o premio devido ao seu trabalho e talento; e o nosso prazer foi tanto maior por ser o Sr. Medeiros natural d'uma ilha dos Açores, do Fayal.

Os premios, quando recahem sobre capacidades como a do Sr. Medeiros honram não só os discipulos, que o recebem, como os mestres, que os liberalisam; são alem d'isso um poderoso estímulo para infundir na juventude o amor da sciencia; do contrario constituem uma moeda depreciada, aviltam aquelles que os dão e aquelles que os recebem, e produzem um effeito desastroso em muitos corações generosos, que não vendo premio nem o trabalho, nem o talento, deduzem a consequencia que o pedantismo e a corrupção são os unicos degraus para ganhar as coroas da sciencia.

Se o tempo e o espaço nos não faltassem haviamos d'expôr mais extensamente as nossas idéas a tal respeito, e fal-o-iamos tanto mais desassombrados, quanto não nos poderiam accusar de abrigarmos a tal respeito o mais pequeno interesse.

Enchemo-nos sempre de tanta satisfação quando temos de louvar uma acção nobre ou de prestar culto ao talento, que com a mão sobre o coração podemos aqui dizel-o neste jornal, redigido por Academicos, e lido principalmente por Academicos, que uma accusação de tal natureza nos faria, quando muito, rir de compaixão.

O trabalho do Sr. Medeiros versa sobre uma demonstração da regra de Cramer.

Esta demonstração a pesar de não differir essencialmente da que se encontra na 2.^a traducção da *Algebra Elementar* de Fran-

coeur (pag. 180 nota) differe com tudo muito sensivelmente em que os principios, que lhe servem de base são deduzidos do texto por indução, em quanto que aqui estão demonstrados em toda a sua generalidade: colhemos esta informação de pessoa que nos merece todo o credito, e por isso folgamos de lhe darmos publicidade.

Com estes trabalhos a mocidade Academica honra-se a si e á patria.

Ha mezes um jornal de S. Miguel transcrevendo um artigo do nosso presado collega e amigo Manoel Alves Guerra, felicitava-se por se acharem á frente da *Revista* dous Açoreanos; este jornal teria agora de accrescenter mais um, o Sr. Medeiros.

A *Revista Academica* no seu ultimo dia d'este anno regista os seus nomes com saudade e agradece-lhes o nunca terem duvidado da sua existencia.

Quando este anno todos a criam morta, um brado d'enthusiasmo proferido por um mancebo dos Açores protestava, que ella havia de viver ainda, para morrer com honra, se a morte fosse inevitavel. É excusado dizer quem defendeu primeiro a honra do jornal e baste-nos só dizer, que foi aquelle a quem competia, mais do que a ninguém, o defendel-a.

Mas de pouco ou nada valeriam seus esforços, se não fossem soccorridos por outros de igual ou maior força.

Para que é tornar a repetir aqui, o que noutra parte já affirmámos, a respeito d'um dos nossos mais distinctos collegas na redacção d'este jornal, o Sr. Santos e Silva?

Sentimos porém ter de lamentar a falta de continuação d'um bello e eloquente artigo do nosso amigo Sebastião de Carvalho sobre liberdade de commercio; bem como outro sobre areostação do nosso amigo o Sr. Albino Giraldes, com quanto das poucas paginas, que elle escreveu na *Revista* sobre tal objecto, se possa tirar ampla colheita de conhecimentos. Os afazeres porém do Sr. Giraldes, e o pouco tempo, que lhe resta dos seus estudos sobre Medecina servem-lhe de desculpa.

A traducção do nosso amigo Manoel Alves Guerra, que vem publicada sob o titulo de *Reflexões sobre o theatro Allemão*, que dizem ser de Benjamin Constant, é um trabalho digno de ser lido; e confiamos, que o Sr. Guerra, não deixará por concluida a elegante traducção que principiou.

Não nos lembra, que ficasse mais algum

artigo por concluir, a não ser o do Sr. Queiroz, sobre instituições de credito, artigo profundamente elaborado e que promettia muito. Ha tambem a Zoleida do Sr. Marrecos; mas o seu autor desculpa-se mui bem com o titulo que adoptou para o seu romance — *Canto que não teve principio, nem ha de ter fim.*

Faltou tambem ao Sr. Harcourt o concluir a sua introdução nos Estudos Historicos. Talvez que o Sr. Harcourt desfallecesse deante dos graves e importantes problemas da philosophia da historia.

Nem todos têm a poderosa e fecunda natureza de Robertson, de Cantu, de Thierry e d'Alexandre Herculano para abordar as regiões da historia.

Sem querermos dar a este artigo as proporções de critica litteraria, diriamos, que o estylo de que ordinariamente se serve o Sr. Harcourt é tão declamatorio, tão diffuso, e tão abundante de adjectivos, que nunca pôde ser esse o estylo de que deve usar o historiador philosopho.

O Sr. Harcourt muitas vezes parece esquecer-se, que escrever é exprimir o seu character e o seu pensamento.

O estylo litterario pelo contrario é para elle, um tecido artificial, como lhe chamava o nosso espirituoso amigo Santos e Silva, nas nossas palestras litterarias, um não sei que de estranho á alma, que se faz com a penna, como se faz com os dedos uma obra mechanica.

Na verdade o Sr. Harcourt possui no mais alto grau o segredo de desinvolver, de commentar, d'inchar, para assim me exprimir, uma idéa, mas em toda essa pompa de palavras, em todo esse mixtiforio d'idéas, onde está o ser real, que uma expressão verdadeira faria desaparecer como um sonho?

Resta-nos agora dizer duas palavras sobre um pequeno escripto, que principiamos, e que não pudemos levar ao cabo este anno, como haviamos promettido — *Paginas de vida intima*; os motivos vamos expol-os francamente aos nossos leitores; foram primeiramente esta natural repugnancia, que se tem sempre, quando o heroe do romance é o proprio individuo que escreve. Ha segredos, que devem ficar no fundo do coração; revelal-os é profanal-os.

O mundo d'hoje não merece, que lhe abramos os braços e o coração; é como a serpente enregelada, que depois d'aquecida rasgava as entranhas do seu bemfeitor.

Se lhe pintais os vossos affectos d'infancia, as caricias de vossa saneta mãe, e as doces virtudes de vossa irmã, clama que não sentís o que affirmaes, porque para elle nada disso existe; se julgando que elle vos ha de ouvir com bondade e indulgencia lhe revelais todos os erros, que a vossa inexperiencia vos fez praticar, todos os desvarios, que as vossas paixões vos fizeram commetter, julga-vos ainda mais corrupto, e inflamado d'um zelo hypocrita, da vossa ingenua confissão deduz as mais revoltantes consequencias.

Depois, quando emprehendemos este trabalho, tencionavamos limital-o sómente a dous a trez capitulos, e nuaca dar-lhe as proporções de *memorias*; alguém houve depois que nos estimulou a continuar. Na verdade pouco é o que temos escripto, mas sempre mais do que haviamos tencionado escrever.

O segundo motivo foi tambem a necessidade de dar cabimento em nossas columnas a outros artigos, que nos pareciam ser de maior interesse.

Ora eis aqui as razões em que nos estribamos para nos defendermos de não ter continuado, estas, se assim se podem chamar, pequenas *memorias* da nossa vida.

Deviamos ás nossas amáveis leitoras, que por vezes se hão dignado perguntar-nos pela continuação das *Paginas de vida intima*, esta explicação.

Comtudo, como infelizmente as havemos principiado, é força que um dia lhe demos remate; mais alguns annos de leitura e d'experiencia deverão dar-lhe um valor, que ellas, bem o sei, não possuem hoje, por isso que são escriptas por um mancebo, que muitas vezes tem o defeito de julgar os outros por si.

E como os acontecimentos da nossa vida occorridos em Coimbra tem a vantagem de serem de data mui recente, e como taes, mais presentes á nossa memoria, tencionamos publicar para o anno esta parte primeiro ainda que a segunda, a qual envolve o periodo todo da revolução de 1846 e 1847 em que tivemos a honra de nos alistarmos como voluntario. Reservamos assim para mais tarde a apreciação d'aquella gloriosa lucta, e dos characteres, que nella figuraram; porque essa historia precisa de ser meditada e reflectida.

Já não é assim a da nossa vida academica.

Promettemos ser francos não só no juizo litterario, que formarmos dos membros do Professorado, mas sobre a necessidade de reformar a velha legislação Academica. Queremos que um dia o Academico de Coimbra abrindo as paginas escriptas por um camarada, que, sempre que pôde, defendeu, nos limites traçados pela razão e pela justiça, a nobre causa da mocidade Academica, diga de nós estas palavras, que unicamente ambicionamos: «este bem mereceu de seus irmãos da Academia, este sempre que foi preciso levantar a voz contra a injustiça e oppressão, fel-o sem medo e com a mão sobre o coração.»

Se o destino permittir, que um dia, cansados de luctas e fadigas, venhamos repou-sar á sombra d'este antigo e glorioso edificio das letras, ser-nos-ha doce o folhear as paginas da nossa vida academica e repetir os nomes dos nossos camaradas e amigos.

Alexandre Meyrelles.

Demonstração geral da regra de Cramer.

1. Para formar todas as permutações, de que um numero qualquer n de letras é susceptivel, tomem-se duas primeiramente e permutem-se; no que não ha difficuldade. Para mais facil execução nas operações e mais symetria nos resultados, convém começar pelas primeiras duas, ou pelas ultimas duas letras.

Optando agora pelo primeiro methodo, eis o resultado:

$ab, ba.$

Á direita de cada uma d'estas permutações escreva-se a letra c fazendo-a percorrer successivamente os outros dois logares, a partir para a esquerda; por este processo se obterão todas as permutações das primeiras trez letras na forma seguinte:

$abc, acb, cab, bac, bca, cba.$

Á direita de cada um d'estes termos escreva-se a quarta letra d e percorram-se com ella todos os logares, como se fez precedentemente; acham-se por este processo todas as permutações das primeiras quatro letras a, b, c, d , como se segue:

$abcd, abdc, adbc, dacb, acbd, acdb,$

$adcb, dacb, cabd, cadb, cdab, dcab,$

$bacd, badc, bdac, dbac, bcad, bcda,$

$bdca, dbca, cbad, cbda, cdab, dcba.$

Procedendo successivamente do mesmo modo com as letras restantes, se vão formando todas as permutações de 5, 6, 7, ... até chegar ao numero n das letras, cujas permutações se pretendem.

É muito facil reconhecer o numero total das permutações, que se podem fazer com duas, trez, quatro e mais letras; mas isto não basta: é necessario saber determiná-lo *a priori* a respeito de qualquer numero n de letras.

Supponhamos pois, que é conhecido o numero total de permutações das $n-1$ letras, o qual designaremos por $P_{(n-1)}$: para obter todas as permutações das n letras a regra manda, que se faça percorrer á ultima letra todos os n logares de cada uma das $P_{(n-1)}$ permutações de $n-1$ letras; logo, o numero das permutações das n letras é:

$$P_{(n-1)} \times n.$$

Seja $n=2$: $P_{(n-1)}$ é igual a 1; e portanto, o numero de permutações de duas letras é: 1×2 . Seja $n=3$: o numero que se pertende, é $P_{(2)} \times 3 = 1 \times 2 \times 3$. Seja ainda $n=4$: o numero pedido será

$$P_{(3)} \times 4 = 1 \times 2 \times 3 \times 4.$$

Em geral: para um numero qualquer n de letras o numero total de permutações é: $1 \times 2 \times 3 \times 4 \times \dots \times n$.

Isto pôde servir para verificar, se o numero das permutações achadas pelo processo indicado está ou não completo.

Se houver excesso, o que mui difficilmente acontecerá, é porque se repetiu alguma permutação, que é preciso eliminar; mas, se houver defeito, cumpre, primeiro que tudo, verificar se se omittiu ou não algum dos logares, que a ultima letra devia percorrer; e, se com effeito não houve ommissão, o erro vem de mais longe, e é necessario ir corrigil-o aonde se encontrar. É evidente, que em qualquer dos casos o erro não está na regra do processo; mas no modo de proceder.

2. *Todas as permutações de n letras podem tomar-se duas a duas, que differam entre si sómente pela inversão de duas letras podendo estas ser quaesquer.*

Verifica-se este theorema nas permutações de duas letras *ab*, *ba*, e também nas de trez, escrevendo d'um lado as que se fazem com *ab* e do outro as que se fazem com *ba* d'este modo:

<i>abc</i>	<i>bac</i>
<i>acb</i>	<i>bca</i>
<i>cab</i>	<i>cba</i>

e praticando do mesmo modo a respeito das permutações restantes, não ha difficuldade em crer, que do mesmo modo se obtêm todos os termos, dois a dois, differindo tão sómente pela inversão das duas letras *a* e *b*; mas o principio é geral, e não se refere só á inversão das letras *a* e *b*. Em consequencia, vamos demonstrar, que, se elle é verdadeiro para os termos permutados de *m* letras, também o será para os termos de *m + 1* letras das permutações immediatas; e assim concluiremos, que elle é verdadeiro em toda a sua generalidade; porque, tendo-o sido para os termos permutados de duas let-

$$\left(\frac{1 \times 2 \times 3 \times \dots \times m}{2} + \frac{1 \times 2 \times 3 \times \dots \times m}{2} \right) (m+1) = 1 \times 2 \times 3 \times \dots \times m \times (m+1)$$

me este numero estará completo; mas, pelo modo, porque effectuámos estas permutações, em nada se alterou a ordem primitiva das *m* letras, e, como a letra, que se introduziu novamente, não percorreu os *m + 1* logares de *AαIεC* sem que n-uma ordem identica percorresse também os *m + 1* logares de *AεIαC*, segue-se, que as letras antecedentes, intermedias e consequentes a respeito de *α* e *ε* conservam n-este resultado a mesma relação, em que estavam primitivamente; mas d'esta relação é que dependia differirem as permutações de *m* letras, duas a duas, sómente pela inversão de *α* e *ε*; logo, as permutações das *m + 1* letras só differem, duas a duas, pela inversão de *α* e *ε*, como se pertendia demônstrar.

3. Supponhamos, que se separam as permutações pelos signaes + e —, passando d'um para o outro por cada logar, que uma letra percorre successivamente para formar uma permutação: digo, que os resultados terão o mesmo ou differente signal, confor-

tras, sêl-o-á para os que contiverem trez; e, sendo-o para estes, será também verdadeiro para os de quatro letras, e assim por diante.

Designemos por *α* e *ε* quaesquer duas letras; por *AαIεC* a expressão geral de todos os termos permutados de *m* letras, em que *α* e *ε* guardam esta mesma ordem, e por *AεIαC* a expressão geral de todos os termos permutados, em numero igual ao primeiro, das mesmas *m* letras, em que *α* e *ε* guardam a ordem inversa.

As letras *A*, *I*, *C* exprimem respectivamente as letras antecedentes, intermedias, e consequentes a respeito de *α* e *ε*, identicamente eguaes, no mesmo numero e na mesma ordem em ambas as expressões.

A somma das permutações das *m* letras é da forma:

$$\Sigma (A\alpha I\epsilon C, A\epsilon I\alpha C).$$

Introduzindo uma nova letra, de modo que ella percorra d'um e d'outro lado successiva e simultaneamente todos os *m + 1* logares das permutações propostas, o numero das novas permutações será:

me este numero de logares for par ou impar.

Com effeito, se por um numero qualquer *n* de logares, que uma letra percorreu, se fez preceder o resultado de um dos signaes ±, á $(n + 1)^a$ mudança immediata de logar se escreverá, por hypothese, o signal contrario; mas, se *n* é par ou impar, *n + 1* será impar ou par; logo, se por todas as mudanças pares de logar se escreve o signal ±, por todas as mudanças impares se deverá escrever o signal contrario. Por tanto, dois termos quaesquer serão affectados dos mesmos signaes ou de signaes contrarios, conforme o numero de logares percorridos for em ambos par ou impar, ou em um d'elles for par ou impar e no outro impar ou par.

4. Dois termos, que só differirem entre si pela inversão de duas letras, serão affectados de signaes contrarios.

Como neste caso as letras antecedentes, intermedias, e consequentes correram o mesmo numero de logares, façamos abstracção

d'ellas, e para mais generalidade, imaginemos, que duas letras occupam duas posições entre as quaes medeia certo numero de logares, que as mesmas letras tem de percorrer para se collocarem inversamente. Em quanto nenhuma d'ellas se muda, o numero de logares percorridos é zero, e zero deve-se considerar como par, porque 0 ± 1 é impar. Ora, como as duas letras não podem occupar ao mesmo tempo o mesmo logar, segue-se, que, em quanto uma percorre n logares, a outra não póde percorrer senão $n - 1$; logo, a somma dos logares, que ambas percorrem para se inverterem, é $2n - 1$; mas, $2n - 1$ só póde representar um numero impar, sendo, como deve ser, n numero inteiro; logo, aonde houver inversão de duas letras ha numero impar de mudanças; logo, haverá mudança de signal (n.º 3).

5. Se todos os termos permutados d'um resultado forem alternadamente precedidos dos signaes + e —, é evidente, que o seu valor será perfeitamente nullo. Mas, se quizermos, que elle tenha um valor real, basta convencionar, que uma mesma letra accentuada de diferentes modos tenha diferentes valores.

Por conseguinte, se, depois de formadas todas as permutações de um numero qualquer de letras, accentuarmos todas estas em cada uma d'aquellas com os accentos ' " " " etc., escrevendo o accento ' sobre a segunda letra, o accento " sobre a terceira, e assim por diante, o resultado vem a compor-se de termos, nos quaes os mesmos accentos estão postos sobre letras diferentes, e portanto, são todos desiguaes; mas, sendo desiguaes, podem-se fazer preceder alternadamente dos signaes + e — sem que o polynomio se reduza a zero.

Ora, do que fica demonstrado (n.ºs 2 e 4) deduz-se, que um tal polynomio é da forma:

$$\left. \begin{aligned} ax + by + cz + \dots + r &= 0 \\ a'x + b'y + c'z + \dots + r' &= 0 \\ a''x + b''y + c''z + \dots + r'' &= 0 \\ \dots &\dots \\ a^{(n-1)}x + b^{(n-1)}y + c^{(n-1)}z + \dots + r^{(n-1)} &= 0 \end{aligned} \right\} \dots (1)$$

Tomemos a somma das permutações das $n - 1$ letras b, c, d, \dots até r exclusiva-

$$\Sigma (b'c'd'' \dots) = P_{(n-1)}, \quad \Sigma (bc'd''' \dots) = P_{(n-1)}, \quad \Sigma (bc'd'''' \dots) = P_{(n-1)} \dots$$

$$\Sigma (\pm (AaI\epsilon C - A\epsilon I\alpha C),$$

onde a mudança de α em ϵ dá:

$$\Sigma (\pm (A\epsilon I\epsilon C - A\epsilon I\epsilon C) = 0.$$

Portanto, se no polynomio, de que se tracta, for mudada uma letra em outra, o resultado será nullo.

6. Como um polynomio de n letras se forma do polynomio de $n - 1$, e como cada uma das n letras tem de passar por todos os accentos desde zero até $(n-1)$ inclusive, e como finalmente por cada passagem se opera uma mudança de signal, podemos formar o polynomio de n letras, distribuindo por todas as letras de cada um dos termos do polynomio de $n - 1$ letras: 1.º todos os $n - 1$ accentos ' " " " \dots $(n-1)$; 2.º todos os $n - 1$ accentos, excepto ' ; 3.º os $n - 1$ accentos, menos " \dots e finalmente os mesmos $n - 1$ accentos, excepto o ultimo $(n-1)$; dando depois por factor commum a todos os diferentes termos d'estes polynomios, respectivamente, a letra que se quer introduzir 1.º com o signal + e sem accento; 2.º com o signal — e accento ' ; 3.º com o signal + e accento " ; \dots e finalmente com o signal \pm e o accento $(n-1)$.

Note-se, que por este processo escreve-se o polynomio n vezes; e como de cada uma se multiplica pela nova letra, o resultado vem a ser precisamente $P_{(n-1)} \times n$; isto é: todas as $1 \times 2 \times 3 \times \dots \times (n-1) \times n$ permutações de n letras; advertindo ainda, que o factor commum está acompanhado de quanto basta para indicar o logar, que deve occupar em cada uma das permutações com as respectivas mudanças de signal.

7. Sejam as n equações lineares;

mente, fazendo pela regra do n.º precedente os resultados:

Multipliquemos respectivamente as equações (1) por

$$\begin{array}{l}
 P_{(n-1)} - P'_{(n-1)}, P''_{(n-1)}, \dots, \pm P^{(n-1)}_{(n-1)} \\
 \left. \begin{array}{l}
 aP_{(n-1)} \\
 -a'P'_{(n-1)} \\
 u''P''_{(n-1)} \\
 \dots \\
 \pm a^{(n-1)}P_{(n-1)}
 \end{array} \right\} x + \left. \begin{array}{l}
 bP_{(n-1)} \\
 -b'P'_{(n-1)} \\
 +b''P''_{(n-1)} \\
 \dots \\
 \pm b^{(n-1)}P_{(n-1)}
 \end{array} \right\} y + \dots + rP_{(n-1)}
 \end{array}$$

(conforme for n impar ou par), e sommos os productos; teremos:

$$\left. \begin{array}{l}
 \dots + rP_{(n-1)} \\
 r'P'_{(n-1)} \\
 r''P''_{(n-1)} \\
 \dots \\
 \pm r^{(n-1)}P_{(n-1)}
 \end{array} \right\} = 0 \dots \dots (2)$$

É evidente, que pela introdução d'estes factores ficam ambos os membros em cada equação multiplicados pela mesma quantidade, e assim nenhuma d'ellas se altera. Mas, a multiplicação de $P_{(n-1)}$ por a , de $-P'_{(n-1)}$ por a' , de $P''_{(n-1)}$ por a'' , ... equivale á introdução da letra a no 1.º, 2.º, 3.º, ... logar de cada permutação das $n - 1$ letras b, c, d, \dots mudando alternadamente os signaes; logo, o coefficiente de x na equação

(2) é a somma das permutações das n letras a, b, c, \dots formadas pelo processo do n.º 1, e em perfeita conformidade com a hypothese do n.º 3 e com a convenção do n.º 5.

Ora, os coefficientes de y, z, \dots não são mais do que o mesmo coefficiente de x mudando a letra a em alguma das $n - 1$ letras b, c, d, \dots ; logo, são nullos (n.º 5). Por outro lado é claro, que a somma dos productos

$$rP_{(n-1)} - r'P'_{(n-1)} + r''P''_{(n-1)} - \dots \pm r^{(n-1)}P_{(n-1)}$$

a qual tambem não é mais do que o mesmo coefficiente de x com a mudança de a em r , não é nulla; porque r não entra na somma das permutações das n letras a, b, c, \dots ; portanto, chamando K ao coefficiente de x , a equação (2) fica reduzida a:

$$Kx + {}^aK_r = 0$$

designando aK_r o polynomio em que se con-

verte K depois que n -este se muda a em r ; e temos por consequencia final:

$$x = \frac{{}^aK_r}{K}$$

expressão formada segundo a regra de Cramer.

J. C. A'Nell de Medeiros.

Exhortação que fez a seus discipulos o professor da 3.ª cadeira do Lyceo Nacional d'Angra do Heroismo, no fim do exercicio público que fizeram nas disciplinas que haviam estudado, no anno de 1847.

Senhores, tendes concluido a recordação geral das doutrinas, que foram objecto das vossas lições, nos ultimos tempos do presente anno lectivo. A arena, que se offereceu ao desinvolvimento do vosso talento e applicação for certamente mui curta, mas o acahnado periodo de dous mezes não nos per-

mittiu fazer mais. Estas disciplinas são geralmente sabidas na prática; mas as suas demonstrações e principios fundamentaes, em que vos instruístes, são tão necessarios e importantes, que sem o seu perfeito conhecimento não se póde fazer progresso no estudo das outras disciplinas que são objecto d'esta aula.

Continuae pois na carreira dos estudos, como da estrada real, que conduz o homem á verdadeira felicidade. « As letras dizia o grande orador romano, amigas inseparaveis do homem, nunca lhe são molestas na car-

reira da vida. Formam na infancia; alentam na juventude; deleitam na velhice. Na desgraça animam e consolam; na prosperidade dão maior brilho ao esplendor da fortuna; entretêm de dia e de noite; servem de passatempo no labyrintho das cidades, de occupação nos campos, e de repouso e recreio nas fadigas das viagens. São o unico remedio poderoso contra esse achaque funesto, chamado aborrecimento, que devora o coração do homem ainda no meio das maiores riquezas e dignidades da terra. »

Plinio pensava do mesmo modo. Elle considerava o estudo como o unico preservativo efficaz e consolador de todos os males moraes. Mas talvez vos pareça encarecido e exagerado este elogio das letras, considerando no estudo dos elementos de quaesquer sciencias certa difficuldade e displicencia, que o fazem parecer ao principio fastidioso e amargo; mas se reflectirdes seriamente, achareis, que a docilidade e paciencia do discipulo juncta aos cuidados e desvelos do mestre aplanam o caminho e levam a mocidade a colher as rosas da sabedoria sem os espinhos que as cercam.

Horacio certamente não cogitou das doçuras do estudo, quando na sua carta aos Pisões nos pinta a vida do estudante como uma vida de martyr. Todas essas longas vigílias, todos esses frios e suores, e continuadas lucubrações são as maiores delicias e encantos da mocidade estudiosa.

E quaes são os officios e occupações do homem, que tambem se nos não figurem ao principio penosos e difficeis? Nossos antepassados ao abrirem a seus filhos as portas do mundo, apresentavam-lhes duas veredas, como unicas que conduziam á grandeza e á gloria—ou armas ou letras—era o passaporte que lhes davam para entrarem na vida social. Mas quão differentes são estes dous caminhos de grandeza e de gloria? O primeiro apresenta-se-nos todo juncado de flores, gozando quem por elle passa de todos os encantos e delicias da paz: o segundo um vasto campo de ruinas todo ensopado de sangue e alastrado de mortos, por onde o ceminhante a cada momento é sobresaltado e estrugido pelo continuo trovejar de instrumentos de guerra e de morte. Oh! que differença? A gloria das armas é com effeito brilhante, mas a das letras é mil vezes mais doce e preciosa. Não está sujeita como aquella ás vicissitudes da occasião e do tempo, nem como ella depende de tantos auxilios

estranhos. Nasce comnosco, é toda nossa. A superioridade que dá ao homem, está muito acima da que podem dar, o nascimento, a riqueza, e as honras; porque estas fontes de grandeza estão fóra da nós, ao passo que o espirito é propriedade nossa, constitue nossa essencia, é nós mesmos. Os louros do sabio não são como os do heroe manchados de sangue.

Segui pois, senhores, a carreira das letras que se vos abre neste Lyceu Nacional; empregae no estudo todo o vigor da vossa idade e talento esperançoso, para que depois sejais cidadãos sabios e virtuosos.

Um dos quadros mais primorosos que sahio da habil penna de *Tacito*, foi sem duvida o retrato que nos fez de *Helvidio Prisco*, senador romano. « Ainda mui moço, diz o annalista, já era conhecido pelo seu grande talento. Applicou-se com todo o ardor da sua idade aos estudos sublimes; não como a maior parte dos outros mancebos, para encobrir com um titulo pomposo a sua vida inutil e ociosa, mas para adquirir os conhecimentos necessarios para entrar no serviço público, e arrostar com firmeza e resolução as vicissitudes do tempo. Estes estudos lhe ensinaram a não conhecer outro bem e outro mal, senão a virtude e o vicio, e a ter como indifferente tudo o mais que fosse estranho á nossa alma. Foi bom filho, bom esposo, bom pae, bom amigo, bom senador, bom cidadão, 'numa palavra perfeito em todos os deveres da vida social. Intrepido e tenaz em deffender a sua opinião, quando a julgava justa e razoavel, desprezava igualmente as riquezas e a morte. Aborrecia tanto a tyrannia, que ameaçando-o um dia com a morte o imperador *Vespasiano*, que lhe não podia soffrer animo tão exempto e indomavel, lhe tornou: pódes matar-me, obrando assim, obras como é proprio de ti; e eu morrendo, farei o que é proprio de mim. »

Imitae, senhores, o exemplo de *Helvidio Prisco*. Vós estais na primavera da vida, dotados como elle, d'um talento todo florido de esperanças; applicae-vos aos estudos sublimes; colhei as luzes necessarias para bem servirdes quaesquer empregos ou occupações a que vos destineis; porque então sabios e virtuosos, como o senador romano, sereis bons filhos, bons esposos, bons paes, bons cidadãos, emfim as delicias e a gloria da vossa patria